

BRUNNEN

1999
1000000000

*Memórias
de um
Vampiro*

KATHY LOVE





Eu não sabia que vampiros podiam ter amnésia...

Será que meus olhos estão me enganando...? Eu estou mesmo vendo meu irmão andando por nosso apartamento de Nova York... sorrindo? Rhys, o homem recluso, sério e mal-humorado que assumiu o lugar de nossos pais e se encarregou de criar os irmãos mais novos, está ocupado com outras atividades agora. Na verdade, ele está me fuzilando com os olhos porque cumprimentei a linda moça que saiu do quarto dele...

seminua! Jane é o nome dela. Que estranho... Meu irmão, envolvido com uma mortal?

Mas não é só isso que me preocupa...

Algo terrível aconteceu ontem à noite, algo que fez Rhys quebrar sua própria regra e salvar a vida de uma mortal. O problema é que ele não se lembra de nada dos últimos duzentos anos. Não se lembra nem mesmo que é um vampiro, e não um visconde com sotaque inglês!

Bem, tudo o que sei é que Jane conseguiu descongelar o coração de Rhys, e eu, Sebastian Young, farei qualquer coisa para ajudá-lo a ficar com ela...

Querida leitora,

Rhys Young salva a doce Jane de um ataque brutal, mas depois se afasta dela para salvá-la de si mesmo. Jane não entende por quê, pois embora ele tenha algumas esquisitices, como alergia a sol, aversão a espelhos e um estranho fetiche por consumir proteínas, ele é um homem atraente, simpático e sexy e completa o seu mundo como nenhum outro homem. Jane nem sonha que Rhys é, na verdade, um vampiro, e um vampiro com segredos...

Leonice Pompônio Editora

Copyright ©2005 by Kathy Love

Originalmente publicado em 2005 pela Kensington Publishing Corp.

PUBLICADO SOB ACORDO COM KENSINGTON PUBLISHING CORP.

NY, NY — USA

Todos os direitos reservados.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

TÍTULO ORIGINAL: FANGS FOR THE MEMORIES

EDITORIA

Leonice Pomponio

ASSISTENTES EDITORIAIS

Patrícia Chaves

Silvia Moreira

EDIÇÃO/TEXTOS

Tradução: Eliana Campos

ARTE

Mônica Maldonado

MARKETING/COMERCIAL

Andréa Riccelli

PRODUÇÃO GRÁFICA

Sônia Sassi

PAGINAÇÃO

Ana Beatriz Pádua

Copyright © 2010 Editora Nova Cultural Ltda.

Rua Butantã, 500 — 9 andar — CEP 05424-000 — São Paulo - SP

www.novacultural.com.br

Impressão e acabamento: Prol Editora Gráfica

Capítulo I

— E aí, bonitão! Quer companhia para a noite de Natal?

Rhys parou diante do bar e olhou para as duas mulheres encostadas na parede.

Usavam vestidos provocantes sob os casacos abertos, oferecendo os corpos prontos para dar prazer a quem pagasse. Uma delas estava arrepiada de frio, e mesmo assim, se expunha numa pose sedutora, devorando-o com olhar desesperado. A fumaça do cigarro escapava dos lábios vermelhos, confundindo-se com a névoa da respiração formada pela noite fria.

E ele achou que teria uma tediosa noite de Natal...

— Não preciso de companhia, obrigado. Só quero um drinque. — Rhys fez um gesto indicando a porta do bar.

— Ora, vamos, querido! Temos o que você precisa bem aqui.

A mulher jogou o cigarro e atirou uma minúscula guirlanda artificial na direção dele.

Era uma imitação barata, mas Rhys não viu motivo para mencionar o fato.

— Desculpe, mas não, obrigado.

— Bem, depois que você tomar seu drinque, estarei esperando por você.

A mulher sorriu, apanhando o enfeite natalino do chão para colocar na lapela do casaco.

Rhys não respondeu e passou por elas para empurrar a porta do bar. Avaliou o interior escuro e esfumaçado e olhou por sobre o ombro para as duas prostitutas.

Se os sentidos dele estivessem corretos, elas mal haviam atingido a maioridade.

No entanto, pareciam velhas e cansadas, ao contrário de ele próprio, com seu corpo jovem e existência ancestral. Num impulso, procurou a carteira no bolso. A mulher com a guirlanda observou o movimento e passou a língua da sobre os lábios artificialmente vermelhos, enquanto a outra se moveu para mais perto, com os olhos brilhando em antecipação.

Não, eles não eram diferentes, Rhys percebeu. Eram exatamente iguais. A fome os consumia, fazendo-os realizar coisas que jamais imaginavam serem capazes. A única diferença era a amargura que estava impregnada na pele daquelas mulheres, enquanto a dele permanecia escondida nos recantos mais sombrios de sua alma.

Rhys hesitou por um momento, e finalmente tirou o dinheiro. Merecia pagar por sentir simpatia por aquelas mulheres. Devia ser a estação. O Natal sempre o tocara de uma forma estranha.

Não podia deixar que as duras lições que aprendera escapassem de sua mente.

Mesmo assim, estendeu uma nota de cinquenta dólares para cada uma.

— Encontrem um lugar quente para passar a noite.

As duas arrancaram o dinheiro das mãos dele como duas ladras ávidas pela posse de um bem valioso.

— Obrigada, senhor. — Uma delas se voltou para a parceira. — Venha! Vamos festejar.

As mulheres seguiram pela calçada e Rhys as acompanhou até deixar de ouvir o som dos saltos altos no pavimento.

Sim, eram parecidos, concluiu. Agora, que estavam satisfeitas, aquelas mortais seguiriam em frente, assim como ele. Aquele era seu destino.

Rhys entrou no bar e a porta bateu com um estalido seco. Imediatamente, ele foi envolvido pelo brilho surreal do néon azul e vermelho do letreiro sobre o balcão. Sentou-se no último banco e pediu uma dose de uísque. Enquanto esperava, girou o corpo e avaliou o ambiente.

O bar estava quase vazio. Apenas alguns frequentadores ocupavam as mesas do local decadente. Afinal, era noite de Natal.

Voltou a atenção para o copo que o garçom deixou diante dele e fixou o olhar no líquido cor de âmbar. Mesmo aparentando indiferença, estava consciente de tudo que acontecia naquele espaço confinado.

Os dois homens na mesa do canto eram frequentadores regulares. Tomavam uísque e fumavam cigarros com filtro. Ambos se esqueciam do vazio das existências de cada um naquela mesa de bar.

O senhor no banco perto dele reclamava que a mulher o abandonara. Claro, ele se esquecera de mencionar que espancara a esposa durante anos antes que ela finalmente se lembrasse do próprio orgulho.

A mulher no outro extremo do bar usava perfume barato em abundância. Esperava por alguém. Um amante? Rhys quase podia sentir o gosto da ansiedade que exalava dela, embora não pudesse dizer se a luxúria era pelo homem ou pelas drogas que ele certamente traria.

Os quatro homens jogando bilhar eram amigos e celebravam juntos, não o Natal, mas o fato de que o mais jovem acabara de sair da prisão. Fora solto por bom comportamento, mas não demonstrava a mesma disposição para seguir as regras do lado de fora das grades.

Aqueles eram os tipos que se encontravam nos bares numa noite de Natal.

Pessoas sem família, amores ou vida. Os perdidos, os famintos, os violentos...

Exatamente como ele.

Rhys esvaziou o copo e fez um gesto para que o garçom o completasse. A bebida o anestesiava. O álcool não o afetava como às pessoas comuns, mas anestesiava seus sentimentos e o tornava capaz de viver sob a própria pele. Porém, ultimamente, o uísque não exercia mais seu papel. Não matava a fome que o consumia. Apenas apaziguava-a, e mesmo assim, não passava de um breve alívio para a urgência que corroía sua alma.

Rhys sorriu com amargura. Alma? Ele perdera a alma muito tempo atrás.

Apanhou o copo e engoliu o conteúdo de um só trago. Fechou os olhos para saborear o gosto acre quando sentiu um formigamento na nuca. Intrigado, ele girou o banco, à procura do ser que conseguiu de forma tão abrupta dispersar a desesperança do ambiente sombrio.

Ela estava parada à porta, e definitivamente não combinava com aquele lugar. Era uma mulher magra, com cabelos escuros e olhos intensos. Mesmo com a esparsa iluminação do ambiente, Rhys percebeu que eram verdes.

Uma criatura inocente, perdida num mundo frio. Ele ergueu as sobrancelhas diante do pensamento. Devia haver alguma coisa no ar naquela noite. Não costumava ser tão imaginativo. Ademais, ele era a única criatura de outro mundo ali presente.

Rhys tomou mais um gole, observando-a através do vidro do copo. A mulher pequenina olhou ao redor com evidente nervosismo. Então, para surpresa dele, endireitou os ombros e entrou. Sentou-se

no segundo banco à direita dele e esperou que o garçom a atendesse. Levou alguns segundos para pensar no pedido. Mais uma vez, ela o surpreendeu ao pedir uma dose de tequila, como se esperasse ter acertado na escolha do drinque mais forte do bar.

Rhys fingiu focalizar a atenção no próprio uísque, mas continuou a estudá-la. Ela não estava apenas nervosa. Parecia miserável.

O cheiro da raiva, do desespero e do desamparo, no entanto, não foram suficientes para encobrir o perfume natural daquela mortal. Ela cheirava flores aquecidas pelo sol.

Rhys não conseguiu se lembrar da última vez que sentira aroma tão puro e intocado. Ao menos, não num mortal adulto.

De repente, o frescor foi encoberto por outro cheiro, que também não pôde ser mascarado pelo odor forte de cerveja e fumaça de cigarro. Era o mesmo odor que envolvia os mortais com uma aura adocicada e sedutora, porém, sufocante para ele pela intensidade.

Ele respirou fundo e se concentrou na mulher, recompondo-se da primeira reação ao outro cheiro, o cheiro de sangue.

Conseguia fazer isso o tempo todo, mas estava mais difícil naquela noite. Sempre era assim quando precisava se alimentar.

Porém, poderia deixar para mais tarde. Não seria difícil naquela noite. O Natal fazia com que muitos mortais se sentissem completamente perdidos por estarem excluídos da redenção, assim como ele.

E então, havia aquela mulher. Por que estava ali? Era óbvio que não se sentia à vontade. Não era necessário ter habilidades paranormais para perceber. Trajava blusa branca e saia verde de lã, da mesma cor do longo casaco. A roupa simples e modesta, contudo, não era deselegante.

Ele subiu o olhar e estudou o rosto. Viu-se cativado no mesmo instante. Não se tratava de uma beleza clássica, mas os traços suaves harmonizavam-se à perfeição.

Maçãs salientes, nariz arrebitado, e aqueles incríveis olhos verdes... Os olhos sozinhos eram o bastante para deixá-lo tonto.

Rhys franziu a testa. Nenhum mortal, em seus duzentos anos de existência, despertara-lhe tanto interesse. Talvez estivesse intrigado simplesmente por perceber que ela estava deslocada naquele ambiente, ponderou. Ou então, por ela fazê-lo se lembrar do lugar de onde ele próprio viera, onde as pessoas eram boas e gentis, e amavam-se com pureza e sinceridade.

O garçom colocou um pires com fatias de limão, um saleiro e o copo com tequila. A mulher contemplou os itens numa confusão óbvia. O olhar se deteve em Rhys por um momento, e ela imediatamente desviou o rosto. Hesitante, apanhou uma fatia de limão e franziu a testa.

— Olá! — Parado ao lado dela, o ex-detento escolheu seu melhor sorriso. — Vou lhe mostrar como fazer.

Ela hesitou mais uma vez, e Rhys percebeu a cautela. Era uma mulher inteligente.

Porém, para decepção dele, ergueu os ombros e concordou.

O rapaz pediu que o garçom lhe trouxesse um drinque idêntico. Então, colocou uma pitada de sal na palma da mão, lambeu-o e imediatamente tomou um gole de tequila antes de levar a fatia do limão à boca para espremer algumas gotas sobre a língua.

— Nada mal! — ele aprovou depois de observar a mulher fazer o mesmo com uma careta.

Os olhos ávidos a percorreram da cabeça aos pés, e Rhys soube que o comentário dizia respeito a ela, e não ao estilo de beber. O condenado admirou a sugestão de coxas adoráveis debaixo da saia, e a luxúria se confundiu com a violência escondida sob a superfície da expressão amigável.

Rhys suprimiu a onda de irritação. Mais uma vez, perguntou-se o que aquela mulher estaria fazendo ali, em vez de ficar com a família diante de uma reluzente árvore de Natal. Ao menos, era onde ele gostaria de estar.

O ex-condenado estalou os dedos e pediu mais dois drinques. Rhys se encolheu no assento, contendo o impulso de intervir. Lembrou-se das prostitutas. Já havia feito a boa ação do ano.

— Ei, Joey! Você vai passar a noite correndo atrás de rabos de saia, ou vem jogar com seus parceiros?

O rapaz em questão enviou olhar lascivo para mulher, e Rhys percebeu que era tão perigoso quanto ele próprio.

— Sinto muito, mas apostei muito dinheiro nesse jogo.

— Está tudo bem — ela assentiu com expressão indiferente. — Obrigada pelas instruções.

— Quem sabe eu possa lhe mostrar algum outro truque mais tarde?

Ela concordou, completamente perdida no sentido das palavras.

Joey foi para junto dos parceiros e Rhys decidiu que o ex-detento seria sua ceia de Natal.

O garçom chegou com os dois drinques que o rapaz havia pedido e colocou-os no balcão. A mulher abriu a boca prestes a dizer que levasse de volta. Em vez disso, suspirou e, quase com relutância, estendeu a palma da mão para despejar uma pitada de sal.

Rhys observou quando a língua pequena e rosada deslizou sobre a palma macia, e pela primeira vez em muito tempo, uma onda de desejo o percorreu. E, daquela vez, não estava associada à fome.

Ela engoliu a bebida, obrigando o líquido dourado a descer pela garganta, e estendeu os dedos para apanhar a fatia de limão. Com o canto dos olhos, notou Rhys observando-a.

— O que você está olhando? — exigiu, com a fatia de limão apertada nos dentes.

Os olhos dele se moveram para os lábios, orvalhados de gotículas de limão. Moveu a cabeça de um lado para outro, numa negativa silenciosa, e retornou a atenção para a bebida. Embora mantivesse o olhar fixo no copo, sua mente vagueava, incendiada com a ideia de como seria aquela boca sugando seu membro rijo.

Que diabos havia com ele naquela noite?

Jane Mary Harrison não pôde acreditar que havia gritado com um completo estranho. Nunca fora tão rude em toda sua vida. Porém, nunca estivera numa cidade grande antes, nem em um bar desconhecido depois de tomar duas doses de tequila. Que diferença um único dia podia fazer!

E que dia... Estava em Nova Iorque havia vinte e quatro horas, e durante esse breve período, perdera o emprego que acabara de conseguir, e, como consequência, o apartamento recém-alugado. Quando estava saindo do escritório do corretor de imóveis, um ladrão barato havia lhe roubado a bolsa, e ela passara quase seis horas numa delegacia de polícia com todo tipo de marginais assustadores esperando para depor com um oficial que não estava nem um pouco interessado.

Aquele deveria ser o começo de sua nova vida, cheia de aventuras e diversão. De fato, tivera muita aventura. Quanto à diversão...

Jane suspirou, obrigando-se a apagar aquele dia de sua memória. Estava determinada a se divertir naquela noite. Felizmente, tivera o bom-senso de guardar os cheques de viagem no bolso do casaco. Portanto, ainda lhe restava algum dinheiro.

Olhou para os três copos vazios diante dela. De repente, não pareceu ser justo gastar seu precioso dinheiro com bebida.

Ela suspirou. Ao menos, Joey fora gentil. Na verdade, fora a pessoa mais gentil que conhecera na cidade grande. Olhou para ele, inclinado sobre a mesa de bilhar. Até que era bonitinho. E se mostrou interessado... Ao menos, era o que ela imaginava.

Seus olhos pousaram no homem sentado do seu lado. Definitivamente, ele não estava flertando com ninguém. Não fazia nada além de enviar olhares gélidos desde que ela entrara no bar.

Não podia descrevê-lo como “bonitinho”. Podia apostar que essa palavra não era usada para descrevê-lo nem quando ele era criança. Não. Ele era devastadora e perigosamente lindo. Não se lembrava de ter visto alguém tão perfeito.

Era engraçado, mas nunca se sentira atraída por homens de cabelos compridos.

No entanto, naquele homem, a farta cabeleira longa, em tons de negro com mechas da cor do ouro polido, acrescentava um toque a mais à beleza viril.

Ela analisou o perfil nobre, e estudou a linha do maxilar, o desenho bem esculpido dos lábios e o nariz arrogante. Mas foram os olhos peculiares, da cor do uísque que ele tomava, que lhe tiraram o

fôlego. Eram tão bonitos, tão intensos, tão fascinantes que se tornavam quase predadores.

Ele era simplesmente maravilhoso! Sem conseguir evitar, Jane enviou-lhe outro olhar furtivo. Não parecia pertencer àquele lugar mais do que ela, embora não pela mesma razão. Aparentava ser muito rico para frequentar bares decadentes no centro da cidade. A aura que o envolvia irradiava cultura.

Mas, sob a beleza e a sofisticação, havia algo perigoso, uma qualidade feroz que se refletia nos olhos misteriosos.

Jane suspirou em silêncio. Na certa, o estresse tinha ofuscado sua mente. Tinha certeza de que o único perigo que aquele deus representava era para o coração. Com uma aparência daquelas, ele era a definição exata de um destruidor de corações.

Jane se lembrou do copo cheio diante dela. A garganta ainda queimava, mas o efeito começava a ser sentido. Parecia incrível que um pouco da bebida conseguira deixá-

la mais relaxada. E depois do dia infernal que tivera, precisava relaxar.

Ela alcançou o sal. A terceira dose desceu pela garganta com mais facilidade.

Pensou com orgulho que, para alguém que nunca bebia, ela já era quase profissional.

Alinhou os três copos diante dela e tentou decidir o que fazer a seguir. Não queria voltar para o hotel. No entanto, não estava confortável naquele bar. Além disso, a necessidade urgente de olhar para o homem do seu lado estava começando a ficar fora de controle.

— Olá, docinho... — Joey apareceu subitamente do lado dela. — Você tomou meu drinque!

— É verdade. Eu sinto muito.

— Bem, acho que vou ter de pedir outra rodada.

— Não acha que já bebeu bastante? — a voz rouca e profunda soou do lado dela.

Jane pestanejou antes de encarar o estranho. Ele se inclinou, aproximando-se, e aqueles olhos misteriosos queimaram dentro dela.

— Porque não se mete com sua vida, parceiro? — Joey o fuzilou com o olhar.

Então, a voz se tornou suave quando se dirigiu a Jane. — Você não vai deixar que esse idiota estrague nossa diversão, não é, querida?

Sentindo-se anestesiada, ela desviou os olhos com esforço para fixá-los em Joey.

— Não — confirmou, embora soubesse que a resposta soava hesitante.

A mulher da mesa nos fundos atravessou a sala e colocou duas moedas no *jukeboxe*, e a música alta

preencheu o ambiente. Em meio à batalha silenciosa entre os dois homens ao lado dela e as batidas ensurdecedoras da música, somada ao álcool que corria em suas veias, a cabeça de Jane começou a girar.

— Traga mais duas tequilas — Joey pediu ao garçom.

Jane se levantou, mas as pernas fraquejaram. Antes que caísse, o deus em forma humana a segurou pelo braço. As mãos eram fortes, e o toque proporcionou delicioso calor.

— Você está bem?

— Estou — ela assentiu, e respirou fundo. — Só preciso de um pouco de ar fresco.

Ele fez menção de se levantar quando Joey segurou o outro braço.

— Vou levá-la para fora.

Jane olhou para o estranho. A mão ainda prendia seu braço, e a força se irradiava dos dedos longos, embora a pressão fosse gentil. Os olhos dele se iluminaram com algo que ela não pôde ler, e soube no mesmo instante que precisava se livrar daquele toque.

Libertou-se com um repelão e seguiu Joey para a porta. Assim que pisou na calçada, Jane olhou por sobre o ombro. O estranho a observava com aqueles olhos predadores.

A brisa fria no rosto e nos pulmões revigorou Jane. Ela fechou os olhos e respirou fundo até sentir que o álcool evaporava de seu sangue.

— Está melhor? — Joey se aproximou.

— Sim. — Ela abriu os olhos e sorriu com gratidão. — Não costumo beber.

— Há uma escadaria do fim do beco. Por que não nos sentamos lá?

Jane hesitou. O beco era deserto e escuro, exceto pela luz do poste. Ela avistou a escada, com latas de lixo abertas, repletas até a boca.

— Prefiro voltar para meu hotel.

— Hotel?

— Sim. Cheguei na cidade ontem à tarde.

Joey a encarou, incrédulo.

— Que coincidência! Eu também cheguei ontem. Sempre morei aqui, mas passei um tempo fora. Venha. Vamos nos sentar um pouco.

Jane abriu a boca para recusar, mas o sorriso era tão charmoso que ela concordou.

Ela desistiu de se sentar nos frios degraus de cimento, e preferiu se recostar na parede. Joey, no entanto, não teve o mesmo escrúpulo. Sentou-se sem cerimônia, como se estivesse em sua sala de estar.

— Onde você vivia antes de voltar para casa? — Jane perguntou, incomodada com o silêncio.

— Num lugar em Jersey.

— Jersey? Eu nunca estive lá.

Joey se levantou e enfiou as mãos no bolso da calça antes de chutar uma lata vazia escada abaixo. O som metálico ecoou nas paredes de concreto.

— Não posso dizer que gostei. Minha vida lá foi muito confinada.

— Posso entender. Eu cresci no Maine, que é um lindo estado, mas a cidade era tão pequena que chegava ser sufocante. Lá, as pessoas recebem rótulos desde pequenas, e nunca conseguem se livrar deles. Nunca.

Joey se aproximou e, pela primeira vez, ela percebeu como era musculoso. O rosto juvenil dava a falsa impressão de que ele fosse magro e frágil.

— Você é uma mulher muito bonita.

Jane abaixou o rosto, disfarçando o rubor. Mesmo não conhecendo aquele homem, o elogio a agradou. Nenhum homem jamais lhe dissera que era bonita.

— Não vejo uma mulher bonita como você há muito tempo.

Ela sentiu o rosto queimar. Mesmo não acreditando, era bom ouvir aquelas palavras.

Joey se aproximou um pouco mais. Embora não a tocasse, deixou claro que era o que queria.

O movimento fez com que Jane se retraísse em defesa. Não conhecia aquele homem, e não era do tipo que permitia intimidades com desconhecidos.

Porém, estava em Nova Iorque para começar uma nova vida, cheia de excitação.

Seria capaz de beijar um estranho?

De repente, a imagem do homem no bar preencheu sua mente. Ela o beijaria?

Mas, no que estava pensando?! Jane concluiu que devia estar bêbada para ter aquele tipo de ideia!

— O que foi? — Joey apoiou as duas mãos na parede, ao lado da cabeça de Jane, de modo a impedi-

la de sair.

Ela engoliu em seco. Talvez fosse melhor ir embora. Alguma coisa nos olhos vorazes a deixou em pânico.

— Eu estava pensando no dia maluco que tive.

— É mesmo? O que aconteceu?

Jane respirou fundo. Talvez estivesse sendo paranóica. Contou sobre o fiasco que fora seu trabalho, a perda do apartamento e as horas que havia passado na delegacia.

— Odeio delegacias! — foi o comentário exaltado de Joey. — Já passei muito tempo dentro delas.

— É mesmo?

Ele assentiu e deu mais um passo. Pousou a mão na cintura delgada, deslizando lentamente para o quadril. O contato fez com que Jane desse um pulo.

— Desculpe, Joey, mas acho que passei a ideia errada. É melhor entrarmos.

— Não, boneca. Você me deu todo tipo de boas ideias — ele sussurrou sem remover a mão.

O dedo se insinuou sob o tecido da blusa. Uma onda de pânico impediu Jane de respirar, mas ela se obrigou a manter a calma.

— Eu realmente tenho de entrar. Aquele rapaz no bar é meu namorado. Eu estava só tentando provocar ciúme.

Ela sabia que estava quase suplicando, mas era tudo que podia fazer no momento.

Jane ficou aliviada quando ele parou de acariciá-la.

— Se ele estivesse preocupado com você, não teria deixado que saísse comigo.

A boca capturou a dela com violência. Pega de surpresa, Jane levou alguns segundos para reagir. Empurrou-o com força e interrompeu o contato. Porém, Joey a segurou pela nuca e pressionou-a contra a parede.

Ela quis gritar, mas nenhum som saiu. A pressão em sua garganta a impedia de respirar.

— Escute aqui, vagabundazinha, eu não fico com uma mulher há três anos. Então, não me importo se você quer ou não. Você será minha de um jeito ou de outro.

Manchas negras pipocaram diante dos olhos de Jane. Ela inalou com sofreguidão, recusando-se a desmaiar. Sabia que, mesmo sem sentidos, nada impediria aquele homem de conseguir o que queria.

Ele pousou a mão livre sobre um seio e puxou o tecido, arrancando os botões da blusa. Apavorada, Jane decidiu que tinha de mantê-lo falando para pensar numa saída.

— Três anos é muito tempo — a voz não parecia ser a dela, ofegante e trêmula.

— É verdade... Não há muitas mulheres na cadeia.

Jane levou alguns apavorantes segundos para compreender o sentido do que ele dissera. Aquele homem estivera na prisão! As garras geladas do pânico se cravaram em sua garganta. Talvez ele já tivesse estuprado antes. Podia até ter matado!

— Por que você foi preso? — ela obrigou a voz a sair, tentando manter a calma.

— Não fiz nada de mais. Você sabe, os rótulos... A vida não é justa — ele comentou com um sorriso, e o rosto jovial se tornou sinistro. — Mas isso não importa agora. Só de pensar no que você tem debaixo da roupa eu já fico melhor.

Quando as mãos possessivas pressionaram-lhe os seios, Jane sentiu o estômago revirar. Ela fechou os olhos se obrigou a respirar lentamente.

De repente, as mãos se afastaram e ela se viu livre. Abriu os olhos, e Joey não estava mais ali. Ela olhou ao redor sem encontrá-lo em parte alguma. Num impulso, começou a correr pela rua escura em direção ao bar.

Jane esbarrou numa barreira sólida. Braços fortes se fecharam ao redor dela.

— Psiu! — A voz rouca e profunda acariciou sua orelha. — Está tudo bem.

Ela pestanejou para ver o deus encarnado diante de si.

De onde ele tinha saído?

Respirou com alívio e relaxou, permitindo que ele suportasse seu peso.

Com agilidade espantosa, ele a tomou nos braços e atravessou o beco. Quando chegaram à rua, o estranho a fitou com preocupação.

— Você está bem?

Jane assentiu com respiração entrecortada, incapaz de falar. O coração estrondeava dolorosamente no peito.

Ele continuou a pressioná-la contra o peito largo. Os braços eram sólidos e protetores. Finalmente, Jane se acalmou e percebeu que estava perto demais daquele homem perigosamente bonito.

— Eu estou bem. Posso ficar de pé.

Ele pareceu quase relutante em colocá-la no chão, e manteve o braço protetor ao redor da cintura fina.

— Obrigada. Não quero nem pensar no que poderia ter acontecido se você não tivesse chegado.

Ele assentiu lentamente sem dizer nada. Encarou-a com os incríveis olhos cor de âmbar inescrutáveis. Depois de alguns segundos, tirou a luxuosa jaqueta de couro que usava.

— Vista isso.

— Não é preciso, obrigada. Tenho meu casaco.

— Por favor, eu insisto. Aquele covarde arrancou alguns botões da sua blusa.

A gentileza a tocou. E ela pensara que Joey era o mais gentil dos dois...

Jane aceitou o casaco e foi envolvida pelo couro frio. Era estranho que a peça não guardasse o calor do corpo vibrante.

— Você mora aqui por perto? — ele quis saber.

— Sim. Meu hotel fica algumas quadras daqui.

— Vou acompanhá-la até lá.

Ela sorriu com gratidão, mas o sorriso se desmanchou quando Jane avaliou o beco escuro.

— Não se preocupe com aquele bastardo — o estranho comentou como se lesse seus pensamentos.

Jane avaliou a rua escura mais uma vez e fez um gesto indicando à frente.

— É por aqui.

Rhys se concentrou antes de caminhar ao lado da mortal. O ex-condenado ainda estava no beco, inconsciente. Ele inalou fundo do para guardar o cheiro daquele homem na memória. Pretendia fazer uma farta refeição com o covarde.

Porém, o perfume suave e agradável sobrepujou seus sentidos. Nunca conhecera nenhuma mortal que exalasse aroma tão forte e tentador como a mulher a seu lado.

— Está tudo bem?

A voz suave o distraiu. Rhys inalou mais uma vez, certo de que conseguiria achar o rastro do ex-condenado, e se voltou para ela.

Os olhos incrivelmente verdes contrastavam com a pele alva. Mais uma vez, a doçura do tentador aroma preencheu o ar. Ele clareou a garganta e respondeu em tom mais lascivo do que pretendia.

— Está tudo bem. Você disse que seu hotel é por aqui?

Jane confirmou, e os dois seguiram pela rua.

Talvez a genuína bondade daquela mortal fosse responsável por alertá-lo sobre o risco que ela corria. Dentro do bar, Rhys fora subitamente tomado pelo cheiro do perigo.

O ambiente ficara impregnado pelo odor característico do medo. Identificou todas as emoções da mortal: desespero, terror, pânico. Aquilo nunca acontecera antes com Rhys.

Nunca fora capaz de ler as emoções de um mortal que não estivesse perto dele. Na verdade, o único com quem conseguia se conectar à distância era com o irmão, Sebastian, que também era vampiro.

Rhys estudou discretamente a mulher caminhando do seu lado. A jaqueta preta ao redor dos ombros fazia com que se parecesse com uma criança fantasiada de vampiro no Dia das Bruxas.

Obrigou-se a lembrar que ela era uma mortal. Ele não deveria ter conexão alguma com aquela mulher.

— Eu ia lhe pedir desculpas quando aquele rapaz me abordou mais uma vez.

— Desculpas? Por quê?

— Por ter sido rude. Eu gritei com você quando perguntei por que estava me olhando.

— Oh, aquilo? — Ele balançou a cabeça e os lábios sensuais se encurvaram num sorriso. — Você chama aquilo de grito? Nesta cidade, é considerado um cumprimento típico.

Ela riu, mas o sorriso deu lugar às lágrimas. Jane parou e cruzou os braços, tremendo de frio.

Surpreso com a reação inesperada, Rhys não soube o que fazer. Sentiu a mesma angústia que a sufocava, e a dor o paralisou. Queria confortá-la, mas não sabia como.

Nunca havia consolado ninguém. Tudo o que ele conseguiu foi pousar as mãos nos ombros trêmulos.

— Está tudo bem.

Ela fungou, obviamente irritada por perder o controle.

— Eu sinto muito. — Jane forçou um sorriso. — Tudo que eu queria era recomeçar a vida. Vendi tudo que tinha, minha casa, os negócios da família, tudo, para começar minha maravilhosa nova vida. Mas, depois de hoje, descobri que cometi um grande erro.

Rhys não soube o que dizer. Ela falava sobre a vida, e ele não tinha noção do que aquilo queria dizer.

— Amanhã será melhor.

Jane o encarou por um momento. Então, uma risada genuína escapou dos lábios rubros, confundindo-se com os soluços. Ela se ergueu na ponta dos pés e o envolveu pelo pescoço para pousar um beijo quente e macio no rosto viril.

Rhys permaneceu paralisado. Quando fora última vez que sentira o calor de um abraço humano, a ternura de um toque gentil?

Contudo, não foi ternura que ele sentiu em retorno. O desejo urgente e selvagem despertou seu corpo gelado. Queria devorar aquela mulher, fazê-la gritar por ele. Embora pudesse imaginar como seria bom cravar as presas no pescoço delgado, a emoção estava muito além da necessidade carnal.

Sem que pudesse controlar, as presas de Rhys cresceram com tanto vigor quanto sua ereção. Relutante, ele soltou os braços que o envolviam e a afastou.

— Sinto muito — ela disse sem conseguir tirar os olhos dele.

Rhys assentiu e passou a língua pelos dentes para fazê-los retraírem.

— Por favor, não me entenda mal. Eu não quis... — O que ele poderia dizer? Não quis mordê-la nem fazer amor com você aqui, nesse beco escuro? — Não quis que você pensasse que sou parecido com aquele covarde.

Ela sorriu e balançou a cabeça.

— Eu nunca pensaria. Aquele homem é um monstro violento. Você me salvou.

Se ela soubesse a verdade... Rhys fechou os olhos, oprimido por uma dor até então desconhecida.

— É melhor sairmos daqui.

Tinha de se afastar daquela mortal. Somente a distância apagaria a conexão que sentia com ela. Não a conhecia, mas sabia que aquele tipo de ligação era perigosa.

Qualquer associação com um mortal poderia trazer dor a ambos. Fora por isso que trabalhara com tanto empenho para se manter afastado dos humanos, exceto daquele tão vazios quanto ele.

Jane olhou ao redor com nervosismo e sincronizou as passadas com as dele.

O hotel era um edifício decadente com carpete gasto e sofás sujos na pequena recepção.

— Eu pretendia me hospedar aqui só por alguns dias — ela justificou ao perceber o olhar de desaprovação. — Agora, terei de ficar mais tempo, mas não deve passar de uma semana.

Rhys assentiu, odiando ter de deixá-la ali. De qualquer forma, estaria mais segura do que com ele. Era impossível olhar para aqueles olhos verdes sem tocá-la, e a atração crescia a cada segundo que passava. Embora fosse além da luxúria, o sentimento envolvia algo estranho e novo. Ninguém jamais despertara nele tamanha urgência de calor, de cuidado, de afeição... Aquelas emoções eram

perigosas demais.

— Bem, então, boa sorte — Rhys se despediu, afastando um passo.

A curvatura delicada dos lábios denotava mais decepção do que se fosse um sorriso.

— Como você disse, amanhã será melhor. Mais uma vez, obrigada.

Jane acenou e seguiu na direção do elevador. Porém, em vez de entrar, ela parou.

Uma onda de antecipação percorreu o corpo de Rhys. Talvez ela voltasse e o beijasse mais uma vez. Não haveria mal algum, já que pretendia nunca mais vê-la.

— Eu quase me esqueci! — Ela retirou o casaco dele e o estendeu. — Sua jaqueta...

Rhys sorriu e se aproximou para apanhá-lo.

— Qual é seu nome? A pergunta o tomou de surpresa.

— Rhys. Rhys Young.

— Obrigada, Rhys Young — ela agradeceu com um sorriso genuíno antes de entrar no elevador.

— Espere! Diga-me seu nome!

As portas do elevador começaram a fechar. Rhys estendeu a mão para impedir, mas o maquinário antigo não respondeu.

— Jane Harrison — ele ouviu antes que o rangido dos cabos enferrujados abafasse a voz.

— Adeus, Jane Harrison — murmurou, parado diante do elevador.

De repente, ele se arrependeu por ter perguntado. Seria mais fácil esquecer aquela mortal se ela não tivesse nome.

Capítulo II

Jane fechou a porta do quarto e passou a trava de segurança. Hesitou um segundo, e decidiu arrastar uma cadeira para posicioná-la sob a maçaneta e garantir ainda mais sua segurança.

Ainda tremendo pelos últimos acontecimentos, ela caminhou até a janela e espiou por trás da cortina. Avistou o vulto de Rhys e observou-o até desaparecer na esquina.

Ela suspirou. Aquela noite fora um pesadelo. Então, por que não estava tão apavorada quanto deveria? Certo, sua respiração ainda estava ofegante e o coração parecia bater fora do ritmo. Contudo, nada disso era efeito do medo. Seu corpo todo reagia daquela forma pela intensa carga emocional provocada por Rhys.

Aquilo era estúpido!, ela pensou, irritada. Fora atacada, quase estuprada e, possivelmente, assassinada. E estava pensando em Rhys!

Certo, ele fora seu herói. Recusava-se a pensar no que poderia ter acontecido se Rhys não estivesse lá. Talvez por isso se sentira tão atraída.

Na verdade, qualquer mulher com juízo perfeito ficaria atraída por ele. Homens bonitos como Rhys não apareciam todos os dias.

Com um suspiro, ela tirou o casaco e jogou-o sobre a cama. Precisava de um banho quente. Talvez, com isso, se sentisse um pouco mais normal.

Jane foi para o banheiro e abriu a torneira da ducha. Seu olhar pousou no espelho sobre a pia. Como tudo o mais naquele quarto, era velho e desbotado. Mesmo assim, conseguiu ver seu reflexo perfeitamente bem.

Os lábios estavam vermelhos e inchados pelo beijo forçado, e ela parecia mais pálida do que o habitual. No entanto, Jane deu-se por satisfeita por estar viva.

Ao prender os cabelos, uma pontada de dor latejou em sua nuca. Ela pressionou suavemente o ponto sensível e percebeu que estava inchado. Na certa, batera a cabeça quanto aquele idiota a empurrou contra a parede..

Começou a tirar a blusa e notou a mancha vermelha ao redor da garganta.

Examinou mais de perto. Era uma simples irritação. Terminou de se despir e testou a água do chuveiro. Antes de entrar, algo lhe ocorreu. Voltou para o espelho e desembacou o vidro. Seu colar havia desaparecido.

Ela gemeu e tocou o pescoço como se a corrente de ouro ainda estivesse lá.

Desolada, Jane se apoiou na pia. Grossas lágrimas brotaram de seus olhos. Aquele era o desfecho que melhor combinava com o péssimo dia que tivera.

As alianças usadas como pingente da gargantilha haviam pertencido aos pais.

Jane havia jurado usá-las por toda vida como forma de mantê-los sempre perto do coração. Na certa, o fecho da corrente havia quebrado quando o homem a agarrara.

Aflita, procurou no chão do quarto, rezando para que tivesse caído ao despir o casaco. Nada. Não encontrou o menor vestígio do colar ou das alianças.

Jane voltou para o banheiro e verificou sua imagem no espelho mais uma vez, examinando o pescoço atentamente. A irritação da pele denunciava marca da abrasão feita pela corrente de ouro ao ser arrancada. Havia perdido a joia entre o bar e o beco escuro.

Ela debateu por um minuto. Não podia esperar até o dia seguinte. Se a corrente estivesse caída na

calçada, qualquer um poderia encontrá-la. A última coisa que desejava era voltar àquele bar, mas tinha de ir.

Ela fechou o chuveiro e se vestiu. Ao destrancar a porta, fez uma pausa. E se Joey ainda estivesse no bar?

Decidida, voltou para o banheiro e procurou na frasqueira o spray para cabelos.

Colocou o frasco no bolso do casaco e saiu, rezando para que não tivesse de usá-lo.

Rhys caminhou pelo beco escuro. O covarde que ele deixara no beco ainda estava inconsciente. Queria acordá-lo, pois desejava que o bastardo experimentasse o mesmo medo que impusera a Jane. A diferença era que não pretendia salvá-lo como fizera com ela.

Rhys o encontrou exatamente onde o deixara. Ele sequer havia mudado de posição.

Agarrou o homem inerte pela jaqueta quando um movimento no chão chamou-lhe a atenção. Ele se inclinou e, com a mão livre, apanhou o objeto reluzente, uma delicada corrente de ouro. O fecho estava quebrado e duas alianças deslizaram para o chão.

O metal quente em sua mão alertou seus sentidos. Aproximou o nariz, já sabendo o que poderia descobrir. A corrente pertencia à Jane. Podia sentir o cheiro dela. Não tinha idéia de como poderia ser possível, mas o toque do objeto inanimado o aqueceu.

Ele contemplou as alianças na palma da mão. Ela seria casada? Como seria ter alguém tão doce e a adorável todos os dias de uma vida?

Rhys apertou os dentes. Por que deveria se importar se a mortal era casada ou não? Nunca mais pretendia vê-la. Mesmo assim, guardou o colar e as alianças no bolso da jaqueta.

Voltou a atenção para o homem desfalecido. Suspendeu-o do chão e o chacoalhou até que ele voltasse à vida.

Joey ficou desorientado por um momento até ver Rhys. Arregalou os olhos e abriu a boca para gritar, mas não teve tempo.

— Como é sentir o gosto do seu próprio veneno, meu amigo? — Rhys disse por entre os dentes, pressionando-o de encontro à parede.

— Quem... Quem é você?

Rhys sorriu, consciente de que a curvatura dos lábios revelaria os dois caninos longos e afiados.

— Sou aquele que vai antecipar sua chegada no inferno. Rhys cravou os dentes no pescoço do ex-condenado.

Fechou os olhos e pensou no cheiro doce de Jane e naqueles inocentes olhos verdes. Lembrou-se da

ternura do toque e no seu desejo por ela.

O covarde se debateu por alguns segundos antes de perder os sentidos.

A ética pessoal de Rhys não permitia que matasse humanos ao se alimentar.

Naquela noite, entretanto, considerou deixar a ética de lado.

No último momento, quando o coração do homem quase cessou de bater, ele mudou de idéia. Estava furioso com o covarde que ousara machucar alguém tão verdadeiro e gentil como Jane, mas não podia matá-lo.

Empurrou-o e viu quando o rapaz caiu, desfalecido. Rhys se afastou, sentindo desgosto por ele e por si próprio.

— Ora, ora... O que temos aqui?

A voz debochada acendeu os sentidos de Rhys.. Somente um vampiro podia surgir do nada daquela forma.

— Olá, Rhys.

Ele ficou mudo por um momento. O sopro gélido do choque se misturou ao calor do sangue em suas veias.

— Christian?

Rhys sabia que estava olhando para seu irmão, mas não podia acreditar. Não se viam há um século.

— Sim.

Rhys deu um passo para abraçá-lo, mas as palavras do irmão o impediram.

— Você ainda não consegue matar nem mesmo um mortal patético como este?

Os braços de Rhys penderam ao longo do corpo.

— O quê?

Christian caminhou até o homem inconsciente. Estudou-o com um sorriso nos lábios e se voltou para o irmão.

— Vim lhe dizer, e tenho certeza de que você ficará satisfeito, que Lilah está morta.

Rhys não ficou satisfeito. Odiava Lilah, mas sabia como a morte dela afetaria Christian. O irmão amava a vampira acima de qualquer coisa, se é que vampiros realmente pudessem amar.

— Christian, eu sinto muito. O irmão riu sem humor.

— Sente mesmo?

— Sei o que você sente por ela.

Christian assentiu, movendo-se com passadas lentas ao redor de Rhys.

— E sabe também como me senti quando você foi para cama com ela e drenou seu sangue até esgotá-la. Lilah perdeu a sanidade por chegar perto da morte muitas vezes.

Rhys mordeu a língua. Não pretendia dizer que a culpa não era dele por Lilah ter propensão para o auto-erotismo. A observação serviria apenas para magoar Christian ainda mais:

Rhys havia desejado Lilah apenas uma vez. Depois disso, passou a conhecê-la pelo que ela realmente era: uma vampira gananciosa, egoísta e violenta. Tentara fazer com que o irmão percebesse que ele queria apenas se vingar de Lilah, como retribuição pela forma como ela magoara e amaldiçoara sua família. Lilah tinha de pagar.

Christian nunca acreditara nele. No entanto, Rhys sentia necessidade de falar mais uma vez, ou então, seria como reafirmar que Christian estava certo.

— Jamais pretendi magoá-lo, Chris. Eu queria punir Lilah pelo que ela fez a você, a Sebastian e especialmente a Elizabeth. Ela destruiu nossa família.

— Sim, você já disse isso.

— E vou repetir quantas vezes for necessário, porque é a verdade.

— Não. A verdade é que Elizabeth era fraca demais para seguir em frente.

Rhys não conseguia acreditar que o irmão aceitara as mentiras da vampira. Lilah havia matado a irmã mais nova deles por rancor, pela raiva mesquinha de não ter conseguido o que queria: Rhys.

— Continue acreditando no que você quiser, Chris. Quero deixar claro que sou eu quem está dizendo a verdade, e foi o que sempre fiz.

Christian parou de andar em volta do irmão para fitá-lo diretamente nos olhos.

— Bem, já não importa mais. Lilah se foi.

Rhys assentiu, esperando que, agora, eles pudessem consertar o relacionamento destruído.

— Você acha que algum dia conseguiremos terminar com isso? — perguntou ao irmão.

Christian inclinou a cabeça, como se considerasse a pergunta.

— Acho. Podemos terminar com isso agora mesmo.

Ao concluir a frase, Christian voou na direção dele, tão rapidamente que o movimento foi quase invisível. Rhys não teve tempo de se defender do impacto antes de ser arremessado contra a parede. Pedacos de concreto se espalharam pelo chão ao redor deles. Ele levou as mãos à garganta, mas Christian o impediu sem dificuldade.

Rhys sabia que, sob circunstâncias normais, ele e o irmão tinham a mesma força.

Haviam sido criados pelo mesmo vampiro, praticamente ao mesmo tempo. Mas naquela noite, Christian estava fortalecido pela raiva, e a fúria cega podia deixá-lo extraordinariamente forte. Mesmo assim, tentou segurar as mãos que o imobilizavam. Os dois se olharam, e as íris negras de Christian refletiram a escuridão vazia.

— Eu deveria ter feito isso cento e oitenta e cinco anos atrás — a voz rouca soou como o grunhido de um animal.

Enquanto Rhys se debatia, o irmão procurou seu pescoço e rasgou a carne com a primeira mordida. Apesar da selvageria do ataque, ele não sentiu medo. Continuou a lutar até que Christian mordeu mais uma vez do outro lado do pescoço, sugando o sangue e a energia.

Christian não pretendia simplesmente ensinar-lhe uma lição usando a força para humilhá-lo. Enquanto começava perder as forças, Rhys soube que seu amado irmão pretendia matá-lo.

Jane mudou de um pé para outro e mordeu o canto da unha. Havia procurado na calçada e até nos bueiros sem encontrar as alianças. Tinha de voltar ao bar, e a simples idéia a deixou nervosa. Nunca se perdoaria se perdesse a aliança dos pais por causa da covardia.

Decidida, ela enfiou a mão no bolso do casaco e apanhou o tubo de spray para cabelos. Posicionou-o diante dela e se aproximou do bar. Quando estava perto da entrada, ouviu um ruído abafado. Congelada, ela apertou o tubo com mais força. O ruído ecoou novamente, e dessa vez, ela reconheceu o gemido de alguém.

O coração disparou no peito e Jane prendeu a respiração. O barulho vinha do beco. Ela considerou dar as costas e correr, mas os pés estavam paralisados. Outro suspiro, seguido de um som débil de luta. Ela avançou devagar, quase sem respirar, receando que pudessem ouvir. Outro gemido abafado, e ela chegou a desconfiar de que tinha escapado de sua própria garganta.

Ela prendeu a respiração, atenta aos barulhos. De alguma forma, o silêncio era mais perturbador do que o eco daquela respiração ofegante. Podia significar que a pessoa estivesse inconsciente, ou morta.

Joey teria atacado outra mulher? Ela não conseguiria viver com a culpa se não fizesse nada para ajudar.

Com *outro* olhar para a rua deserta, ela se certificou de que não havia mais ninguém por perto. As luzes apagadas do bar indicavam que todos os frequentadores haviam ido embora. Não tinha idéia de que horas eram, mas imaginou que fosse tarde.

Jane respirou fundo e posicionou o tubo de spray diante dela. Cautelosamente, seguiu para o beco na ponta dos pés. Encostou-se à parede e espiou na esquina. Não havia ninguém à vista. Talvez a vítima do ataque estivesse na escada no final do beco.

E foi então que viu. Era apenas um movimento sutil, como um leve deslocamento de sombras. De repente, discriminou o rosto de um homem. Não era um homem qualquer. Rhys!

A cabeça pendia para o lado num ângulo pouco natural e os olhos estavam fechados. As sombras se deslocaram mais uma vez, e ela percebeu que havia outro homem no beco. Ele a fitava, mas era impossível distinguir as feições. A luz fraca do poste iluminava o perfil benfeito. A julgar pelo peso e altura, não poderia ser Joey.

O homem envolto em sombras soltou Rhys, que caiu com um baque surdo no chão.

— Bem, mortal estúpida, isso é o que chamam "estar no lugar errado na hora errada".

Jane pestanejou. O homem que estava ao lado de Rhys apareceu diante dela como num passe de mágica. Será que estava focalizando Rhys com tanta intensidade que não percebeu quando ele se movia?

— O que você fez com Rhys?

Ele deu mais um passo e a luz amarelada iluminou-lhe o rosto.

Apesar do medo, Jane um não pôde deixar de notar a beleza de tirar o fôlego. O

rosto belíssimo era emoldurado por cabelos louros com mechas douradas. Um brilho estranho se refletia dos olhos claros.

— Então, você conhece Rhys? Interessante... Jamais pensei que ele pudesse se misturar com mortais, ao menos com mulheres bonitas e ingênuas.

Jane balançou a cabeça, cada vez mais confusa. Por que ele continuava a se referir a ela como "mortal"? Seria uma espécie de dialeto?

Antes que pudesse pensar em se mover para longe, as mãos fortes agarraram seus pulsos. Ela se debateu, mesmo sabendo que seria inútil, e foi arrastada para o beco sem que pudesse impedir.

— Vejamos o que há de errado com Rhys — ele disse quase com ternura.

O estranho a empurrou sobre o corpo caído. A cabeça não se moveu, e ela entendeu o motivo. Um filete de sangue escorria do pescoço, e ela soltou um gemido abafado ao ver o ferimento profundo. Cobriu a boca com a mão, e os dedos trêmulos não conseguiram abafar o grito de horror que escapou de sua garganta.

O homem riu e a suspendeu, obrigando-a a encará-lo.

— Infelizmente, agora que você viu o meu irmão, não posso deixá-la ir.

As feições bonitas se transformaram numa máscara mortal. A princípio, Jane julgou que a distorção fora provocada pela falta de luz, ou pelo medo que paralisava seu corpo.

Ele sorriu, deixando à mostra as presas longas e afiadas.

Tinha de ser um pesadelo! No entanto, ela sabia que era real. Estava prestes a morrer.

Jane gritou, mas o som foi abafado pela risada de escárnio. Paralisada pelo pânico, obrigou-se a respirar. E foi então que se lembrou do tubo de spray que ainda segurava. Quando o mostro se aproximou, com aqueles dentes afiados cada vez mais perto, ela pulverizou um jato interminável de fixador para cabelos diretamente nos olhos dele.

O agressor gritou, e o som esganiçado e lamurioso ecoou na escuridão.

Desesperado, ele a libertou para cobrir o rosto com as mãos.

Jane não perdeu tempo. Deu-lhe as costas e correu. Porém, não conseguiu chegar à rua. O negrume a envolveu, e um passo em falso a derrubou no chão.

Sebastian agachou ao lado do irmão ferido. Rhys parecia ter sido atacado por um animal selvagem. No entanto, vendo as marcas no pescoço, ele soube que fora agredido por um vampiro, embora não pudesse identificá-lo. O cheiro forte de algum produto químico disfarçara identidade do agressor.

Pousou a mão sobre o peito de Rhys e sentiu as ondas de energia se irradiando do peito imóvel. Ele ficaria bem, mas fora por um triz. Mais um segundo, e todo o sangue teria sido drenado do corpo dele.

Com um suspiro irritado, Sebastian passou a mão pelos cabelos. Ele estava jantando com uma adorável mortal, antevendo o prazer de saboreá-la como sua ceia especial de Natal, quando pressentiu a dor de Rhys. Não, ele não só pressentira a dor, corrigiu, pressionando a mão na área dolorida do pescoço. Ele a experimentara.

Rhys e ele sempre tiveram aquele tipo de conexão. Sintonias desse tipo eram comuns em vampiros com laços consanguíneos. No entanto, nunca recebera contato tão vivido antes. E fora graças àquela conexão que Rhys fora salvo.

Sebastian relanceou o olhar para o mortal caído perto dali. Podia dizer que o irmão havia se alimentado, mas aquele não era o estilo habitual dele. Rhys nunca sugava todo o sangue das presas. O homem viveria, mas carregaria as marcas do ataque.

Ele se levantou e caminhou para perto da mulher caída no beco. Ela estava inconsciente, sem evidências de nenhum ferimento, e exalava o aroma forte do produto químico, o mesmo que encobrira o cheiro do agressor de Rhys. Na certa, o outro vampiro havia apagado as lembranças dela, impedindo-a de recordar o que havia acontecido ali.

Sebastian fechou os olhos, discriminando cada odor, e ficou chocando quando seus sentidos identificaram o cheiro de Rhys na pele daquela mulher. O irmão não costumava interagir com mortais. No entanto, seu cheiro estava ali, assim como o do desejo intenso impregnado na pele alva. Que diabos havia acontecido naquele beco?

Ele se inclinou e ergueu a mulher com cuidado para depositá-la sobre o ombro. Era em momentos como aquele que se sentia afortunado por poder se esgueirar pelas sombras. Mesmo numa cidade como Nova Iorque, andar pelas ruas com pessoas inconscientes sobre os ombros costumava despertar suspeitas...

* * *

Christian sentou-se no telhado do bar, espiando para baixo quando seu irmão mais novo posicionou Rhys e a mortal em cada um dos ombros antes de se dissolver nas sombras. Apertou os dentes, furioso. Perdera a única chance de matar o irmão mais velho, e tudo por causa daquela estúpida mortal! Nunca mais conseguiria apanhar Rhys fora de guarda, e seria impossível dominá-lo sem o elemento surpresa.

Ele olhou para o céu. O sol nasceria em breve, o mesmo astro que havia matado Lilah.

Não. Rhys havia matado Lilah, corrigiu a tempo. Depois de cem anos na condição de imortal, ela desistira da própria existência ao se levantar certa manhã ensolarada e caminhar para o jardim banhado de luz.

Ainda não sabia como, mas Rhys teria de pagar. Ele já fora paciente por muito tempo. Agora, a paciência havia se esgotado.

Rhys alongou os músculos. O corpo todo doía. Teria andado a cavalo no dia anterior?, tentou se lembrar, com a mente enevoada.

Decidiu que não importava. Queria só ficar naquela cama quente e aconchegante, com aquele quente e aconchegante... corpo?

Ele se levantou de um pulo e olhou para mulher deitada do seu lado. Ah, então era por isso que estava tão cansado... O curioso era que não se lembrava de ter levado nenhuma mulher para cama na noite anterior. Ele nunca levava prostitutas para casa. A irmã, Elizabeth, tinha apenas dezessete anos. Não podia lhe dar mau exemplo. De repente, lembrou-se de Christian. Na certa, ele e o irmão haviam saído para uma noitada.

Voltou a atenção para mulher adormecida. Não parecia ser uma prostituta comum.

Nenhuma das meretrizes que ele conhecia tinha aquela aparência aristocrática. O rosto estava virado para o outro lado, mas ele podia jurar que não usava maquiagem. Estudou os cabelos negros e brilhantes, as mãos delicadas de pele alva e unhas curtas. A aura de frescor e pureza o envolveu. Ela era limpa demais para ser prostituta. Quem seria?

Rhys retirou os lençóis que a cobriam, e sua respiração parou na garganta.

A mulher estava nua, exceto pelos três triângulos pálidos que mal cobriam os seios pequeninos e o vale entre as pernas. A transparência revelava a sombra dos mamilos rosados e dos pelos negros sob o material translúcido.

Talvez ela fosse mesmo uma prostituta. E pela aparência e aroma, devia ter cobrado uma fortuna pela noitada.

Droga, Christian! O irmão devia cuidar para que ele não cometesse atos decadentes como aquele.

Ele franziu a testa, hesitante. Talvez estivesse atordoado na noite anterior por ter bebido demais na comemoração das núpcias. Ou melhor, para tentar esquecer-las. Jamais concordara com o casamento arranjado com uma americana selvagem.

Rhys olhou para criatura adorável do seu lado. Pensando bem, não seria nada mau ter uma americana como aquela para aquecer suas noites.

Aquela era a mulher mais bonita que ele já levava para cama. Inclinou-se e tocou os seios pequeninos, brincando com a sombra do mamilo sob o material fino. Os bicos se empinaram no mesmo instante, e ele sorriu com satisfação. Ela era deliciosa.

Rhys se inclinou e roçou os lábios sobre as saliências tentadoras. Ela afundou a cabeça no travesseiro e um gemido baixinho escapou dos lábios entreabertos. Ele se sentou para admirar o efeito do contato, fascinado com a visão dos bicos pontudos e da auréola rosada visível através do material transparente.

Voltou a atenção para a face. Agora, ela havia virado o rosto para ele, embora mantivesse os olhos fechados. Rhys foi tomado pela doçura daquele semblante. As bochechas salientes e arredondadas emprestavam beleza quase angelical.

Definitivamente, ela era aristocrática demais para ser prostitua. Além disso, ele nunca se envolvera com mulheres da vida. Guardava secretamente a esperança de ter um casamento feliz como o dos pais, mas isso fora antes de sua situação atual.

Uma americana! Maldição! No entanto, teria de manter os votos do casamento, em respeito aos pais e à memória deles.

Bem, ele poderia se dedicar àquela as reflexões morais, ou então, concentrar-se em outras coisas...

O olhar voltou para a parceira. O rosto podia parecer angelical, mas o corpo era absolutamente pecaminoso. Ele estendeu a mão para tocar o ventre, maravilhado com o calor e a suavidade da pele.

Outro suspiro escapou dos lábios adoráveis. Ele sorriu e deslizou os dedos. Se a pele era tão quente, podia imaginar como seria o calor do que encontraria entre as pernas. Tocou o minúsculo triângulo de tecido, deliciando-se com o prazer de deslizar os dedos sobre o relevo dos pelos encaracolados.

Dessa vez, ela choramingou e as pernas se abriram, permitindo que a tocasse com mais intimidade. Ele se debruçou sobre a virilha. O material da peça íntima se estreitava numa tira que mal cobria o montículo arredondado. O cheiro almiscarado que irradiava do sexo era quente e tentador.

Ele apertou os dentes. Não se lembrava de ter se sentido tão excitado ou sequioso por uma mulher.

Ergueu os olhos para o rosto, e alguma coisa se somou ao desejo, intensificando-o, deixando-o enlouquecido. Queria penetrá-la, arremeter-se tão profundamente que pudesse sentir cada milímetro de si envolvido pelo calor luxuriante.

Parte dele se excitava com a idéia de possuí-la enquanto dormia. Mas outra parte desejava ver o brilho dos olhos enquanto a penetrava. Queria ver o desejo e a necessidade nas íris incrivelmente verdes.

Rhys hesitou. Porque achava que eram verdes, se nem sabia quem era aquela mulher? Estranho. Mas a pergunta sem resposta não o ocupou por muito tempo. Ela moveu as pernas e gemeu baixinho, e Rhys sorriu, focalizado no prazer diante de seus olhos.

Com vagar, tocou a renda da calcinha com os dedos, num movimento quase imperceptível. Insinuou o polegar sob o tecido e fechou os olhos ao sentir a cálida umidade que o envolveu. Ansiava por retirar a peça e admirar a carne rosada.

Gentilmente, afastou as pernas e pressionou os dedos na saliência delicada pronta para ele.

Ela gemeu, com os lábios entreabertos. Os olhos permaneciam fechados, mas as pernas se abriram, oferecendo-lhe a visão adorável da feminilidade delicada. Rhys aceitou o convite, intensificando as cadeias com círculos lentos e provocantes sobre o ponto mais sensível. Interrompeu-se apenas para mergulhar o indicador na fenda surpreendentemente apertada, num movimento rápido e provocante.

A reação dela, pressionando a virilha contra sua mão, o estimulou a prosseguir. Ele lhe deu o que o corpo implorava, tocando-a com suavidade, num crescendo que a fez gritar.

— Rhys! Oh, Rhys...

Os dedos deram lugar à língua ávida, e Jane exultou de felicidade por ele estar ali, trazendo-a de volta do pesadelo que a aprisionara na escuridão e no vazio. Até Rhys resgatá-la, ela estava capturada, incapaz de emergir para a superfície; Enquanto a língua experiente continuava a lhe proporcionar prazeres indescritíveis, dedos ávidos tatearam os mamilos. Uma onda de prazer a envolveu. As mãos grandes e fortes sobre a pele proporcionaram sensações que ela jamais havia sentido. Jane sentiu-se derreter. Então, os dedos encontraram o ponto onde ela mais queria ser tocada. Os movimentos se tornaram intensos, e ela sentiu todos os feixes nervosos se retesarem como as cordas de um violino. No instante seguinte, seu corpo estremeceu com um espasmo que convergiu para o ventre, pulsando com vida própria.

Jane gemeu baixinho até que o êxtase se transformasse em ondas profundas de satisfação. Somente então abriu os olhos.

— Oh, meu Deus! — ofegou. Nunca tivera um sonho como aquele.

— Eu concordo — a voz rouca e profunda que ela ouviu pareceu perigosamente real.

Jane sentou-se e cobriu a boca. Rhys estava lá, completamente nu, entre suas pernas!

— Bom dia — ele saudou com um sorriso sedutor.

Ela recuou, mortificada, até bater a cabeça no espaldar da cama. Levantou-se com um pulo e escapou pela porta aberta rezando para que fosse o banheiro. Trancou-se e se recostou à madeira, com a respiração pesada.

O que havia feito?

Tentou se lembrar de como havia chegado ali, com Rhys, mas não conseguiu. A última lembrança que tinha era de vê-lo no beco. Ele a acompanhara até o hotel.

Lembrava-se também de ter perdido a aliança dos pais e voltara para procurar. Então...

Ela tivera o melhor orgasmo da sua vida.

Só de pensar, as pernas fraquejaram.

O quê? Estava louca? Em vez de quase ter outro orgasmo com as lembranças, ela deveria se preocupar, sobretudo pelo que havia acontecido entre eles. Teriam feito amor?

Mais uma vez, os joelhos enfraqueceram e um calor intenso aqueceu seu ventre.

Teria perdido o juízo de vez? Não deveria estar tão animada com uma noite de amor da qual não podia se lembrar.

Sim, estava enlouquecendo. Porém, receava que não fosse pela razão certa.

Uma batida na porta a assustou.

— Está tudo bem?

— Sim. Sairei num minuto — ela respondeu com voz trêmula.

Jane fechou os olhos. O que Rhys pensaria dela? Não ficaria espantada se fosse tratada como uma prostituta de primeira classe...

Rhys sentou-se na beirada da cama. Custaria uma fortuna e uma casa na cidade para manter aquela mulher. Porém, cada centavo valeria pena. Ela era de primeira classe.

Ele apanhou a calça pendurada sobre a cadeira, lembrando-se das duas alianças e da corrente de ouro que encontrara na noite anterior. Não estavam nos bolsos, e ele vasculhou o chão até avistar as

jóias caídas sobre a madeira polida.

Rhys analisou as duas alianças, notando que uma delas era tão pequena que combinava somente com alguém de compleição miúda, como da mulher trancada no banheiro. A outra aliança era maior, o que denunciava pertencer a um homem. Girou-as na palma da mão, tentando se lembrar como haviam parado ali, quando a inscrição no interior do anel chamou-lhe a atenção:

Para R. Eternamente sua. J.

O peito de Rhys se apertou. Aquele anel seria dele? Lentamente, colocou-o no dedo anular. Estava apertado, mas servia. Estudou as jóias por longos segundos antes de guardá-las na gaveta do criado-mudo.

Ele atravessou o quarto e parou diante da porta fechada. Abriu-a devagar, e flagrou a mulher saindo do chuveiro. Ela gritou e tentou se cobrir com as mãos. Rhys ignorou a timidez, embora soubesse que a reação era real. Nem menos de dez minutos atrás, pensaria que o comportamento fosse um truque para se seduzi-lo: Agora, sabia que era diferente.

— Nós nos casamos?

O primeiro pensamento de Jane foi dizer que não. Porém, percebeu que não podia ter certeza. Não se lembrava, e aparentemente, ele também não.

Imaginou se Nova Iorque teria capelas para casamentos rápidos como Las Vegas.

Nunca ouvira falar nada a respeito, mas naquelas circunstâncias, tudo parecia possível.

— Honestamente, eu não sei.

Ela o encarou. Os olhos foram atraídos para o torso largo e bem definido.

Felizmente, ele havia vestido a calça, ou ela jamais seria capaz de falar.

Obrigou-se a focalizar o rosto. Isso não ajudou. A beleza daquele homem era estonteante. Os cabelos, mesmo desarrumados pelo sono, eram esplêndidos. Os olhos intensos a estudavam, e ele franziu a testa, como se algo tivesse lhe ocorrido.

— Você é Jane Harrison! — O tom era hesitante, experimentando o som, como se ele resgatasse o nome que algum lugar obscuro da mente.

Jane assentiu, rezando secretamente para que ele não tivesse também se esquecido de tudo. Angustiada, ela o encarou em expectativa.

Era óbvio que ele não se lembrava! O que acontecera? Como era possível que os dois tivessem se esquecido da última noite?

— Sim, eu me lembro bem desses incríveis olhos verdes — ele disse com firmeza.

— Você é minha prometida.

Jane arregalou os olhos. Do que ele estava falando? E de onde vinha aquele acento genuinamente britânico? Não se lembrava que ele tivesse sotaque quando a levou de volta para o hotel.

— Jane Harrison, da América?

Ela confirmou com um gesto firme da cabeça. De onde ele imaginava que ela fosse?

— Eu devia ter percebido... — Rhys se aproximou e tocou os cabelos sedosos, deixando que uma mecha encaracolada deslizesse pelos dedos. — Seus cabelos são lindos. Você fica bem assim, com cabelos soltos. A moda é essa na América?

Ela pestanejou, absolutamente confusa.

— Suponho que sim...

Rhys a estudou com atenção e balançou a cabeça com um sorriso.

— Gosto disso.

Antes que ela pudesse responder, Rhys a envolveu pela cintura. Uma onda de eletricidade a percorreu, e ela se lembrou daqueles maravilhosos dedos longos tocando outras partes de seu corpo. Mordeu o lábio para abafar o gemido quando ele correu as mãos lentamente pelas coxas até chegar ao quadril.

Ele ergueu o rosto, maravilhado.

— Todas os americanos costumam depilar as pernas?

— Somente as mulheres. — Ela refletiu por alguns segundos e acrescentou: —

Bem, a maioria das mulheres.

Rhys considerou por um momento e finalmente assentiu.

Ergueu-se e abriu o gabinete para pegar uma toalha limpa.

— Bem, tenho de encontrar Christian e Sebastian — anunciou, estendendo-lhe a toalha. — Espero que eles se lembrem do que aconteceu conosco na última noite.

Jane empalideceu. O que ele queria dizer? Estaria enganada, ou o comentário sugeria que havia outros envolvidos? Esperava sinceramente que não. Por outro lado, esses dois homens poderiam explicar como ela fora parar ali e por que Rhys estava agindo de forma tão estranha.

Capítulo III

— Christian! Sebastian!

A voz grave de Rhys ecoou do lado de fora do quarto. Jane terminou de se secar e saiu do banheiro. Ficou aliviada ao ver as roupas penduradas numa cadeira um canto e vestiu-as apressadamente, ignorando o fato de estar sem roupa de baixo.

Ela ouviu Rhys gritar mais uma vez e foi atrás dele. No corredor, surpreendeu-se ao quase trombar com um homem louro que saía de uma das inúmeras portas.

— Que gritaria é essa? — ele perguntou com voz sonolenta. Jane não respondeu, espantada demais com a inesperada presença.

Aquele homem parecia ser mais novo que Rhys. Os cabelos eram mais curtos, embora não pudesse dizer com certeza pelo grau de desalinho, e os olhos bonitos possuíam o mesmo desenho, exceto pelo brilho dourado. Reparou, já que ele usava só a calça do pijama, que era menos corpulento e não tão alto. No entanto, a semelhança física era inegável.

— Olá — ele disse como se não percebesse que estava sendo avaliado. — Sou Sebastian, irmão mais novo de Rhys.

Ele estendeu a mão com um sorriso inegavelmente familiar.

— Jane — ela apresentou-se, sentindo a mão firme envolver a dela.

Então, ele e Rhys eram irmãos... Não podia negar, ambos haviam herdado gens espantosos!

— Meu irmão mais novo estava gritando?

Ela confirmou, e não teve tempo de abrir a boca. Rhys surgiu no final do corredor e caminhou na direção deles. O olhar recaiu para as mãos entrelaçadas.

Jane sentiu o rosto queimar e se livrou do aperto sentindo-se culpada. Depois de acordar na cama de Rhys, ele tinha todo o direito de pensar que ela fosse uma garota de programa, ou algo parecido. Agora, pensaria que estava se oferecendo para o irmão.

No entanto, ele sorriu e voltou a atenção para Sebastian.

— Calma, rapaz! Não tenho intenção de dividir minha mulher.

A possessividade implícita no comentário fez brotar uma onda de calor no ventre de Jane. Ela se recriminou imediatamente. Não deveria gostar daquela situação. Não tinha ideia do que estava acontecendo, e Rhys não podia ajudar. Pior, ele agia de forma estranha, como se estivesse numa espécie de transe.

— Especialmente porque agora, ela é minha esposa e sua cunhada — Rhys acrescentou, sorrindo para ela como se estivessem encantado com a ideia.

Definitivamente, aquilo não era normal. Sebastian se voltou para fitar Jane e ela sorriu com timidez.

— Rhys, do que você está falando?

— Ela é Jane Harrison, a americana prometida para mim — ele esclareceu como se fosse o óbvio.

O irmão o encarou boquiaberto e Rhys se voltou para Jane.

— Sinto muito. Sebastian é considerado um membro gregário da família. Mas aparentemente, hoje, ele está...

— Fora do meu juízo — o irmão sugeriu.

Rhys franziu a testa, confuso, e sorriu para Jane em desculpa.

— Além de gregário, devo acrescentar que ele costuma fazer comentários que devem ser ignorados.

Sebastian não respondeu, Sua expressão facial sugeria que ele fosse um lunático.

Aquilo não era bom sinal, Jane pensou.

— Rhys, acho que Jane quer tomar chá. Sim, chá com torradas — Sebastian sugeriu de improviso. — Vou levá-la para a sala de jantar e servi-la. Depois, podemos conversar sobre essa espantosa novidade.

Rhys assentiu e tocou o queixo de Jane com gentileza.

— Você ficará bem. Meu irmão é relativamente inofensivo.

Ela concordou, sentindo-se patética. Ansiava pelo momento de encontrar alguém cuja sanidade estivesse preservada. Ou então, talvez ela tivesse ficado louca.

— Desculpe pelos trajes de Sebastian. Ele não sabe como o se vestir apropriadamente diante de uma dama... — Rhys passeou o olhar de reprovação pelo peito nu de Sebastian, que mantinha mesma a expressão abobalhada.

— Prometo que vou me esforçar para manter com o decoro diante de sua... de Jane — comentou como um autômato.

— Ótimo. Bem, vou deixá-lo se conhecerem melhor.

— Venha, Jane. A sala de jantar é por aqui. — Sebastian fez um gesto para o corredor.

Jane o seguiu olhando por sobre o ombro uma vez. Rhys ainda estava parado no meio do corredor, observando-a. Uma onda de calor a aqueceu.

Aquilo era ridículo! Ela não deveria reagir como uma adolescente apaixonada. Nem conhecia aquele

homem! Não se lembrava de como haviam acabado juntos, e na cama.

Certo, ele era o homem mais bonito que ela jamais vira, mas tinha de ser sensata.

Mulheres sensatas não mantinham relacionamentos com homens que possivelmente eram loucos. Mesmo que Rhys não parecesse louco quanto a salvara, nem quando a levava de volta para o hotel, Jane sabia como era loucura.

— Meu irmão não costuma agir assim — Sebastian comentou como se estivesse lendo sua mente.

Ele a conduziu para uma sala ampla com painéis escuros de ébano e pesadas cortinas de veludo vermelho. A luz do ambiente era proporcionada por dois elaborados candelabros sobre a longa mesa de madeira maciça. Doze cadeiras a circundavam, tão requintadas que mais se pareciam pequenos tronos, com assento e espaldar forrados de veludo da mesma cor das cortinas.

Sebastian fechou a porta, e ela interrompeu a supervisão do ambiente.

— Não conheço seu irmão muito bem, mas ele salvou minha vida ontem à noite. E

mesmo que eu não consiga me lembrar de muita coisa, sei que ele não era louco.

Ela não sabia como tinha tanta certeza, exceto por ter vivido com alguém com problemas mentais: o próprio pai.

— Ele salvou sua vida?

— Isso mesmo. Cometi um erro de julgamento e confiei num homem que não conhecia. Felizmente, Rhys percebeu o caráter do rapaz. Ele nos seguiu, e... — Ela respirou fundo. Mais uma vez, sentiu-se grata por Rhys ter estado lá. — Rhys impediu que acontecesse algo terrível. Então, levou-me de volta ao hotel onde estou hospedada e foi embora.

— E ele voltou, ou foi você que saiu para encontrá-lo?

— Aí é que está... Eu não me lembro de tê-lo visto de novo. Saí do hotel e voltei para o bar. Só que não me encontrei com Rhys. Pelo menos, não que me lembre. — Ela franziu a testa, confusa. — Suponho que deva tê-lo encontrado, mas...

— Você esteve com ele de novo, sim. Caso contrário, não estaria aqui agora.

As palavras eram verdades óbvias, mas alguma coisa no tom de Sebastian soou estranha, como se ele soubesse mais do que queria revelar.

Jane o estudou, e o sorriso franco e aberto a fez pensar que estava sendo paranóica.

— Bem, deixe-me mostrar-lhe a cozinha. — Sebastian abriu uma das portas da sala de jantar. — Acho que temos chá e torradas. Se estivermos com sorte, você vai encontrar manteiga ou geleia na geladeira.

Jane agradeceu, pensando para si que era estranho ele não ter certeza do que tinha na própria cozinha. Talvez não cozinhasse, ou não fizesse as refeições em casa.

— Fique à vontade. Vou falar com Rhys e tentar conseguir algumas respostas.

Pelo menos, vou tentar descobrir por que está agindo de forma tão estranha.

Ela assentiu, mas não se moveu. Olhou ao redor da cozinha, subitamente sufocada pela estranheza da situação.

— Tudo vai ficar bem, Jane.

— Espero que sim. — Ela ofereceu-lhe um sorriso forçado, confortada pelas palavras.

A situação devia ser estranha para Sebastian também. Na certa, ele estava muito mais assustado com o comportamento do irmão do que ela, que conhecia Rhys havia apenas algumas horas.

Sebastian sorriu quando fechou a porta atrás dele. Rhys, o irmão indiferente, carrancudo e melancólico, tinha salvado a vida de uma mortal. Inacreditável!

Além disso, havia transgredido a regra fundamental de nunca se envolver com mortais. Ao menos, com mortais que não eram usados como fonte de alimento, pessoas que representavam o dejetos da sociedade.

Certamente, Jane não se enquadrava nesse perfil. Isso ficava óbvio com um simples olhar, e o frescor adocicado que exalava da aura salutar confirmava a impressão.

Era o último tipo de mortal com quem Rhys poderia se envolver. Mas, definitivamente, ele já estava envolvido. Havia um laço de energia que os ligava... Ou melhor, uma intensa atração física, sexual.

Ele sorriu mais uma vez, divertido. Quem diria que o irmão possuía apetite sexual?

Sempre acreditara que Rhys reprimia a sexualidade para ter mais espaço para todo aquele desânimo. Descobriu que estava enganado. Rhys estivera esperando pela mulher certa.

Quem era Jane? Os passos dele ficaram lentos e o sorriso desapareceu. Pela primeira vez, Rhys se interessava por uma mulher, mas a história de Jane não esclarecia o que havia acontecido na noite passada.

Deduziu que o mortal no beco era o homem que havia atacado Jane, e fora por isso que Rhys drenara quase todo o sangue dele. Porém, ainda não sabia quem atacara o irmão, nem o motivo. E não tinha menor idéia de como se explicava o comportamento estranho dele naquela manhã. Rhys achava que Jane era sua prometida, e, o mais surpreendente, sorria como nunca.

Nada daquilo fazia sentido. Esperava sinceramente que Rhys saísse daquela espécie de delírio apaixonado e lhe desse alguma explicação.

Ele o encontrou na biblioteca, uma ampla sala cheia de livros e CDs, o lugar favorito de Rhys no apartamento. Estava sentado numa cadeira com as pernas cruzadas, completamente relaxado.

— Aí está você! — Rhys saudou com um sorriso caloroso, e fez um gesto na direção dos dois copos de uísque sobre a mesa. — Achei que devíamos celebrar.

Sebastian pestanejou. Não se lembrava da última vez que vira aquele sorriso, certamente nunca depois que Rhys se transformara numa criatura das trevas. E, o mais estranho, estava celebrando?!

— Jane está tomando o desjejum?

— Sim. Ela está bem.

— Ótimo. — Rhys se levantou e seguiu na direção da imensa lareira que ocupava uma das paredes. Atiçou as brasas e voltou para perto do irmão. — Ela não é adorável?

— Jane? Sim, ela é especial.

Sebastian o avaliou discretamente; Por que se comportava com tanta formalidade?

E de onde vinha aquele acento britânico tão pronunciado? Os dois haviam perdido o sotaque por completo ao longo das décadas.

Rhys apanhou um copo e voltou para perto da lareira, apoiando o braço sobre o mantel. Tomou um gole do líquido dourado e suspirou.

— Estou satisfeito com o matrimônio, devo dizer. Quando papai me disse que havia arranjado meu casamento com uma americana, fiquei muito aborrecido.

Sebastian se lembrava, embora o incidente tivesse acontecido quase duzentos anos atrás. Seria por isso que Rhys falava e agia de forma tão estranha? De alguma forma, acreditava que voltara ao século XIX em plena Inglaterra?

— Eu imaginava uma mulher empurrando um arado pelos campos o dia todo...

Sebastian levou alguns segundos para compreender do que ele estava falando.

— Uma mulher sem classe, uma selvagem, na verdade. Mas, em respeito aos nossos pais, eu teria me casado com ela mesmo assim.

Sebastian quase riu alto. O irmão, na certa, guardava algum registro anêmico da noiva americana destinada a ele duzentos anos atrás. Não se lembrava do nome dela...

Bertha, se não estava enganado. Aquela, sim, era uma quase selvagem sem nenhuma atração. De fato, desejou ter se lembrado dela muito tempo antes. Quando Rhys se lamentasse por ser um vampiro, o que era freqüente, poderia remetê-lo ao passado e fazê-lo pensar como seria viver e morrer nos braços de Bertha.

O que o fez lembrar-se do mistério sobre Jane. Quem era ela, e o que acontecera naquele beco na noite anterior? Ela não sabia, e era óbvio que Rhys tampouco tinha a menor pista. Ele parecia enfeitiçado e feliz por estar de volta à velha Inglaterra.

Sebastian se concentrou na conversa. Não parecia haver nada fisicamente errado com o irmão. Até o ferimento no pescoço havia se restaurado por completo. No entanto, por que agia daquela forma? Ele era racional demais para perder a sanidade.

— Onde estão Christian e Elizabeth? Quero que conheçam Jane. Eles vão adorá-la!

De repente, a situação não pareceu mais ser tão divertida para Sebastian. De alguma forma, ele havia se esquecido dos fatos de dois séculos passados e de toda dor que ficara para trás. A morte de Elizabeth, o ódio de Christian pelos irmãos, especialmente por Rhys. Lilah.

Como pudera se esquecer? A perda de Elizabeth devastara Rhys. Ele seguira em frente, mas nunca mais fora o mesmo. Não era justo que tivesse de reviver a dor de perdê-la mais uma vez.

De súbito, Sebastian interrompeu o curso das reflexões. Se Rhys não se lembrava da morte de Elizabeth nem do ódio de Christian, obviamente havia se esquecido de que era um vampiro.

— Sebastian, você está a uma milha de distância! Você me ouviu? Onde estão Elizabeth e Christian?

— Eles estão... Eles foram para o campo — Sebastian respondeu apressadamente. Qual era mesmo o nome daquele velho lugar?

— Estão em Rothmere?

— Sim, isso mesmo. Christian levou Elizabeth para festa na propriedade da amiga dela, lembra?

Rhys franziu a testa, obviamente tentando se lembrar.

— Elizabeth vive cheia de compromissos. Não consigo saber de tudo que ela faz.

Sebastian tomou um gole do uísque. Aquilo era muito estranho. Jamais poderia imaginar que um vampiro pudesse ter amnésia, e tudo indicava que era o mal de Rhys.

Ele prendeu a respiração quando Rhys caminhou até a mesa a um canto e acendeu a luz do abajur. Observou-o atentamente, esperando pela reação dele ao descobrir o conceito da luz elétrica, uma invenção que não haviam visto quase cinquenta anos depois de se tornarem vampiros.

Porém, Rhys não reagiu. Sentou-se e colocou outra dose de uísque no copo.

Estendeu a garrafa para Sebastian, que aceitou prontamente. Precisaria de muitos drinques para enfrentar a bizarra situação em que se encontrava.

Ele mordeu a língua para reprimir o desejo de lembrar a Rhys quem ele realmente era. O irmão estava relaxado, feliz... Não o via assim havia séculos. Talvez fosse melhor deixá-lo como estava por algum tempo, pelo menos até que conseguisse compreender o que havia acontecido.

— Jane é mais perfeita do que eu poderia imaginar. — Rhys suspirou e se sentou na cadeira. — Tenho de admitir, não me lembro de como ela chegou aqui. Não me lembro de nada da noite passada.

— Você se esqueceu de muito mais do que uma noite — Sebastian disse com irritação, mas tentou remendar. — Você e Christian comemoravam seu futuro casamento antes de ele partir com Elizabeth.

Rhys assentiu, satisfeito com a explicação. Christian sempre fora o mais sábio dos três irmãos. Era fácil imaginar que o tivesse convencido a comemorar os últimos dias de solteiro.

Os dois beberam em silêncio por alguns minutos, enquanto Sebastian tentava pensar no que fazer. Talvez devesse conversar com outros vampiros que freqüentavam o clube. Algum deles podia ter ouvido falar daquele tipo de distúrbio mental. E, certamente, poderiam ajudá-lo a encontrar qualquer vampiro na cidade que atacava iguais.

— Futuro casamento? — Rhys perguntou abruptamente. — Jane e eu ainda não nos casamos?

— Não. Ela chegou ontem à noite.

— Meu Deus! Você quer dizer que minha noiva mal desceu do barco e eu a levei para minha cama para consumir o casamento? E enquanto estava bêbado?

Sebastian pestanejou. O que dizer?

— Bem, ela pareceu concordar...

Rhys balançou a cabeça, visivelmente aborrecido.

— Isso é imperdoável. O casamento deverá ser o mais breve possível. Não quero que minha reputação fique destruída por causa de uma noite de bebedeira. Pretendo ficar com Jane. Quero ser feliz com ela.

A princípio, Sebastian se divertiu secretamente com os conceitos antiquados.

Porém, no instante seguinte, uma emoção inusitada o sufocou, como se uma onda de necessidade esmagadora inundasse o aposento. Ele se viu tragado pela sensação de um devastador sentido de perda que pesou o ar.

Sebastian se esforçou para focalizar a atenção no que Rhys dizia, percebendo que as emoções provinham dele. Estudou-o enquanto ele permanecia fixo num ponto invisível, com olhar distante, como se estivesse em transe. Imagens começaram a bombardear seu cérebro. Visões de Elizabeth, Christian e outras pessoas do passado. Ele foi sufocado pela tristeza, enquanto as visões continuavam a passar rapidamente, oferecendo breves relances de vidas agora perdidas. Quando julgou que não pudesse mais suportar, que seu cérebro e emoções haviam chegado ao limite, a tristeza se evaporou.

de repente.

Uma imagem final pipocou. Jane. E o rosto dela também desapareceu.

O ar se tornou mais leve. Somente um traço suave da marca do desejo de Rhys por ela permaneceu flutuando no ar.

Sebastian pestanejou. Que diabos fora aquilo? Aquele relance de imagens era similar ao que acontecera com ele quando Rhys fora atacado.

Voltou a encarar o irmão. O olhar encontrara o foco e ele sorria.

— Não sei explicar... — dizia, alheio ao estado de estupor de Sebastian. — Acabei de conhecer Jane, e não posso viver sem ela. Tenho de tê-la.

Subitamente, entre as palavras de Rhys e as imagens que captara, Sebastian compreendeu.

Rhys desejava Jane, mas como vampiro, não podia se apaixonar por uma mortal.

Tivera muitas perdas no passado e já se machucara muito. Mas, se pudesse voltar no tempo, antes das perdas e do vampirismo, talvez então pudesse ter Jane.

Perplexo com a apreensão do que acontecia na cabeça confusa do irmão, Sebastian o fitou com olhos arregalados. Jamais poderia imaginar que Rhys fosse capaz de estabelecer conexão tão intensa, especialmente com uma mortal. Não fora para menos que ele tivera intuição de levar Jane para casa junto com Rhys e colocá-los na mesma cama. De alguma forma, pressentira que o irmão poderia descansar e se recuperar se soubesse que Jane estaria do seu lado.

Entretanto, não tinha idéia da extensão do desejo até aquele momento.

Rhys a desejava tanto que se esquecera de tudo que fora por duzentos anos.

Negara o fato de ser um vampiro e voltara no tempo, antes de Lilah. Era por isso que não parecia perturbado pelas conveniências modernas do apartamento. Questionar como aquilo tudo poderia existir no século XIX arruinaria o mundo fantasioso que ele criara para se defender da realidade.

No entanto, Sebastian decidiu colocar a teoria em teste.

— O que é isso? — ele apontou para a lâmpada do abajur. Rhys olhou para o objeto em questão com olhar desconfiado.

— Uma lâmpada — disse lentamente, como se Sebastian tivesse perdido o juízo.

— E aquilo? — Dessa vez, Sebastian indicou o moderno e sofisticado aparelho de som.

— Um CD player.

— E?...

— Sebastian, você pode me explicar quais são as regras desse jogo de perguntas?

— Estou indicando todas as boas coisas que você pode oferecer a Jane —

Sebastian esclareceu. — Poucos homens em Londres nesse período em particular poderiam oferecer tanto às noivas.

Rhys o encarou por um momento e balançou a cabeça, claramente desconfiando da sanidade do irmão.

No entanto, Sebastian não estava louco. Ele fora brilhante. Rhys estava suprimindo apenas a parte do passado que ele não podia aceitar. Assim, conseguira apagar a morte de Elizabeth, o ódio de Christian, a vida dele. Era como se o subconsciente dele tivesse realizado uma cisão, numa manobra genial para fazer com que o passado e o presente pudessem coexistir.

Mas mesmo satisfeito com sua descoberta, Sebastian também ficou atônito pela extensão do dano psíquico que as perdas haviam provocado. Sabia que Rhys nunca se aceitara como vampiro, mas jamais podia imaginar a agonia e a culpa que consumiam o irmão.

Observou-o por um momento, tentando decidir o que seria melhor para ele.

Finalmente, chegou a uma conclusão. Não podia trazer Elizabeth e Christian de volta, mas podia ajudar com Jane. Podia lhe dar a chance de amar aquela mortal que tocara seu coração, um coração que poderia ficar congelado para sempre.

Jane sentou-se na mesa da sala de jantar e tomou um gole de chá, tentando decidir o que fazer. Considerou diversas vezes a possibilidade de ir embora, mas, desistiu. Não conseguiria partir sem saber que Rhys estava bem. Além disso, queria descobrir o que havia acontecido na noite anterior.

Ela mordiscou a torrada mesmo sem apetite. Apanhou o prato e carregou para a cozinha.

Com um suspiro desolado, ela olhou ao redor. Armários modernos e sofisticados de fórmica preta ocupavam todas as paredes. A ampla cozinha dispunha de todo tipo de eletrodomésticos, caros e luxuosos. Porém, os armários estavam praticamente vazios, assim como a geladeira. Ela supôs que aquilo não era particularmente estranho. Rhys e Sebastian não pareciam ser aficcionados por culinária. Na certa, saíam para jantar todas as noites.

De uma coisa ela tinha certeza: os dois irmãos eram homens ricos. Seu julgamento acerca de Rhys quando o vira pela primeira vez no bar fora acertado. Aquele apartamento gigantesco transpirava cultura e sofisticação, muito diferente do ambiente em que ela crescera, na velha casa vitoriana em que metade dos quartos era usada para os velórios do vilarejo.

Ela caminhou de volta para sala, impressionada com o contraste com a cozinha.

Era como se tivesse atravessado um portal do tempo e ido parar na Inglaterra antiga. O

luxo e bom gosto dos móveis era inegável, e os quadros e esculturas que adornavam o ambiente deviam valer uma verdadeira fortuna.

A porta que conectava sala com o corredor se abriu de repente e Sebastian entrou.

Considerando a estranheza do comportamento do irmão, ele parecia muito calmo.

— Em primeiro lugar, você ficará feliz em saber que não se casou com meu irmão

— ele anunciou com um sorriso.

De alguma forma, Jane já havia chegado àquela conclusão. Contudo, o alívio que esperava sentir com a confirmação não foi tão intenso quanto deveria.

— Rhys está com amnésia e aparentemente acha que é um visconde do século XIX na Inglaterra.

— O quê?! Perplexa, Jane se sentou, receando que as pernas não a sustentassem.

— É isso mesmo que você ouviu. — Sebastian sentou-se na mesa diante dela. —

Ele não consegue se lembrar de muitos detalhes da vida atual.

Jane estranhou as palavras, e ele corrigiu rapidamente:

— Acho que "atual" não define bem o que quero dizer. Refiro-me a vida real.

Jane assentiu. Ela já vira filmes sobre amnésia, mas as descrições eram fictícias.

O que estava acontecendo com Rhys pareceu tão fantástico quanto qualquer filme.

— É assim que age uma pessoa com amnésia?

— Bem, o distúrbio pode se manifestar de diversas maneiras.

Mais uma vez, Jane ficou chocada com a tranquilidade de Sebastian em relação ao problema de Rhys. Visconde, na Inglaterra do século XIX? Aquilo era razão mais do que suficiente para se preocupar!

— Não seria melhor levá-lo ao médico? Sebastian pareceu pouco à vontade e forçou um sorriso.

— Temos um médico na família. Telefonei para ele e expliquei o que está acontecendo com Rhys. Ele me assegurou de que se trata de amnésia.

— E ele *fez o diagnóstico* sem examiná-lo?

— Bem, ele disse que não pode ser outra coisa.

— E se Rhys tiver algum ferimento na cabeça que necessite de atenção médica? É

arriscado confiar num diagnóstico feito por telefone.

— O médico virá examinar Rhys amanhã. Ele sugeriu que não saia do apartamento, porque... Bem, como ele acredita estar em outro período, poderia ficar chocado se visse carros, aviões e todo tipo de facilidade da vida moderna.

Aparentemente, o choque poderia ser devastador.

Jane supôs que fazia sentido. Ademais, aqueles homens certamente tinham dinheiro de sobra para pagar uma consulta em domicílio.

— Ainda bem que o médico acha que ele ficará bem. Ele deu alguma previsão de quanto tempo a amnésia pode durar?

— Não. Pode levar semanas ou meses para que Rhys recupere a memória.

O coração de Jane se apertou. O pai dela tinha breves momentos de lucidez. Ele queria tão desesperadamente acreditar que a mãe de Jane ainda estava viva que agia como se ela ainda estivesse lá. Conversava com a esposa em diálogos intermináveis, e Jane se condoia a cada vez que o via rir sozinho. Rhys não estava tentando trazer de volta as pessoas que havia perdido, mas ainda assim, cortava seu coração vê-lo mergulhado num mundo irreal.

— Eu sinto muito, Sebastian.

— Sei que você sente. — Ele sorriu, calorosamente.

Jane suspirou e começou a se levantar. Sabia que Rhys eventualmente ficaria bem, e não tinha razões para ficar ali.

— Jane... — Sebastian se inclinou e pousou a mão sobre a dela. — Rhys tem de ser observado o tempo todo. O médico disse que é importante mantê-lo sob supervisão, porque muitas coisas podem chocá-lo.

Jane assentiu, sem compreender o motivo da explicação.

— Este apartamento localiza-se sobre uma boate da qual Rhys e eu somos proprietários. A noite, costumamos ficar no clube. É um lugar bem popular, e sem a ajuda de Rhys, estarei muito ocupado. Não serei capaz de cuidar dele e de administrar os negócios.

Ela inclinou a cabeça, numa pergunta silenciosa.

— E é aí que você entra. Seria possível que ficasse tomando conta do meu irmão?

— Eu? — Os olhos de Jane se arregalaram. — Não há mais ninguém que você possa chamar?

Simplesmente *não podia tomar conta* de Rhys. Não conseguia nem olhar para ele depois daquela manhã. Além disso, soava absurda a idéia de tomar conta de um homem potente e poderoso como

aquele.

— Bem, a idéia é que, se ele acredita que estão noivos, você é melhor do que qualquer pessoa para ficar aqui. Ele não questionaria.

Fazia sentido, mas por que Rhys continuaria a acreditar que eles tinham um relacionamento? Na certa, porque a encontrara na cama, seminua, do lado dele, foi a resposta óbvia que Jane chegou. Devia agradecer a sorte. Seria muito pior se ele pensasse que era uma prostituta.

— Eu... não sei.

Ela libertou a mão. Não conhecia aqueles homens. Não podia se instalar num apartamento com dois estranhos.

— Preciso muito da sua ajuda — Sebastian declarou em tom persuasivo.

— E como *vou* impedi-lo, se ele quiser sair do apartamento? — Por que estava perguntando? Estaria maluca a ponto de considerar ficar ali?

— Tenho a impressão de que não há ninguém mais capaz de controlá-lo. Ele está fascinado por você, Jane.

As palavras não aliviaram o aperto no peito dela,

— E vou pagar pelos seus serviços, é claro — Sebastian acrescentou. — Você disse que está hospedada num hotel, certo? A estada aqui será de graça.

Ela olhou ao redor. Precisava de um lugar para ficar até... que pudesse organizar suas finanças. Ainda tinha alguns cheques de viagem, mas não seriam suficientes para mantê-la até que pudesse abrir uma nova conta no banco e um cartão de crédito.

E, definitivamente, aquele apartamento proporcionava espaço de sobra para mais uma pessoa. Pensando bem, seria uma boa solução ficar ali até encontrar trabalho.

Ela olhou para Sebastian, que a observava intensamente. O problema era que não conhecia aqueles homens. Poderiam ser assassinos seriais. Depois de tudo que vivera desde o momento que chegara em nova York, nada mais a espantava.

Não, Sebastian e Rhys não podiam ser homicidas maníacos, decidiu, vendo o homem sofisticado diante dela. No entanto, ela já havia provado que não sabia julgar caráter.

— Rhys estava lá quando você precisou dele.

As palavras de Sebastian atingiram o alvo. Jane não teve como argumentar. Rhys havia salvado a vida dela. Assassinos em série não se importavam em salvar uma pessoa para matá-la mais tarde. Além disso, mesmo sem saber por que, confiava nele.

— Está bem — concordou depois de um momento de hesitação.

Sebastian sorriu com evidente satisfação pela mentira bem contada. Reprimiu a ponta de remorso por ter sido forçado a usar uma pequena chantagem, mas era pelo bem do irmão. Além disso, era óbvio que Jane também se sentia atraída por Rhys. Tudo que ele tinha de fazer era mencionar o nome dele, e o rosto alvo se tingia de rubor.

— Eu ficarei, mas só por uma semana. Você terá tempo de procurar alguém para cuidar de Rhys, se ele precisar. Assim, também terei tempo de encontrar um apartamento e um trabalho.

Uma semana? Sebastian franziu a testa. Precisava de mais de uma semana para que ela se apaixonasse.

Ele inalou fundo, pronto para argumentar, quando farejou novamente o desejo que permeava o apartamento. Concluiu que uma semana seria tempo mais do que suficiente.

Se precisasse, pensaria em alguma coisa mais tarde. No momento, podia contar com ela.

Agora, tinha de se preocupar com outra coisa. Rhys não sabia que era um vampiro.

Poderia acabar com a própria existência com um ato simples como abrir as cortinas e deixar a luz do sol entrar. Ou então, quando a fome se tornasse urgente, tendo somente Jane como fonte de alimento.

— Tomar conta de Rhys pode ser muito simples. Há apenas três coisas que você precisa ter cuidado.

Ela ouvia atentamente, com os olhos arregalados.

— Rhys tem alergia à luz do sol, e não pode sair de casa durante o dia. Isso geralmente não representa problema, já que trabalhamos à noite. Ele costuma dormir até o pôr do sol. — O que era basicamente verdade.

— Ele não pode sair durante o dia? — Jane quis confirmar, admirada com a informação.

— Não. Somente o quando o sol se põe. A luz solar é venenosa para ele. Além disso, Rhys é alérgico a comida. Ele costuma se alimentar com uma bebida que contém alto teor de proteínas.

— Ele não come?! — Jane arregalou os olhos, perplexa.

— E claro que come, mas muito raramente. Ele tenta manter a alergia sob controle.

— Sebastian ergueu as mãos, consciente de que aquilo soava estranho até mesmo para ele. — Não me pergunte como ele consegue!

— E será que ele vai se lembrar disso?

— Não sei, mas temos de tomar cuidado. Rhys faz essa dieta líquida há tanto tempo que, se comer alguma coisa, o sistema digestivo sofrerá um colapso.

Ela assentiu, sem comentar a estranheza que a idéia lhe causava.

— E, repito exatamente o que o médico me disse, não podemos contrariá-lo em hipótese alguma. Qualquer contrariedade pode prejudicar as lembranças. Segundo o médico, se isso acontecer, a memória real poderá se perder para sempre.

Jane o encarou, apavorada.

— Está bem.

— Ótimo. Então, vamos falar sobre dinheiro. Que tal cinco mil dólares?

Sebastian achou que não fosse possível, mas os olhos verdes se arregalaram ainda mais.

— É muito dinheiro!

— Eu amo meu irmão, e quero vê-lo feliz.

— Não posso aceitar. É muito.

Sebastian sorriu, impressionado pela relutância. Era óbvio que Jane tinha ética.

— Se não quiser, não pegue o dinheiro. De qualquer forma, estará à sua disposição.

Ela hesitou mais uma vez, mas depois de um momento, estendeu a mão para selar o acordo.

Capítulo IV

Jane olhou ao redor do quarto que seria dela durante sua estada no apartamento dos irmãos Young. Um deles se dispunha a pagar uma fortuna para que ela cuidasse do outro, que achava estar vivendo na Inglaterra do século XIX. Ah, e o mais perturbador: achava também que estavam noivos. Ainda não podia acreditar que havia concordado com aquela proposta maluca!

Ela correu a mão pela luxuosa colcha de veludo azul que cobria o colchão.

Definitivamente, era muito melhor do que a cama que ela dormira vida toda. O luxo e o bom gosto daquele apartamento transpirava nos mínimos detalhes.

Jane se levantou e abriu as pesadas cortinas cor de damasco. Era noite, mas ela não conseguiu ver o céu. O vidro fosco e espesso da janela impedia passagem da luz. Ela suspirou, desapontada. Esperava ver a paisagem e, quem sabe, ter alguma pista de onde estava. Então, percebeu que as janelas blindadas contra o sol serviam para proteger Rhys.

Dentre toda estranheza daquela situação bizarra, o que mais a intrigava era o fato de Rhys se alimentar somente de líquidos. Ele não parecia ter qualquer tipo de problema físico. Aliás, era perfeito.

Jane afastou a imagem do corpo escultural da mente. Tinha de manter aquela atração sob controle.

Pensou nas alergias dele. Não conseguia imaginar uma vida sem a luz do sol.

Então, lembrou-se de que ela também não passava muito tempo ao ar livre. A exposição aos raios solares provocava queimaduras e bolhas em sua pele. Ela também gostava mais da noite, quando podia ler até de madrugada. Não seria um grande sacrifício passar os dias enclausurada num apartamento confortável, com o homem mais bonito e atraente do planeta.

A comida, no entanto, a preocupava. Quem não gostava de um sorvete lambuzado de calda de chocolate, ou de uma pizza transbordando queijo derretido?

Com um suspiro, ela fechou as cortinas e foi explorar o banheiro da suíte, outra conveniência que ela nunca tivera o luxo de usufruir em sua vida.

Boquiaberta, ela admirou a opulência do aposento. Acariciou o mármore branco da pia e sentou-se na borda da banheira, grande o bastante para duas pessoas. Ela quase riu ao entrar no box do chuveiro, maior do que o banheiro de sua velha casa.

Todo aquele luxo era quase ofensivo. No entanto, sabia que não podia se acostumar com o conforto. Em breve, teria de ir embora.

Jane voltou para o quarto e colocou a mala sobre a escrivaninha. Alguém chamado Mick, um segurança da boate, fora ao hotel apanhar sua bagagem. Ela hesitou por um momento antes de retirar as roupas para guardá-las no armário. Não havia sentido em desfazer as malas, nem em ficar tão confortável. No fundo, ela sabia que a única razão para estar ali era atração incontrolável por Rhys. E era ridículo sentir-se atraída por um homem que nem sabia quem ela era! Bem, tampouco ela sabia quem era Rhys, e mesmo assim, seu corpo queimava por ele.

Mesmo assim, guardou as roupas e separou calça jeans, suéter e roupa de baixo.

Um banho longo e relaxante a ajudaria encontrar a perspectiva e, com um pouco de sorte, a lembrar do que acontecera na noite anterior.

A única explicação possível para sua perda parcial da memória era a tequila, ou a combinação da bebida e do estresse. Quando o médico fosse visitar Rhys, pediria que a examinasse também.

Ela colocou as roupas sobre o gabinete da pia e abriu as torneiras da banheira.

Observou o movimento da água por algum tempo e procurou sabonete e xampu no gabinete da pia. Quando captou seu reflexo no espelho, ela quase gritou de susto. Ela parecia uma sobrevivente de um naufrágio, com os cabelos espetados para todos os lados e duas manchas escuras sob os olhos, deixadas pelo rimel borrado.

Como era possível que Rhys tivesse se sentido atraído por ela? Sebastian só podia estar enganado. Mas ela estivera na cama com ele, e...

As bochechas queimaram, e Jane prendeu a respiração.

Não conseguia se lembrar da noite anterior, mas certamente a memória das mãos dele sobre ela ainda estava viva.

Jane se despiu rapidamente e entrou na banheira, obrigando-se a não pensar mais em Rhys. A água lípida a aqueceu, e ela fechou os olhos, fingindo que eram os beijos dele sobre a pele.

O que estava fazendo? Ela ergueu as pálpebras, assustada. Nunca tivera fantasias daquele tipo! Porém, nunca ninguém a tocara como Rhys...

O ruído discreto à porta a assustou. Rhys estava lá, observando-a.

— Desculpe. Achei que você tinha me chamado. Ela pestanejou, embaraçada.

Bem, seu corpo todo clamava por ele, mas ela não se lembrava de ter dado voz aos sentimentos.

— E... eu... não.

— Nesse caso, vou deixá-la tomando seu banho. Os dois se olharam por um longo momento. Rhys inclinou a cabeça num gesto discreto e saiu, fechando a porta atrás dele.

Jane se afundou na banheira. Tivera de usar cada partícula racional da mente para não convidá-lo a se juntar a ela. O que havia de errado? Sempre fora tão prática, tão reservada... e agora, agia como uma devassa!

* * *

Rhys fechou a porta do banheiro e do quarto de Jane, e ainda sentia o desejo dela puxando-o, implorando para voltar. Parou no corredor, seu próprio desejo impelindo-o a voltar. Mas não podia. Ela era sua prometida. Ainda não haviam se casado, mas em breve, seriam marido e mulher. E então, aquele corpo deleitável seria todo dele.

Ele quase gemeu alto ao imaginar as mãos delicadas deslizando sobre os seios pequeninos. Ainda se lembrava do gosto deles. O pensamento provocou uma dor pulsante na virilha.

Forçando-se a ignorar o entusiasmo, ele saiu à procura de Sebastian. O irmão o deixara na biblioteca para conversar com Jane. Estava curioso para saber sobre o que haviam falado.

Entrou no quarto de Sebastian e encontrou-o abotoando a camisa.

— Aonde você vai?

— Ao clube. — Sebastian passou os dedos pelos cabelos loiros. — Por quê?

— Eu iria com você, mas Jane já me vê como um completo réprobo. É melhor ficar e tentar convencê-la de que sou um homem honrado.

— Sim, é melhor. — Sebastian sorriu com um brilho divertido nos olhos.

— Onde está Wilson?

Rhys não vira o valete durante a manhã toda. Não que os irmãos precisassem muito dele. Todos concordavam que, se um homem não é capaz de se vestir sozinho, não pode ser chamado de homem.

— Ah, Wilson!... — Sebastian exclamou depois de um momento de hesitação. —

Ele está de folga para o Natal.

Natal? Somente então Rhys se lembrou de que era Natal. Por Deus, Jane devia pensar que ele era o mais completo selvagem! Como pudera se esquecer de felicitá-la pela data sagrada? Tinha de mandar a cozinheira preparar uma ceia apropriada... Isso é, se a criadagem não tivesse sido dispensada, como o valete.

— Não ficarei fora por muito tempo — Sebastian avisou. — Acho que será bom que você e Jane tenham um pouco de privacidade.

Rhys concordou. Gostava da idéia de ficar a sós com Jane. Preocupava-se apenas em arranjar uma ceia decente de Nata!, mesmo que fosse só para os dois. Tinha muito que fazer, e esperava que ela fosse uma mulher compreensiva.

— Divirtam-se! — Sebastian se despediu com mais um daqueles sorrisos divertidos.

Rhys supôs que o irmão achava graça da situação, especialmente depois da sua relutância em aceitar uma esposa americana. Teve de admitir que de fato, era engraçado.

Se ele soubesse o que estava perdendo, teria arranjado para que a americana fosse despachada para a Inglaterra muito tempo atrás!

O banho não teve o efeito que Jane presumira. Continuava nervosa e sexualmente excitada. Por ela, ficaria a noite toda trancada no quarto. Mas não podia. Tinha de vigiar Rhys.

Terminou de secar os cabelos e aplicou maquiagem suave para disfarçar o cansaço. Examinando seu reflexo, decidiu que não ajudara muito. Ela ergueu os ombros, conformada, e se vestiu. Depois de uma boa noite de sono, as olheiras desapareceriam.

Ela inalou fundo e saiu do quarto para encontrar os dois belos irmãos.

O apartamento repousava no mais absoluto silêncio. Um arrepio de pânico a percorreu. E se Rhys tivesse saído enquanto ela estava no banho?

Atravessou a sala de jantar e abriu as portas duplas que se comunicavam com a sala de estar. Rhys estava lá, ao lado da lareira.

Jane emudeceu ao ser capturada pela beleza daquele homem. A luz vermelhada do fogo refletia-se

nos cabelos. A elegância do casaco e calça pretos valorizava os ombros largos e o porte altivo.

— Entre, Jane. Prometo que não vou mordê-la.

As palavras fizeram a pele de Jane queimar. Ela esperou que a respiração se normalizasse e entrou na sala, obrigando as pernas a não tremerem. Apoiou as mãos no espaldar de uma poltrona e se focalizou no ambiente.

Aquela sala, como as demais dependências, era enorme. Três amplas janelas em forma de arco ocupavam uma das paredes. O vidro, menos espesso que o do quarto, deixava entrever as luzes da cidade. As demais paredes mostravam prateleiras repletas de milhares de livros. Apesar do tamanho, o aposento era aconchegante. A disposição do mobiliário, os sofás revestidos de veludo, o piano de cauda a um canto, perto da janela...

Tudo ali evidenciava bom gosto e sofisticação. Definitivamente, ela adorava aquela sala.

— Esta é minha parte favorita da casa.

Jane pestanejou. De repente, Rhys estava do lado dela. Podia sentir o calor emanando do corpo vibrante.

— A vista é magnífica, não acha? — ele continuou, indicando a janela.

Ela olhou pela janela e abriu a boca, admirada. O apartamento parecia pairar sobre a cidade.

— É lindo! — murmurou, encantada. — Muito diferente do lugar onde vivi.

Rhys voltou a atenção para ela.

— Eu me esqueci que tudo isso deve ser novo para você. Prometo que vou lhe mostrar a cidade. Londres pode ser assustadora, a princípio, mas logo você se acostumará.

Jane sorriu. Explorar a cidade com Rhys soava maravilhoso. De repente, a realidade da situação recaiu sobre seus ombros. Ele não sabia que estavam em Nova Iorque, e não podia sair do apartamento até que recobrasse a memória. Até lá, ela teria de se movimentar naquele estranho mundo que Rhys criara.

— Como é a América? — ele perguntou, movendo-se da janela para perto da lareira.

Ela não soube como responder. Deveria falar sobre o Maine? Seria melhor adaptar as informações para combinar com o período que ele acreditava estar vivendo?

— É... diferente. É um país rural, com muitas árvores, lagos e vida selvagem. — O que era verdade, pelo menos em parte.

— É semelhante à minha propriedade em Derbyshire. Podemos passar o verão lá.

A casa situa-se em meio às colinas, e há um lago onde podemos nadar.

Ela sorriu, desejando que aquele lugar de fato existisse. Parecia encantador.

— Tenho outra propriedade perto de Londres. Christian e Elizabeth, meus irmãos mais novos, viajaram para lá. Foram convidados para uma festa na casa do duque de Barrington. Ele costuma fazer na grande comemoração nessa época do ano. Minha irmã caçula, Elizabeth, odeia perder o evento. Aliás, o que ela realmente odeia é perder a oportunidade de exibir os vestidos novos e dançar, sem mencionar que está prometida para o filho do duque, lorde Grandford. Elizabeth é uma romântica incorrigível.

Ele sorriu com indulgência, e Jane sorriu de volta. A expressão afetuosa era terna e suave, muito diferente do homem impenetrável que a acompanhara ao hotel na noite passada.

— Meu irmão Christian é o oposto de Elizabeth. Receio que ele seja o problemático da família. No entanto, parece se orgulhar disso. — Rhys sorriu mais uma vez, sem demonstrar aborrecimento.

Jane ouviu, calada. Era fácil ser esquecer de que aquelas pessoas eram apenas fragmentos da imaginação de Rhys.

— Christian é o culpado por eu ter me comportado mal com você. Meu irmão é notório por levar Sebastian e eu para toda sorte de derrocadas. Ele é o responsável pela condição deplorável que eu me encontrava ontem à noite. Mas posso assegurar-lhe que não acontecerá novamente.

Jane assentiu, incerta do que dizer, já que não tinha menor idéia do que ele estava falando. Porém, Rhys confundiu a confusão com descrença.

— E eu espero... — Ele clareou a garganta. — Espero que nossa primeira noite tenha sido satisfatória para você, apesar da minha condição e do meu comportamento deplorável.

Ela pestanejou novamente. Acompanhar a linha de pensamento de Rhys era o mesmo que tentar decifrar um idioma extinto.

— Foi... foi muito satisfatória.

Rhys exalou, aliviado. Seu olhar atento percorreu-a da cabeça aos pés.

— Os homens americanos certamente são muito liberais. O estilo dos seus trajes revela muito mais do que as mulheres inglesas teriam coragem de usar.

Se Rhys esperava que ela usasse espartilho ou algo do tipo, teria uma grande decepção! Sabia que não podia contrariá-lo, mas aquilo passava dos limites!

— Este traje é considerado, muito prático — murmurou, tentando soar tranquila.

— Sinto muito. Posso imaginar que nossos costumes sejam muito diferentes dos seus. Não é minha intenção deixá-la constrangida. — Ele avançou um passo e parou diante dela. — Depois, tenho de

admitir que gosto do seu estilo.

Rhys experimentou o contato dos dedos com o brim da calça, correndo a mão lentamente para o quadril.

Jane arregalou os olhos, espantada com a reação do corpo com um simples toque.

As mãos se juntaram ao redor da cintura dela, potencializando o calor que a queimava.

— Mas, quem sou eu para falar de estilo? — Rhys balançou a cabeça com desgosto. — Wilson, meu valete, costuma escolher minhas roupas. Porém, ele está de folga, e não consegui encontrar uma única gravata na minha bagagem. Aliás, tenho de adverti-la de que não teremos nenhuma ceia de Natal. Toda a criadagem desapareceu por completo.

— Não se preocupe com isso — Jane disse, distraidamente, mais preocupada com o calor provocado pela proximidade.

Ela o encarou, espantada por perceber que tudo que dizia respeito àquele homem pudesse ser tão inacreditavelmente sedutor. Obrigou-se a desviar o olhar. Caminhou até o piano e deslizou os dedos sobre as teclas.

— Você toca piano?

— Não. — Ela sorriu com tristeza. — Minha mãe tocava.

— É mesmo? E ela deixou de tocar?

— Minha mãe morreu quando eu tinha dez anos.

— Deve ter sido difícil. Você tem irmãos?

— Não. Sou filha única.

— E, mesmo assim, seu pai a enviou para um continente distante para se casar e viver. Deve ter sido doloroso para ele.

A dor familiar apertou o peito de Jane, como sempre acontecia quando se lembrava da perda do pai.

— Papai também morreu há quase um ano.

Rhys arqueou as sobrancelhas, sensibilizado, e atravessou o salão para se posicionar diante dela.

— Temos algo em comum. Meus pais morreram há pouco mais de três anos.

Jane soube, naquele momento, que ele também conhecia a perda e a solidão que acompanhavam a morte. Quando seu pai partiu, ela perdeu o único mundo que conhecia.

No entanto, talvez os pais de Rhys não estivessem mortos de fato. Era impossível saber se ele falava sobre a vida que imaginava, ou sobre a vida real.

— Jane...

O tom gentil a fez emergir da melancolia. A mão firme segurou-a pelo queixo, e dedos forte e calorosos percorreram a pele.

— Quero que saiba que cuidarei bem de você. Nada lhe faltará, e acredito que possamos ser felizes juntos.

Por mais maluco que fosse, Jane nunca quis acreditar tanto nas palavras de alguém. Então, a realidade se abateu sobre ela mais uma vez. Aquele homem acreditava que estavam noivos, casariam-se em breve e teriam uma vida juntos. Mas nada daquilo era verdade, especialmente o final feliz.

Mesmo assim, ela se aproximou e segurou a mão dele. Pressionou a palma de encontro ao rosto, saboreando a textura macia contra pele. Era bom sentir que não estava sozinha, mesmo que fosse só por um breve momento.

O polegar se moveu sobre a tez aveludada e pousou nos lábios.

— Alguém já lhe disse como seus olhos são lindos, perspicazes e verdes como a relva orvalhada? — A voz era baixa e rouca, acariciando a pele com hálito doce.

Jane balançou a cabeça em negativa, num movimento sutil contra a palma cálida.

— Não? E quanto aos lábios? Alguém já disse como são macios e desejáveis?

Ela negou novamente, e os lábios se entreabriram, deixando escapar um suspiro.

— Humm... É um descuido imperdoável por parte da população masculina em geral, mas fico feliz por ser o primeiro a dizer.

— Eu também — ela respondeu com sinceridade. Não podia imaginar mais ninguém capaz de lhe fazer tais elogios.

— Agora, minha pequena prometida, devo pedir que você feche os adoráveis olhos, porque pretendo experimentar uma amostra desses lábios.

Jane sabia que estava entrando no mundo fantasioso de Rhys, mas não se importou.

Rhys a saboreou, experimentando a suavidade e o gosto adocicado dos lábios aveludados. Haveria outra mulher que se ajustasse com tanta perfeição em seus braços?

Com um gemido abafado, traçou o contorno suave, forçando-a a recebê-lo. No mesmo instante, a língua cálida encontrou a dele, quase com ingenuidade. A timidez o deixou ainda mais excitado.

Beijou-a como se jamais pudesse se saciar, e interrompeu o contato abruptamente, sentindo que estava ponto de perder o controle.

Quando a fitou, encontrou os olhos verdes transbordando de paixão. Uma onda de possessividade se fundiu à necessidade, tornando o desejo ainda mais intenso. Fora sincero em todas as palavras que dissera. Pretendia fazer aquela mulher feliz, e a protegeria com a própria vida. E, por alguma estranha razão que não pôde entender, Rhys soube que tinha de protegê-la.

— Venha — convidou, levando-a para o sofá. — Tenho algo para você.

Rhys abriu a gaveta da escrivaninha e retirou uma caixa retangular de veludo verde. Sentou-se do lado dela e estendeu as longas pernas antes de entregar-lhe o presente.

— O que é?

— Você terá de abrir a caixa para descobrir.

Ela hesitou antes de obedecer. Os olhos se arregalaram e ela balançou a cabeça com veemência.

— Não, Rhys. Não posso aceitar.

— É claro que pode. Você é precisamente quem está destinada a aceitar.

A mãe havia deixado diversas peças de jóias para serem entregues à esposa dele.

Rhys nunca havia pensado nisso durante os anos, mas agora, queria que aquela mulher ficasse com a herança.

Ele retirou o colar e o suspendeu. A luz do fogo dançou no magnífico topázio rodeado de pequenos diamantes cravejados na peça de ouro. Sem pedir permissão, ele prendeu a gargantilha ao redor do pescoço de Jane, que se manteve imóvel. A pedra central repousou no vale dos seios. O top que ela usava, que parecera tão impróprio momentos atrás, de repente passou a cobrir muito. Ele queria ver o pingente contra pele alva. Queria fazer amor com ela enquanto usava nada além *do* colar.

— Rhys, por favor, não vou ficar com a jóia.

— Quero que fique. Não é apenas um presente para minha prometida, mas também algo para celebrar nosso primeiro Natal juntos.

Os olhos verdes brilharam como duas imensas esmeraldas polidas quando se inundaram de lágrimas.

— Por que está chorando?

— Porque queria que tudo isso fosse real.

Rhys a segurou pelo queixo e fez com que o fitasse.

— Jane, tudo isso é real, mais real do que qualquer coisa que já aconteceu comigo. Por favor, use o colar. Por mim.

Ela avaliou o pingente por um momento e então assentiu, com um gesto quase imperceptível da cabeça.

Rhys sorriu e a puxou para perto, pressionando-a entre as longas pernas. Ela se recostou no peito largo, pouco à vontade, mas não se afastou. Uma onda de felicidade preencheu Rhys. Ele sabia que aquele era um raro momento, pois a felicidade o iludira por muito tempo.

Mas, por quê? Deveria estar feliz com a maravilhosa família que iria constituir e com a vida confortável que levava. Por que de repente passou a achar que o passado guardava mais dores do que alegrias?

Ele respirou fundo, tentando entender os pensamentos nebulosos, quando o aroma fresco e suave invadiu seus sentidos. Não conseguiu resistir, e roçou o nariz na suavidade dos cabelos perfumados. Apertou os braços ao redor dela, e as lembranças indistintas não mais importaram. Estava feliz naquele exato minuto e podia jurar que Jane compartilhava da mesma felicidade. Faria com que ela fosse feliz, e tinha certeza de que conseguiria, assim como estava certo de que ele era o quinto visconde de Rothmere.

Jane ficou deitada na cama, segurando o colar diante dela, observando o reflexo da pedra sob a luz. O topázio era o maior que ela já vira, e refletia uma miríade de cores na superfície multifacetada das bordas. Pequenos diamantes ao redor da pedra central reluziam como uma constelação de estrelas.

Ela não saberia sequer arriscar um palpite sobre o valor daquela jóia. Não devia ter aceitado, mesmo que fosse parte da farsa. Aquele colar estava destinado a outra pessoa, e não a uma mulher que Rhys sequer conhecia.

Ela girou o corpo e guardou-o no criado-mudo. Apoiou as mãos sob a nuca e olhou para o teto. Era triste pensar assim, mas aquele fora o melhor Natal da sua vida.

As lembranças do passado ressurgiram, e ela reviveu os Natais na velha casa, com o pai perdido em fantasias sem conseguir dar à filha a atenção que ela precisava.

Mais uma vez, sentiu-se culpada. O pai fizera o melhor que pudera.

Talvez ela tivesse esperado muito mais do que ele podia dar.

Jane voltou a olhar para o colar. Seria bom se conseguisse recortar aquele momento de todo o resto. Assim, ficaria somente com a lembrança da noite maravilhosa, do presente, da neve e do fogo. E do beijo de Rhys...

Jane passou o indicador sobre os lábios. A pele se arrepiou com a lembrança do beijo. O toque fora tão maravilhoso, tão perfeito, que parecia irreal. E quando ele a abraçava, era como se tudo estivesse bem e subitamente fizesse sentido.

A noite havia sido maravilhosa e ela se lembraria daquela forma, mesmo que o mundo real pudesse afastá-la de Rhys.

Jane fechou os olhos, exausta. Quem sabe, tudo aquilo não passasse de um sonho, e no dia seguinte, ela acordaria na velha casa, sozinha.

Jane abriu os olhos, assustada, sem reconhecer onde estava. A mente enevoada pelo sono despertou lentamente, e ela lembrou-se de que estava no apartamento de Rhys, no adorável quarto azul e branco.

Porém, não parecia mais tão segura. Alguma coisa pesava no ar. Num gesto defensivo, ela puxou as cobertas até o queixo. O mais absoluto silêncio pairava no quarto.

Nem mesmo o som da cidade penetrava pelas janelas fechadas.

Contudo, ela podia sentir as trevas como um sopro gelado percorrendo seu corpo.

A sensação se tornou mais forte, e ela se encolheu na cama.

Olhou para o relógio. Passava das seis e meia da manhã.

O sol nasceria em breve. Ela sabia que estava sendo ridícula, mas a perspectiva do amanhecer a acalentou.

Jane fechou os olhos, forçando-se a adormecer, mas percebeu que seria impossível conciliar o sono. Sentia que havia alguém no quarto, alguém diabólico e poderoso. A pressão crescia, sufocando-a. Ela tinha de sair dali.

Reunindo toda coragem, Jane prendeu a respiração e pulou da cama. Sabia que estava agindo como uma criança assustada com medo do monstro sob a cama, mas não se importou. Tudo que queria era sair daquele quarto.

Ela saiu para o corredor e passou correndo pelo quarto de Sebastian. Parou diante da porta da suíte de Rhys e entrou sem bater.

O aposento se encontrava na mais completa escuridão. Ela estreitou os olhos para se ajustar à pouca luz e avistou a cama de Rhys. Aproximou-se, e discriminou os traços perfeitos. Ele dormia profundamente, e não percebeu a presença dela.

Jane tocou-o no ombro. A pele gelada a surpreendeu.

— Rhys... — sussurrou.

Ele não se moveu nem quando ela chamou mais alto. Apavorada, Jane gritou o nome. E se o demônio que estivera no quarto dela passara primeiro para ver Rhys? Ele não se movia, e com a pouca luz, não sabia se o peito arfava com a respiração.

Quando estava a ponto de sair para chamar Sebastian, as pálpebras de Rhys se abriram.

— Jane?

— Oh, graças a Deus! — Num impulso, ela o abraçou com tanta força quanto a posição incômoda permitiu.

Os braços responderam, letárgicos, e ele ergueu a cabeça.

— Jane? O que houve?

— Tem alguém no meu quarto!

Ele franziu a testa, com evidente confusão.

— O quê? Você viu alguém?

— Não, mas sei que ele estava lá.

Rhys assentiu, embora Jane tivesse certeza de que não acreditava nela.

— Venha cá.

Ele deu palmadas do outro lado da cama, convidando-a a se deitar.

Jane hesitou, e contornou a cama para se enfiar sob as cobertas. Virou-se para Rhys, mas ele voltara a dormir.

Ainda assustada, ela fixou a atenção na porta fechada. A sensação de estar sendo tocada por dedos gelados desapareceu. Tudo voltou ao normal.

Com um arrepio, Jane cobriu a cabeça com as cobertas. Talvez tudo não passasse de um pesadelo provocado pela ansiedade residual depois dos últimos acontecimentos.

Mas não importava mais. Ao lado de Rhys, nenhum mal poderia atingi-la.

Quando os primeiros raios de sol surgiram no horizonte, Christian se materializou no edifício abandonado que ele havia convertido em sua casa improvisada.

Exausto, caiu sobre o colchão colocado no centro do primeiro andar, onde os raios letais não pudessem alcançá-lo. Um último pensamento ocorreu-lhe antes de adormecer.

Rhys tinha uma mulher.

Na visita que fizera ao apartamento para averiguar como Rhys reagira ao seu ataque, ele encontrara a mortal do beco. A possessividade e o desejo de Rhys permeavam o ambiente.

Muito interessante... Tinha de manter a vigilância sobre Rhys...

Rhys apoiou-se no cotovelo e assistiu enquanto Jane dormia. Ela se aconchegara contra o peito dele, usando seu braço como travesseiro.

Como era possível achar fascinante simplesmente observar uma mulher respirar?

Mais que isso, ele estava hipnotizado.

Notou o ponto avermelhado perto do pulso, e estendeu a mão para tocá-lo, mas os dedos mudaram de direção e afastaram a mecha de cabelos que encobria os olhos.

O toque demorou mais do que pretendia, e ele se maravilhou com a suavidade da pele, uma fina porcelana tingida de cor-de-rosa pálido. O polegar deslizou até os lábios, ainda mais rosados e macios que a tez aveludada.

Ele recolheu a mão, receando perturbar o sono. Ela estava tão relaxada e vulnerável que não se parecia com a mulher cautelosa e incerta da noite anterior.

Claro, podia entender a apreensão dela. Jane fora destituída de tudo o que possuía e, arremessada num mundo novo e estranho, sem ninguém do passado, rodeada de completos desconhecidos.

Sim, muito diferente. Era por isso que tinha de ter certeza que Jane entendesse verdadeiramente que ele pretendia protegê-la.

Com um sorriso terno, ele moveu a mão e descansou-a na cintura delgada. Jane abriu os olhos com preguiça, e o arregalou de repente, ao perceber a proximidade dele.

— Bom dia — Rhys saudou, consciente de que o mais apropriado para um cavalheiro seria dar a Jane um pouco de privacidade. Porém, a mão se recusou a abandonar o agradável vale em que repousava.

Os olhos dela se alargaram ainda mais, antes de se fecharem com um movimento lento.

— Desculpe. Eu não deveria ter vindo. Eu... Eu pensei que havia alguém no meu quarto, mas deve ter sido um pesadelo.

Rhys acenou discretamente.

— Sou eu quem pede desculpa. Devia ter ido verificar ontem à noite. Só não fui porque estava inexplicavelmente cansado.

— E vim perturbar seu repouso...

Jane sorriu em desculpa e tentou deslizar pelo colchão para sair da cama. Mas, a pressão antes delicada da mão em sua cintura se tornou firme, impedindo-a de se mover.

Rhys não se lembrava de ter sentido tamanha exaustão como na noite passada. O

sono o amortecera, envolvendo-o na mais intensa escuridão. No entanto, depois de despertar, sentia-se rejuvenescido, cheio de energia.

— Estou descansado agora — ele assegurou, afastando-se para permitir algum espaço entre eles, mas sem libertá-la completamente.

Roçou a mão suavemente sobre a dela, num toque sutil e persuasivo.

O contato teve o efeito de tranquilizá-la, e os fascinantes olhos verdes procuraram os dele.

— Sei que eu deveria deixá-la ir — Rhys murmurou, sem demonstrar a menor disposição de agir. — Mas adoro tocá-la.

Jane ficou tensa, mas Rhys adivinhou o desejo no brilho que escureceu as íris translúcidas. Ela não disse nada para um momento. Então, abaixou os olhos com timidez.

— Eu também gosto de tocá-lo.

As palavras forneceram o estímulo que ele precisava. Rhys a puxou contra si e pousou a boca nos lábios doces.

Num gesto quase involuntário, Jane o envolveu pelo pescoço e o beijou. A razão insistiu em alertá-la de que não era coisa certa fazer. Poderia se machucar, e, pior, iludir Rhys. Não era justo para com ele.

No entanto, o corpo ignorou os apelos. Ela cedeu aos instintos básicos, numa combinação de medo e paixão. Afundou os dedos nos cabelos sedosos, moldando-se ao peito largo. A boca sequiosa moldou a dela, e os dentes mordiscaram suavemente o lábio inferior. Ela gemeu, extasiada com cada toque diferente, imitando-os para que Rhys sentisse exatamente o mesmo.

Ele respondeu com um gemido, e as mãos continuaram cariciando a curva arredondada do quadril como se tivessem vida própria. As palmas experimentaram a magia provocada pelo contato. A pele suave se arrepiou, incendiando-o ainda mais.

Jane só queria que Rhys estivesse nela sobre ela. Jamais imaginou que pudesse desejar alguém com tanta intensidade.

Os lábios se afastaram, e ela abriu os olhos, frustrada.

— Jane, sei que deveríamos esperar, e saberei respeitar sua vontade. Por favor, peça para eu parar.

Ela contemplou o rosto bonito, os lábios esculpidos e o nariz arrogante. Deteve-se nos olhos que pareciam penetrar sua alma e estendeu a mão para afastar a mecha de cabelos da testa.

— Não posso — ela sussurrou. — Eu o desejo muito, Rhys!

Ele gemeu como se as palavras causassem dor. Os lábios retornaram aos dela com desejo feroz.

Uma das mãos Jane acariciaram o relevo dos seios sobre a blusa do pijama, enquanto a outra se insinuava sob o tecido. Jane fechou os olhos quando sentiu o contato quente das mãos moldando seus seios. Um arrepio a percorreu quando Rhys deslizou a blusa sobre seus ombros, aplacando um pouco a febre que a queimava.

— Deus, Jane, você é linda!

Uma onda de felicidade fluida e quente percorreu as veias dela, espalhando-se por toda pele. Jane nunca sentira nada parecido. Estar nua diante de alguém sempre a embaraçara. No entanto, não sentia menor timidez, apenas a necessidade urgente e profunda de pertencer àquele homem.

Rhys se inclinou e pousou os lábios sobre os mamilos rijos. Acariciou-os com a ponta da língua, numa deliciosa tortura.

Ela gemeu e arqueou o corpo, implorando por mais. Rhys obedeceu, capturando os mamilos com sofreguidão, pressionando os dentes contra carne tenra.

Jane ofegou, moldando-se ao corpo abrasador. Somente então percebeu que ele também estava nu. Numa ousadia que a surpreendeu, pressionou o ventre contra o membro túrgido, movimentando-se com calculada lentidão.

— Por favor, Rhys, — ela implorou.

— Ainda não...

O hálito quente acariciou a pele, e ela gemeu, saboreando a inebriante sensação.

Rhys encontrou o lóbulo da orelha e mordiscou-o numa provocação que provocou uma onda de arrepios. Maravilhado com o efeito das carícias, ele se afastou para admirar o corpo perfeito.

Sem resistir à tentação, cobriu os seios que cabiam nas palmas das mãos enquanto pressionava ligeiramente o membro ereto e dolorido contra maciez do ventre liso.

— Rhys, por favor... — ela suplicou.

Ele sorriu, retraindo o desejo de possuí-la. Mordeu com a força precisa entre a dor e o prazer os bicos arrebitados, sugando-os como se quisesse sorver o único elixir capaz de saciar-lhe a sede.

Jane prendeu o fôlego, numa urgência tão intensa que era quase insuportável.

Sentia-se cair num abismo vertiginoso, e Rhys era o único que poderia salvá-la.

Mas, se julgava que havia chegado ao limite, Rhys mostrou-lhe que ela ainda tinha muito que descobrir.

O toque da língua cálida no ponto mais sensível da sua feminilidade a levou ao céu. Ergueu instintivamente o quadril, oferecendo sua intimidade sem pudores. O gemido profundo se confundiu

com o nome dele quando as carícias ritmadas a levaram ao clímax.

— Jane, *você é capaz de matar um homem*...

A voz rouca e profunda trouxe de volta da vertiginosa espiral de prazer que a levou para outro universo.

— Quero você dentro de mim. Por favor — implorou, abandonando todas as inibições.

Sem esperar segundo convite, Rhys se posicionou sobre ela, pele contra pele.

Jane suspirou, movendo as mãos pelas costas largas, puxando-o com força contra ela.

Ele a beijou, friccionando a masculinidade na gruta úmida, pronta para ele.

Sem conseguir esperar, Jane enlaçou as pernas ao redor do quadril dele, sugando a língua provocante numa lascívia até então desconhecida para ela.

— Por favor — implorou novamente contra os lábios dele.

Dessa vez, Rhys atendeu ao pedido irrecusável. Sustentando o olhar, avançou lentamente através da gruta apertada e quente, e os corpos se uniram num só.

Os músculos flexíveis envolveram a masculinidade, e a urgência o impeliu a penetrá-la com estocadas profundas.

Rhys observou quando ela fechou os olhos e o corpo delicado estremeceu sob o dele, num clímax arrebatador. Desejando se fundir àquela mulher, intensificou o ritmo dos movimentos, até que os gemidos roucos se confundissem com o dela, ambos tragados pelo mesmo êxtase.

Capítulo V

Jane sorriu de olhos fechados, ainda embalada pela pulsação do clímax mais incrível que ela jamais experimentara. Aquele homem desconhecido transformara seu corpo todo uma zona erógena que parecia ter vida própria.

Então, era sobre aquilo que as garotas fofocavam nos dormitórios da universidade.

Jane sempre se sentira diferente daquelas mulheres, ocupada demais com os estudos e a estranha vida doméstica para pensar em romance. Agora, os vinte e cinco anos, ela sabia.

— Você está bem?

— Nunca estive melhor em toda minha vida — ela respondeu, virando-se para contemplar os olhos adoráveis.

E era mais absoluta verdade. Não podia imaginar nada mais perfeito, com um homem mais que

perfeito.

— Foi perfeito.

Ela se assustou com a escolha da definição de Rhys, exatamente igual à dela.

— Finalmente, estou me sentindo normal. Rhys ergueu as sobrancelhas.

— Normal? Não era exatamente o que eu esperava ouvir.

Ela tinha dito aquilo? Virando o rosto para esconder o rubor, ela tentou emendar.

— Eu... Eu... — Ela estremeceu, procurando a explicação certa. — Eu quis dizer que eu agora entendo o que outras mulheres comentavam.

O sorriso dele se alargou.

— As mulheres falam sobre a vida sexual?

Os olhos verdes se alargaram, surpreendidos pela pergunta.

— Oh, o tempo todo!

A expressão de Rhys oscilou entre divertida e surpresa.

— É mesmo? Então, as senhoras da sociedade não são tão recatadas quanto parecem?

Jane se esquecera que Rhys estava vivendo em outro período de tempo.

— Bem... Suponho que as mulheres realmente recatadas não falam sobre muito sobre a vida íntima.

— Você está querendo dizer que não faz parte desse círculo... — Ele sorriu e puxou-a para mais perto. — Ou que não é uma mulher recatada?

Se ela fosse, jamais teria deixado aquilo tudo acontecer. Teria saído da cama de Rhys logo que acordara. O problema era que qualquer pensamento racional desaparecia quando estava perto de Rhys.

— Não sou a mulher que você está pensando.

Ela suspirou, imaginando como ele a julgaria quando recobrasse a memória.

Rhys se afastou e estudou-a com olhos semicerrados.

— Por que não?

O que ela poderia dizer? *Não sou sua noiva, e sim, uma mulher que você encontrou em apuros num beco sujo?*

— O que você quer dizer? — ele perguntou novamente, a voz mais exigente.

— Eu... Eu quero dizer que...

Jane emudeceu, sem encontrar as palavras.

— Não me preocupo com isso, Jane, porque agora, você é minha.

A boca se colou aos lábios entreabertos de Jane, num beijo possessivo, insistente, sem lhe dar a menor chance de recusá-lo. Porém, o contato foi interrompido tão abruptamente quanto começara.

— Você é exatamente o que eu pensei — Rhys afirmou suavemente, num tom que se assemelhava ao veludo. — Uma bela, doce, honesta e desejável mulher.

As palavras deveriam tê-la derretido, mas Jane sabia que não era verdade.

Especialmente no que dizia respeito à honestidade.

— Meu comentário não surtiu o efeito desejado — ele observou, preocupado.

— Eu sinto muito...

Jane travou uma intensa batalha interna, debatendo-se em continuar aquela farsa ou revelar a verdade, uma verdade que transtornaria o mundo dele.

— Eu fico com a sensação de estar tirando vantagem de você.

Ele a encarou por um segundo, antes de inclinar a cabeça para uma sonora gargalhada. Ainda rindo, puxou-a contra o peito, deliciado com a vibração do corpo delicado.

— Se for assim, saiba que adoro que você tire vantagem de mim. — Rhys pousou um beijo nos cabelos perfumados. — Agora, resta saber se você conseguirá fazer de mim um homem honesto...

Sebastian estava confortavelmente sentado na poltrona favorita dele na sala de estar quando Rhys entrou. Seria impressão, ou o irmão mais velho estava assoviando?

Ele ergueu os olhos do livro, e ficou ainda mais surpreso ao ver os trajes de Rhys: calça jeans desbotada e camisa pólo azul-escuro.

— O que você está usando?

— Jane trouxe essas roupas da América para mim — ele respondeu, alargando ainda mais o sorriso.
— São realmente confortáveis.

Sebastian não tinha idéia do que dizer. Rhys, usando calça jeans! Ele era absolutamente antiquado e conservador quanto à vestimenta. Se o visse usando o casaco do conde Drácula sobre o terno engomado, não ficaria tão surpreso.

Rhys sentou-se na poltrona e pôs os pés sobre a mesa de centro, cruzando os tornozelos.

— Bem, você certamente está... feliz.

Sebastian pestanejou. Levaria algum tempo para se acostumar a usar aquela palavra para descrever Rhys.

— Minha adorável noiva acha que está tirando vantagem de mim. Por isso, quis me dar alguns presentes. As roupas, e... — Ele suspirou com satisfação. — Bem, e outros presentes que não devem ser mencionados entre cavalheiros. Eu estou feliz, e absolutamente comprometido com ela.

Sebastian sorriu. Aquilo explicava alegria do irmão. Ele não teria mais de se preocupar com artimanhas para aproximá-lo de Jane.

— Eu suponho que ela terá de se casar comigo, agora que... Bem, você sabe.

Sebastian ergueu os olhos para o teto, contendo o ímpeto de contrariar a moral vitoriana do irmão para não abalar as ilusões dele.

— Tenho de fazer os proclamas do casamento. Vou pedir para Spencer aprontar a carruagem.

Rhys se levantou, e Sebastian saltou da poltrona.

— Você... Você já fez isso.

— Eu já pedi para Spencer trazer a carruagem? — Rhys ecoou, confuso.

— Não. Já fez os proclames. Foi nas docas, logo que o navio atracou.

— Nas docas?! — Rhys gemeu em desgosto. — Eu estava bêbado?

Sebastian assentiu e encolheu os ombros.

— Você a viu, e achou que não valia pena esperar. Rhys balançou a cabeça.

— Bom Deus! Eu agi como se ela fosse um cavalo que eu decidi comprar! Tenho sorte por ela não ter voltado para América no mesmo navio em que veio!

— Bem, ela parece gostar de você.

— Não imagino por quê! Como poderei reparar minhas ações bárbaras?

— Tente com o sexo. Ela gosta, não?

Rhys arregalou os olhos, chocado.

— Se mamãe estivesse viva, enviaria você à Igreja imediatamente para se redimir dessa obscenidade!

Sim, e seria o mesmo que receber uma bala de prata no coração e eliminar de vez o vampirismo, Sebastian pensou com ironia. Sua mãe ficaria orgulhosa.

Alheio às divagações do irmão, Rhys balançou a cabeça, obviamente ainda entristecido por seu comportamento bárbaro.

— Devo averiguar o que a cozinheira preparou para o café da manhã. Jane deve estar faminta.

Sebastian saltou na frente dele, bloqueando a passagem.

— Feriado de Natal — avisou rapidamente. Uma ruga de irritação franziu a testa de Rhys.

— A cozinheira, assim como toda criadagem, está de folga — Sebastian confirmou.

— Deixe-me adivinhar: eu estava bêbado quando foram dispensados. — Ele esperou pela confirmação silenciosa e apertou os punhos. — Não sei por que ainda confio em Christian! Aposto que a idéia foi dele.

Sebastian voltou a se sentar quando viu o irmão seguir em direção à cozinha.

Quando achou que poderia respirar aliviado, lembrou-se a falta de comida no apartamento. Nunca se lembrava de que mortais precisaram de alimentos.

Tinha de telefonar para Mick e pedir que fosse ao supermercado.

Por outro lado, ponderou que as coisas estavam melhores do que ele poderia ter antecipado. Se conseguisse manter Rhys acreditando que era mortal por mais algum tempo, talvez pudesse convencê-lo de que era possível manter o relacionamento com Jane mesmo sendo vampiro. No entanto, Jane precisaria de tempo para aceitar a verdade. A maioria dos mortais não aceitava bem a imortalidade. Talvez o fato de ela ter visto a morte de perto a deixasse mais sensível.

Mas o que realmente importava naquele momento era a conexão de Rhys e Jane.

Era mais forte do que ele poderia imaginar, mesmo entre vampiros.

Sim, ele fizera a coisa certa ao levar aquela mortal para casa, concluiu, satisfeito com o andamento do seu plano.

Jane perscrutou sua imagem no espelho. A saia de linho e a blusa elegante eram muito respeitáveis. Ninguém adivinharia que ela era uma completa devassa, com absolutamente nenhuma habilidade para controlar o desejo.

Ainda não conseguia acreditar que fizera sexo com Rhys! Enquanto estava nos braços dele, sentia-se desinibida e natural. Mas agora...

Não permitiria que acontecesse novamente. Diria a Rhys que eles não fariam amor, e aprenderia a

controlar o próprio desejo, ao menos, até quando ele estivesse bem.

Então, poderia conhecer o homem real e tomar uma decisão mais razoável.

Determinada, ela alisou a barra da saia e saiu do quarto, disposta a procurar Rhys e conversar sobre sua decisão. Encontrou Sebastian na sala, absorto na leitura de um livro, e clareou a garganta para chamar a atenção dele.

— Bom dia! — Ele saudou com um sorriso assim que a viu. — Você está com ótima aparência.

— Obrigada. Você viu Rhys?

— Ele foi para cozinha, mas não sem antes me contar que vocês estão comprometidos.

Ela abafou um gemido. Então, Sebastian sabia!

— Nunca vi meu irmão tão feliz, Jane.

— Eu sinto muito, Sebastian. Sei que não deveria ter permitido que isso acontecesse. Não tenho nenhuma desculpa. Posso partir imediatamente.

— Você está brincando?! Partir? — Os olhos de Sebastian quase saltaram das órbitas. — Jane, esta situação é perfeita. Você saberá exatamente onde encontrá-lo quando não estiver na cama com você.

Jane sentiu o rosto queimar. Cada vez mais tinha certeza de que ambos os irmãos estavam loucos.

— Não é justo, Sebastian. Rhys pensa que estamos noivos. Além do mais, você está me pagando para ficar com ele. Há algo errado nessa história.

— Então... — Sebastian disse, lentamente, fitando-a nos olhos. — Você está tendo conflitos morais?

— Isso mesmo. Ele balançou a cabeça, com um brilho de admiração nos olhos claros.

— Vocês dois são perfeitos um para o outro!

Jane clareou a garganta, incerta se ele estava falando sério ou zombando.

— Ouça, Jane... Você gosta de Rhys?

Ela afirmou com um gesto da cabeça.

— E você quer estar com ele?

Jane considerou mentir, mas não pôde. Queria estar com ele... desesperadamente. Assentiu era silêncio, incapaz de encarar Sebastian.

— Então, não vejo nenhum problema. A amnésia de Rhys não tem influência alguma sobre a atração que ele sente por você. Bem, tenho de admitir que ele nunca se sentiu atraído pela noiva americana

que...

Sebastian se calou abruptamente, e Jane o encarou, espantada.

— Desculpe, eu não me expressei bem. — Ele se levantou e parou diante de Jane.

— Rhys pensa que é um de nossos ancestrais, e vi fotografias da americana com quem o visconde real se casou. Ela era... Bem, era uma mulher com poucos atrativos.

O alívio que ela sentiu dispersou a vertigem provoca-a pela tensão. Só faltava acrescentar a classificação de "adúltera" à sua lista de transgressões morais!

— Eu nunca vi Rhys tão feliz como agora, Jane. E não é só por causa da amnésia.

Você é a maior razão da felicidade dele.

O peito de Jane se aqueceu ante a idéia de que ela era responsável pela felicidade de Rhys. No entanto, algo parecia estranho na afirmativa de Sebastian. Por que ele implicara que a amnésia também o deixava feliz? Havia algo preocupante na vida real que ele esquecera?

Ela estudou os olhos claros à procura de alguma pista, mas não revelaram nada.

— Rhys e eu não nos conhecemos, nem vamos nos conhecer, porque ele pensa ser um visconde e eu finjo ser a noiva dele — argumentou, deixando as dúvidas de lado.

— Nem sempre será assim, Jane. Tudo o que importa é que você faz bem para ele. Jane, conheço meu irmão. Rhys é muito peculiar, e se está com você, é porque ele quer assim. Por que você não relaxa e tenta se divertir?

Como seria bom simplesmente aceitar o conselho de Sebastian! No entanto, ela ainda achava errado continuar o relacionamento físico. Tinha de esperar até que eles pudessem se conhecer.

— Você vai ficar? — Sebastian perguntou com expectativa.

— Vou — Jane assentiu. — Mas não posso aceitar seu dinheiro. Faz com que eu me sinta vulgar. Ficarei porque estou em dívida com Rhys. Afinal, ele salvou minha vida.

— Ela suspirou, decidida. — Você podia me contar alguma coisa sobre ele. Assim, eu não sentiria que estou dormindo com um estranho.

— O que ele já lhe contou?

Jane mordeu os lábios. Rhys não dissera quase nada.

— Bem, ele me contou que seus pais morreram.

— Sim, quando eu estava com vinte e dois e Rhys com vinte e seis anos.

Jane acenou com a cabeça. Então, Rhys conhecia dor da perda.

— Você realmente tem dois outros irmãos?

— Christian e Elizabeth — ele se limitou a responder.

Ela suspirou, com uma ponta de inveja. Devia ser bom ter uma família com quem contar.

— Bem, Sebastian, eu me comprometo a ficar, mas preciso encontrar meu próprio espaço e um trabalho.

Sebastian abriu a boca como se planejasse dizer alguma coisa, mas desistiu.

— O que você faz?

— Antes de vir para Nova Iorque, eu administrava uma casa funerária. Sou formada em administração de empresa e pretendo conseguir um emprego nessa área.

— Você disse... uma funerária?

— Sim. Meu pai era agente funerário.

Jane esperou pelas reações típicas como repulsa ou algum comentário mórbido.

No entanto, Sebastian riu.

— Juro, vocês dois foram feitos um para o outro no céu!

Quando ia perguntar o que ele queria dizer, Sebastian prosseguiu:

— Você saberia controlar as finanças de uma boate, administrar o estoque de bebidas e pagar as contas?

— Sim, é claro. São as atividades básicas da minha área de atuação.

— Nesse caso, está contratada. Jane abriu a boca, confusa.

— Você quer que eu trabalhe na boate?

— Sim. É a solução perfeita. — Ele balançou a cabeça com verdadeira satisfação.

— Rhys e eu somos um desastre na contabilidade. Precisamos de alguém de confiança para nos ajudar. Será bom para você também, que não se sentirá mal por fazer o trabalho sujo com meu irmão, e conseguirá a almejada estabilidade financeira.

— Mas, se eu não estiver cuidando de Rhys, por que deveria permanecer perto dele?

— Bem, eu não queria que você começasse até que Rhys estivesse bem. Vamos esperar até o

Reveillon.

— E se ele já estiver bem antes do Reveillon? Aliás, eu achei que o médico viria vê-lo hoje.

Sebastian começou a balançar a cabeça antes que ela terminasse a sentença.

— Eu também. Telefonei para o consultório, e ele está de folga por causa do feriado. Ele virá amanhã.

Jane assentiu, mesmo sem estar convencida. Era estranho que Sebastian comentasse sobre a doença do irmão com tanta naturalidade. Por alguma razão, não acreditava que, o médico visitaria Rhys.

— Se eu aceitar o trabalho no clube, não abrirei mão de ter meu próprio espaço, depois de você encontrar alguém para ficar com Rhys, é claro.

— Como quiser. — Sebastian encolheu os ombros, sentou-se e colocou o livro sobre o colo. — Só acho que este apartamento é grande o bastante para três, além de ficar perto da boate. Seria mais fácil você ficar aqui. Os aluguéis nessa área são muito altos.

De repente, ela se sentiu tola. Sebastian estava apenas sendo amável. Não havia motivos para suspeitar dele.

— Você vai gostar do trabalho na Carfax Abbey. É muito divertido. — Jane franziu a testa, e ele esclareceu: — Carfax Abbey é o nome da boate.

Jane assentiu. Certo, ela precisava de um trabalho, e ele estava lhe oferecendo um. Em uma boate, exatamente o oposto de uma funerária.

De repente, a idéia de estar em contato com pessoas dispostas a se divertirem pareceu ser o Paraíso. Seria idiotice recusar.

— Está bem — disse. — Eu aceito o trabalho.

Rhys examinou a cozinha. Alguma coisa estava errada. Onde estava o fogão à lenha? Poderia jurar que a cozinheira amassava o pão numa grande mesa de madeira.

Contudo, ele não entrava ali desde que era criança. Ou talvez estivesse se lembrando da propriedade de Derbyshire.

A porta se abriu e Jane entrou. Usava uma saia na altura dos joelhos e uma blusa com uma única fileira de botões. O decote, aberto ligeiramente, revelava o colo macio e o vale dos seios adoráveis.

— Olá — ela disse com um sorriso tímido.

As mudanças na cozinha perderam a importância. Rhys caminhou para ela e a beijou com possessividade. Ela respondeu à altura, depois da hesitação momentânea.

— Gosto disso — ele disse quando se separaram, brincando com um botão da blusa.

Jane ruborizou.

— Você é muito fácil de agradar.

— Ao contrário. Eu sou bastante difícil de agradar. Sou muito detalhista e peculiar.

Mas acontece que você é perfeita.

Jane emitiu um som entre o riso e um gemido.

— Você não acredita em mim?

— Não é isso. É que seu irmão disse a mesma coisa sobre você. Disse que você é peculiar.

— Dessa vez, Sebastian tem razão.

Rhys a empurrou com suavidade contra a pia. O sorriso de Jane se desmanchou, e ela fitou-o com gravidade.

— Você continua fazendo isso... Não sei como, mas consegue despertar em mim reações muito diferentes do que eu pretendia.

— Eu sinto muito. — Jane sorriu com um traço de amargura. — Tudo é novo para mim também. E não posso negar, é um tanto assustador, mas eu gostei do que fizemos hoje cedo.

— Humm... Eu também. — Rhys gemeu baixinho, mergulhando o rosto nos cabelos dela.

— Mas, Rhys, acho que não deveríamos continuar.

— Eu sei. Admito minha culpa, Jane. — Ele se afastou para fitá-la, e a expressão se tornou séria. — Podemos esperar até que nossa situação seja diferente.

Jane não sabia como Rhys responderia, mas definitivamente não era a reação que ela esperava.

Ele se afastou e chamou o irmão. Esperou por um momento e gritou o nome dele novamente.

— Bom Deus, Rhys, eu estou na sala ao lado! Não precisa gritar desse jeito! —

Sebastian resmungou ao entrar na cozinha.

Ignorando o mau humor do irmão, Rhys colocou as mãos na cintura e o encarou.

— Por favor, diga-me onde posso encontrar ao menos um criado que não se importe de trabalhar no feriado.

— O quê? Por quê?

— Porque Jane e eu precisamos ver o vigário imediatamente.

Sebastian lançou um olhar confuso a Jane.

Ela balançou a cabeça, tão surpresa quanto ele. Rhys concordara prontamente em esperar até que as circunstâncias fossem diferentes. Ela só não sabia que planejava se casar e mudar a situação o mais cedo possível.

— Onde posso encontrar um criado? — Rhys insistiu com impaciência. — Não posso levar Jane para a igreja na garupa de um cavalo.

— Não há nenhum criado. Você terá, de esperar — Sebastian afirmou com cuidado.

Naquele momento, a porta dos fundos se abriu e um homem corpulento, com a cabeça calva e um cavanhaque primorosamente aparado olhou de um a um, com expressão impassível.

Sebastian o cumprimentou e fez um gesto para que colocasse as sacolas de supermercado sobre a mesa.

— Obrigado, Mick.

Ainda sem dizer nada, o homenzarrão deu as costas para o grupo com intenção de sair pela mesma porta em que entrara.

— Espere! — Rhys chamou. — Você trabalha para nós! Mick ergueu as sobrancelhas em resposta.

— Graças a Deus, homem! — Caminhou para ele e deu palmadinhas no ombro largo. — Apronte uma carruagem imediatamente.

As sobrancelhas de Mick subiram ainda mais, numa expressão da 'mais chocada perplexidade. Sebastian deu um passo adiante.

— Não. Não prepare... a carruagem, Mick.

— Está bem — o gigante concordou, a voz estrondando como um trovão.

— Por que não? — Rhys exigiu.

Sebastian hesitou por um momento antes de declarar:

— É muito tarde para procurar o vigário. Ele estará dormindo. Rhys estreitou os olhos, como se ponderasse a respeito.

— Talvez você tenha razão. — E voltou-se para Mick. — Mas, por favor, traga a carruagem amanhã de manhã.

Sebastian fez um gesto discreto para que o rapaz consentisse.

— Está bem — ele obedeceu, absolutamente confuso.

— Obrigado, Mick. Pode ir agora — Sebastian se apressou em dispensá-lo antes que as sobancelhas do pobre rapaz subissem para a calva.

Satisfeito, Rhys tomou as mãos de Jane e roçou os polegares nas palmas macias.

— Esteja preparada, minha querida. Amanhã bem cedo, nós nos casaremos.

— Você não pode se casar amanhã — Sebastian quase gritou.

Rhys libertou as mãos delicadas e se virou para o irmão.

— E por que não?

— Bem... — Sebastian rolou os olhos para cima como se inspecionasse o teto. —

Você acabou de publicar os proclames. Terá de esperar pelo menos duas semanas para se casar.

Rhys abaixou o rosto, considerando o comentário. Satisfeito, Sebastian trocou um olhar rápido com Jane, erguendo as sobancelhas orgulhosamente.

Ela se obrigou a engolir a risada. A situação seria hilária, se não fosse tão dramática.

— Nesse caso, procurarei o arcebispo e direi a ele que preciso de uma licença especial — Rhys retrucou com um sorriso de triunfo.

Sebastian levou alguns segundos para pensar num argumento à altura.

— Você sabe o que um casamento apressado significa para a sociedade. Você mancharia a reputação de Jane por causa de duas semanas de espera? — finalmente contra-atacou.

Rhys enviou a Jane um olhar embaraçado. Ela o encarou, perplexa com o efeito do argumento. Sentia-se num palco, encenando uma peça medieval.

— Claro, vou requerer discricção e não revelarei os detalhes da cerimônia, pois acho que a reputação de Jane ficará ainda mais arruinada se ela estiver carregando um filho meu no ventre.

Jane quase gritou em desespero. Rhys estava sugerindo que tinham de se casar porque ela poderia estar grávida!

A coração dela começou a pulsar num ritmo frenético quando o pensamento seguinte lhe ocorreu: ela poderia mesmo estar grávida.

Ela se recostou na pia, e o movimento chamou a atenção de Rhys.

— Você está bem? — perguntou, esquadrinhando-a com preocupação.

— Você realmente pensa que estou grávida? — A voz soou como um gemido esganiçado.

Como pudera ser tão descuidada, tão... estúpida? Onde estava com a cabeça ao fazer amor com Rhys sem proteção?

Ela olhou sobre o ombro dele e avistou Sebastian com as mãos erguidas, movendo freneticamente a cabeça e os lábios num "não" mais ruidoso do que se estivesse gritando.

— É certamente uma possibilidade — ele respondeu, aumentando seu horror. — É por isso que precisamos de uma licença especial.

Ela procurou o olhar de Sebastian, num pedido desesperado de ajuda.

— Eu me encarrego de conseguir a licença — ele se apressou em dizer. — Vou procurar o arcebispo e solicitar que venha realizar o casamento aqui. Assim, evitamos o risco de um escândalo.

— Boa idéia — Rhys aceitou com satisfação.

— Ótimo. — Sebastian expirou com alívio. — Bem, se não houver nenhuma crise adicional, devo ir para o clube.

— Outra idéia boa — Rhys concordou.

Sebastian enviou a Jane um sorriso tranquilizador e saiu. Ela permaneceu paralisada contra a pia, atordoada com os eventos dos últimos minutos.

— Jane, você está bem?

Ela engoliu em seco e se forçou a assentir. Poderia estar carregando um filho daquele homem? Havia poucas chances, mas era possível.

— Sim. É que eu... Bem, eu não considereei a possibilidade de engravidar quando nós...

— Não se culpe. Era impossível considerar qualquer coisa naquelas circunstâncias. — Rhys levou as mãos dela aos lábios e pousou um beijo. — Você deve estar faminta. Por que não prepara uma refeição simples enquanto acendo a lareira da biblioteca? Podemos jantar lá.

Jane concordou, embora ainda estivesse estupefata demais para pensar em comer.

— Tudo ficará bem. — Rhys capturou os lábios dela com um beijo terno.

Ela forçou um sorriso e o observou sair com passos confiantes.

Respirou fundo, pensando que as coisas não poderiam ficar piores do que estavam. Duvidava de que estivesse grávida. Não estava em período fértil, e, mesmo que estivesse, as chances de concepção seriam pequenas. Ela nunca pensara em ficar grávida. Na verdade, nunca precisara pensar. Mas

deveria ter sido mais cautelosa por muitas razões. O problema era que a simples presença de Rhys a destituía de qualquer possibilidade de raciocinar.

— Graças a Deus, você está sozinha! — Sebastian sussurrou ao entrar na cozinha.

— Que diabos deu no meu irmão para querer se casar com tanta urgência?

Jane não queria falar no assunto. Sebastian já sabia demais sobre a vida dela. No entanto, ele era seu único aliado.

— A culpa é minha — admitiu, finalmente — Tentei convencê-lo de que seria melhor não dormirmos juntos até que nossa situação mudasse. Claro, eu me referia à perda de memória dele.

— E Rhys entendeu que se tratava da situação matrimonial — Sebastian concluiu, balançando a cabeça. — Bem, você devia se sentir lisonjeada. Ele quer se casar imediatamente para levá-la para a cama dele.

— Imagino o quão lisonjeiro seria na época vitoriana! — Jane concordou, secamente.

— Eu sinto muito, Jane, Não podia imaginar que a situação chegaria esse extremo.

— A culpa não é sua. — Ela suspirou, angustiada. — Sebastian, Rhys precisa ser examinado por um médico.

— Concordo. — ele examinou o conteúdo das sacolas sobre a mesa. — Mick trouxe comida. Você deve estar com fome.

Ela quase riu. O mundo estava desabando sobre a cabeça dela, e Sebastian estava preocupado com comida!

— Não se preocupe. Você não está grávida — ele comentou, como se lesse os pensamentos dela. — Rhys não pode ter filhos.

— Ele não pode?

— Não. Ele foi atacado por um animal quando era mais jovem. Um morcego.

— Um... morcego? Como?...

— O morcego era hospedeiro de uma doença que o deixou estéril.

Jane o encarou, boquiaberta. Alergia ao sol, aos alimentos, amnésia severa, e agora, aquilo! Rhys era excepcionalmente azarado!

— É inacreditável! — ela balbuciou.

— É. E você não sabe nem da metade.

Alívio e desapontamento se confundiram na cabeça de Jane. Estava feliz por não correr o risco de uma gravidez indesejada, ao mesmo tempo em que lastimava por Rhys não poder ter filhos.

— Bem, vou para o clube — Sebastian anunciou com um sorriso. — Espero que tudo transcorra bem no restante da noite.

Jane terminou de guardar as compras e fez dois sanduíches de peito de peru.

Acrescentou uma porção de batatas fritas em cada prato, e somente então se lembrou de que Rhys não comia alimentos sólidos.

— Bebida protéica... — pensou em voz alta, olhando ao redor.

Vasculhou a geladeira e encontrou dois frascos com a etiqueta "Para Rhys".

Suspendeu um deles contra a luz e avaliou o líquido vermelho-acobreado. Parecia ser uma espécie de xarope de cereja misturado com calda de chocolate. Ela se debateu sobre o que fazer. Sebastian estava no clube, e Rhys não se lembraria de como preparar a bebida.

Ponderou que, já que era uma solução protéica, na certa estaria pronta para ser consumida. Ela despejou o líquido espesso no copo, e o cheiro de cobre enferrujado, levemente adocicado, penetrou em suas narinas.

— Argh... — gemeu com desgosto, seguindo para biblioteca com a bandeja do jantar.

Rhys a esperava numa das confortáveis poltronas ao lado da lareira. Quando ela entrou, levantou-se prontamente para apanhar a bandeja e colocá-la sobre a escrivaninha.

Jane se apressou em pegar seu prato, receando que ele se esquecesse da alergia e ficasse tentado a comer o lanche, muito mais apetitoso do que aquele líquido repugnante.

— Você está me punindo por ter de preparar sua refeição?

Jane levou um momento para perceber que ele se referia ao copo com a bebida.

— Sebastian disse que você é alérgico a alimentos sólidos. Ele deixou dois frascos com seu nome na geladeira, e imaginei que é o que você normalmente ingere.

Rhys perscrutou o copo antes de lançar um olhar divertido para ela.

— Tem certeza de que não está tentando me envenenar por eu ter sido um grosseirão miserável desde que você chegou?

— Você nunca foi um grosseirão miserável! — ela afirmou, sorrindo com a escolha das palavras.

Ele sorriu, visivelmente agradado. Levou o copo à boca e tomou um gole hesitante.

— Até que não é mal — comentou, passando a língua pelos lábios. — Ficaria melhor se estivesse quente. Quer experimentar?

— Oh, não, obrigada! Ficarei com meu sanduíche.

Rhys se sentou ao lado dela no sofá, e a presença poderosa a envolveu.

— O jantar está do seu agrado?

Ela o encarou, e Rhys fez um gesto indicando o sanduíche esquecido na mão dela.

— Oh... — ela balbuciou com um riso tímido. — Sim, está ótimo.

Jane fixou os olhos cor de âmbar resplandecendo na luz das chamas da lareira.

Poderia se perder naqueles olhos.

Ela endireitou a coluna e se obrigou a terminar de comer, o que se tornava cada vez mais difícil com aquele olhar irresistível acariciando-a como se fossem dedos sobre sua pele.

Rhys retirou o prato vazio das mãos dela e colocou-o sobre a mesa de centro.

— Jane, nós vamos esperar pelo casamento para consumarmos nossa união — ele murmurou com pesar. — É o que você quer, e o mais certo a fazer.

O coração dela pulsou mais forte no peito.

— Obrigada por compreender, Rhys.

— Por que está tão nervosa?

Ela riu e ergueu os ombros, gaguejando uma resposta qualquer. Aqueles dois irmãos pareciam ter poderes telepáticos!

— Venha cá...

Rhys a puxou para mais perto e passou o braço possessivo sobre seus ombros.

Jane ficou estática por alguns momentos, receando que até mesmo o contato inocente pudesse ser estimulante para ele.

No entanto, a mão se manteve imóvel sobre o braço dela. Aos poucos, Jane relaxou e passou a usufruir a agradável sensação de calor e segurança proporcionada pela proximidade.

— Fale sobre sua vida, Jane — ele pediu com sincero interesse.

— O que você quer saber?

Ela tentou ganhar tempo, refletindo sobre como adaptar o presente para que ele não percebesse a discrepância com a época que julgava estar.

— Quero saber tudo. Claro, se você se sentir à vontade para me contar.

Jane suspirou. Mesmo tensa com a delicadeza da situação, ela estava absolutamente encantada com o cavalheirismo de Rhys. Como seria bom se realmente estivessem vivendo na era vitoriana! Era impossível encontrar um homem como ele nos dias atuais.

— Bem, eu cresci num velho casarão vitoriano — começou, optando por aproveitar os fatos reais que pudessem ser revelados.

— É mesmo? E sua família costumava promover bailes com frequência?

Ela riu ao pensar em como seria um baile numa casa funerária.

— Oh, não. Minha casa não seria o tipo de lugar mais indicado para festas. E meu pai era... um tanto excêntrico.

— Como assim?

Ele a fitava com aqueles olhos peculiares. Era difícil aceitar que Rhys ainda acreditava estar diante da noiva americana. Na certa, achava que ela era uma mulher que ocupava posição social à altura de um visconde.

— Bem, depois que minha mãe faleceu, meu pai ficou muito abalado. Eu estava com dez anos de idade. Ele conversava com ela como se ainda estivesse viva. Deixou de me dar atenção e agia como se quem não existisse fosse eu. Sei que me amava, mas meu pai passou a viver num mundo só dele, do qual eu não fazia parte.

A culpa familiar a invadiu. Culpa por cobrar uma atenção que o pai nunca pudera lhe dar. Culpa por não aceitar que ele apagasse a única filha da memória.

Era por isso que não queria proximidade com Rhys. Intimidade implicava compartilhar idéias, sentimentos e experiências, o que, inevitavelmente, fazia emergir velhas emoções que deveriam ficar bem guardadas num recanto escuro do coração.

Ela piscou, percebendo que Rhys a observava.

Estudou-o com discrição, sem notar o menor traço da piedade que ela esperava ver.

— Deve ter sido muito difícil. Você tinha só dez anos. Precisava de seu pai — ele declarou em voz baixa. — E o, que você fez? Como viveu?

Os dedos longos acariciaram o braço dela, distraidamente. Ela tremeu com um arrepio. Era estranho, mas o corpo de Rhys parecia ser mais frio do que o normal. Na certa, era por causa da falta de exposição à luz do sol, pensou.

— Eu cresci muito depressa, como qualquer criança, eu acho.

— Elizabeth também teve de crescer depressa. Mas ela perdeu os dois. Ao menos, você teve um pai.

Ela não disse nada, embora sentisse que o toque de conforto pesou com uma carga de indignação. Rhys não só entendia os sentimentos dela, como também os compartilhava. Parecia irônico que a única pessoa que entendesse a angústia dela estivesse vivendo num mundo de fantasia.

— Como foi sua vida?

Ela não quis contar que sua vida se resumia na solidão e no estranhamento de ser a filha tímida do agente funerário da cidade.

— Bem, eu cuidava da casa e ajudava meu pai nos negócios.

— Interessante. O que ele fazia? Jane hesitou por um segundo.

— Ele era agente funerário.

A mão se imobilizou no braço dela. Jane olhou para o fogo, evitando encará-lo.

— E você morava na mesma casa em que ele realizava os funerais?

A voz soou espantada e Jane assentiu quase com vergonha.

— Era um pouco estranho, mas acho que eu estava acostumada.

— Esse homem não tem perfil para ser pai — Rhys declarou com convicção. —

Um pai verdadeiro jamais permitiria que uma criança convivesse em um ambiente funesto, nem deixaria a filha gerenciar um negócio desse tipo.

— Bem, eu só acompanhava a parte final do processo. Recebia as famílias, ajudava com os arranjos de flores, organizava o bufet de canapés...

— Você estava cercada pela morte. Devia ser assustador.

Ela pensou a respeito. Sim, era verdade que ela sempre convivera com a morte, e de fato não fora fácil. Na verdade, era deprimente. No entanto, ela já não se lembrava mais do tempo em que a morte não a afetava. Fora muito antes de perder a mãe. A morte fizera dela uma pessoa diferente. Parecia ser a única constante em seu mundo.

— A morte é fácil — ela disse por fim. — Viver é que é difícil.

Rhys franziu a testa. A morte era fácil? Ele não conseguia compreender. Perder os pais fora o marco entre uma vida feliz e a existência pontuada pela dor da saudade. E

perder Eliz...

Não, ele não tinha perdido Elizabeth. O que estava pensando? Por que aquela idéia absurda lhe ocorrera?

Talvez a confissão de Jane o deixara confuso. Só podia ser isso.

— A morte é fácil? — Rhys ecoou, deixando as divagações de lado.

— Acho que "fácil" não é a palavra certa. A morte, o velório e o enterro de um corpo era tudo o que eu sabia. Só agora, quando estou tentando recomeçar a vida, que percebo como sei pouco sobre o que é viver.

Ele a encarou, estudando os olhos que transbordavam a mais pura energia vital.

Como ela podia pensar que não soubesse o que era viver? A vida dançava nos olhos verdes, brilhava no sorriso adorável, transpirava na pele fresca... Ele provara vida nos lábios doces quando a beijara.

Como se quisesse confirmar a impressão, capturou a boca voluptuosa e insinuou a língua pelos lábios entreabertos. Ela respondeu imediatamente, entrelaçando os braços ao redor do pescoço dele.

Rhys pôde sentir mais que o gosto da vida. Sentia o coração pulsando, o sangue correndo nas veias. A energia vital que emanava dela o envolveu como uma onda vibrante e quente.

O beijo ficou mais insistente, e ela gemeu baixinho contra os lábios sequiosos.

De repente, Rhys se afastou, como se tivesse levado um choque.

— Jane, eu sinto muito. Receio que, com você, eu seja incapaz de manter o autocontrole.

Os olhos dela brilharam com a mesma paixão.

— Eu também perco o controle quando estou com você. Ele sorriu com alívio.

— Acho que temos de nos casar o mais breve possível!

Jane sorriu em retorno, mas Rhys percebeu a tensão que substituiu o desejo nos olhos dela.

— Jane, você não tem com que se preocupar: Vou lhe dar a vida que sempre quis.

Você estará rodeada pela minha família, pelo nosso amor e pela nossa alegria.

No entanto, mesmo com a aquiescência de Jane, ele teve a sensação de que havia algo nebuloso, como se houvesse alguma informação fundamental que escapava à lembrança. Porém, não conseguia recordar o que era. Estava fora do alcance da memória.

Rhys não deu importância à estranha sensação. Ele estava com Jane, e era tudo o que importava.

Capítulo VI

Jane saiu do banho e apanhou a toalha fofa para se secar. Vestiu a camisola e foi para o quarto evitando confrontar seu reflexo no espelho sobre a pia.

Não queria ver a mulher desesperada e patética que se atirava nos braços de um desconhecido... Pior, de um quase desconhecido, cujos únicos atributos que conhecia eram o cavalheirismo apaixonante e o grau de insanidade mental.

Ela afastou a luxuosa colcha da cama e se enfiou sob o edredom. Sem conseguir dormir, fixou o teto, pensativa.

O que estava fazendo? Em vez de se distanciar, como deveria, estava cada vez mais envolvida com Rhys. Porém, tinha de ser honesta. Ele era dono de tamanho fascínio que qualquer mulher sucumbiria aos encantos daquele homem. Para piorar, ele sabia disso. Rhys tinha plena consciência de que ela o desejava.

A atração física não seria problema se não conduzisse ao caminho inevitável da paixão. Se ao menos ele não fosse tão sensível! Como resistir a um homem que compreendia com tanta profundidade os sentimentos dela com relação ao pai? Claro, a simpatia dele não aliviou a culpa, mas, ao menos, era acalentador ter alguém que a compreendia.

Jane fechou os olhos. Estava condenada. Se permanecesse na presença de Rhys, estaria sentenciada a amá-lo.

Contudo, não podia quebrar a promessa de ficar com ele até que recuperasse a memória. E então...

Ela rezou para que os sentimentos dele não mudassem quando resgatasse as lembranças. Porque os dela, com toda certeza, seriam os mesmos.

As pálpebras pesadas cederam à exaustão, e Jane adormeceu profundamente.

Ela acordou sobressaltada, e um suspiro escapou de seus lábios. O instinto primordial advertiu-a a se manter imóvel para se proteger do predador que espreitava na escuridão.

O mesmo sentimento de pavor que ela tinha experimentado na noite anterior a invadiu. Era como se uma energia poderosa a tragasse para o fundo de um lago gelado, oprimindo-a com a densidade de um peso insuportável.

O pânico a impediu de respirar. Não podia ser real! Tinha de ser um pesadelo.

Ela perscrutou a escuridão, tentando discernir alguma sombra que denunciasse a presença de alguém. O quarto repousava na mais absoluta escuridão, com as cortinas cerradas. Mesmo assim, ela podia jurar que não havia ninguém ali.

De súbito, a opressão que pairava no ar contaminou o corpo de Jane. Algo pesado e frio paralisou seus músculos, dificultando a respiração.

Ela precisava sair daquele quarto!

Com esforço sobrehumano, lutou contra misteriosa força que a esmagava e se levantou. Com dedos trêmulos, alcançou a maçaneta da porta e saiu para o corredor.

A energia maléfica se intensificou ao redor dela novamente, sufocando-a. Jane se forçou a manter a calma e recostou-se à parede, apoiando-se para seguir em frente até encontrar a maçaneta do quarto de Rhys. Assim que entrou no quarto escuro, subitamente, a sensação desapareceu.

Dessa vez, ela não se importou em acender a luz. Fechou a porta e correu para a cama, enfiando-se sob as cobertas ao lado dele.

Rhys não despertou completamente, e abraçou-a para puxá-la de encontro ao peito.

Jane fechou os olhos com alívio, e todo o terror evaporou no mesmo instante.

* * *

Christian se materializou nas sombras do quarto deserto. Ele sorriu ao ouvir a porta ao lado se fechar. Uma porta não representaria obstáculo se ele realmente quisesse chegar a Jane.

No entanto, a presença de Rhys no aposento definitivamente o desencorajava. O

irmão a protegeria.

Rhys havia copulado com aquela mortal. Christian sentiu o fervor do sexo assim que entrou no quarto. De qualquer forma, o idiota provavelmente a protegeria mesmo sem o incentivo sensual.

Mas ele deixaria que o irmão continuasse com seu romance. Christian esperava até que desenvolvesse sentimentos por ela. Queria que o irmão compreendesse a dor de perder a mulher amada. Faria com que sentisse o mesmo que ele quando perdesse Lilah.

Quando Jane acordou, ela quase gemeu. Estava de volta na cama de Rhys.

Embora ele não a tocasse, podia senti-lo do seu lado.

Relutante, ela se virou. Com a cabeça apoiada sobre o cotovelo, Rhys a observava. Ele havia afastado as cobertas, revelando o peito musculoso e o tórax plano.

Aquele homem era absolutamente magnífico!

E ela havia decidido parar de tocar toda aquela perfeição? Decididamente, era a mais estúpida das mulheres!

Jane arrastou o olhar para a face. O sorriso arrogante revelou que ele sabia exatamente o que ela estava pensando.

— Não sei por que insistimos em dormir em camas separadas, se nós sempre terminamos juntos ao amanhecer.

— Ou ao anoitecer — Jane corrigiu. Ele franziu a testa e olhou para os números iluminados do despertador no criado-mudo.

— Nossos horários estão confusos.

Tudo estava confuso, ela pensou com desgosto, e deslizou para longe antes que fizesse algo estúpido.

No entanto, a mão firme em sua cintura a impediu de sair.

— Algo a amedrontou novamente? — Rhys a encarou, preocupado.

Ela interrompeu o movimento, adorando o contato da mão possessiva. Era engraçado como o toque de Rhys bloqueara tudo que ela sentira na noite anterior. Assim que se deitara, uma reconfortante sensação de segurança a invadira.

No entanto, agora não era segurança que arrepiava sua pele.

— Devo ter tido outro pesadelo — declarou.

Ali, do lado dele, as sensações da noite passada pareciam distantes e irreais.

— Eu realmente acho que você deveria considerar dormir aqui de agora em diante.

Embora ele sustentasse o sorriso de provocação, Jane teve certeza de que não reclamaria se ela concordasse.

— Não até que tudo esteja... acertado.

— Acredite, vou procurar Sebastian imediatamente e cobrar dele a licença de casamento. Mas, primeiro, preciso de um beijo.

Rhys se inclinou e pousou um beijo doce e gentil nos lábios dela.

— E então, levarei minha noiva para conhecer a cidade.

Jane levou um momento para que o calor do beijo se dissipasse e o sentido das palavras penetrasse em seu cérebro.

— Não! Nós não podemos fazer isso — gritou, sentando-se de um pulo.

— É claro que podemos. Eu sei que não será tão confortável, já que não tenho nenhum cocheiro disponível. Mas posso alugar um coche. Você gosta de ópera?

— Rhys, eu prefiro ficar aqui mesmo — ela insistiu. A expressão divertida desapareceu, dando lugar

à expectativa.

— Por quê? Você planejou alguma coisa em particular?

Ela teria rido da fisionomia esperançosa se não estivesse tão preocupada em pensar numa forma de mantê-lo no apartamento.

— Podemos jogar cartas...

Quando ele ergueu a sobrancelha, intrigado, Jane receou ter cometido uma gafe.

Será que mulheres decentes não jogavam cartas no século XIX?

— Ou... Ou nos encontrarmos com Sebastian — ela sugeriu, julgando que a proposta o interessaria.

— Como eu disse, pretendo falar com ele antes de sairmos.

— Certo. Vou procurá-lo — ela avisou, saltando para o chão com um movimento ágil.

— Jane? Ela parou à porta e olhou por sobre o ombro.

— Por favor, vista-se antes de ir ter com Sebastian. Afinal, ele é um simples mortal.

Jane abaixou o rosto e avaliou a camisola. Não era o que se poderia considerar uma peça sexy. No entanto, estava lidando com valores vitorianos. Concordou com um aceno e começou a abrir a porta.

— Jane? Ela parou novamente.

— Agasalhe-se bem. Londres é muito fria nesta época do ano: Jane deixou o quarto e correu para sala, ansiosa por encontrar Sebastian. Depois de uma busca minuciosa, descobriu que ele não estava no apartamento.

Decepcionada, voltou ao quarto dela para se vestir e pensar em como impediria Rhys de sair.

Assim que entrou, os acontecimentos da noite anterior emergiram em sua mente.

Poderia sentir a mesma atmosfera opressiva no ar? Haveria alguém nas sombras? Ela avançou hesitante no quarto escuro, pronta para correr ao menor sinal de alarme.

Tudo estava tranquilo. Nenhuma onda de arrepios gelados percorreu sua espinha quando atravessou o aposento e parou ao lado da cama. O quarto branco e azul estava tão inofensivo quanto qualquer outro daquela casa.

Enquanto arrumava a cama, ponderou se aquelas sensações aterrorizantes poderiam ser furto de seu subconsciente.

Mas, rejeitou a idéia. Tudo não devia ter passado de um pesadelo. Ter crescido numa funerária com

um pai alienado a deixara imune a tolices sobrenaturais.

Com um suspiro, ela abriu o armário e escolheu as roupas para se vestir.

Rhys havia sugerido que se agasalhasse, mas ela preferiu deixar o casaco no cabide. Assim, ele perceberia sua intenção de ficar no apartamento.

— Algo para mantê-lo aqui... Algo para mantê-lo aqui... — Jane repetiu como num mantra.

— Eu sei de algo que me manteria aqui.

Jane derrubou a blusa que estava segurando e se virou para encontrar Rhys parado à porta.

Ele cruzou os braços e apoiou o ombro no batente.

— Mas desde que nós concordamos em esperar até o casamento, podemos sair e explorar Londres. Caso contrário, será quase impossível manter minha promessa.

Os olhos pousaram nas minúsculas peças de lingerie que abraçavam as curvas adoráveis dos seios e revelavam o desenho perfeito das pernas longilíneas.

— Vista-se — ele ordenou com rispidez, virando-se para disfarçar a ereção. — Nós temos muito para ver.

Ele deu dois passos quando a ouvir chamar.

— Rhys, eu... Eu não estou me sentindo bem. Costumo ter dores de cabeça nessa época do ano. Não é nada de mais, mas estou indisposta para sair.

Jane abaixou os olhos quando ele parou diante dela e a avaliou, preocupado.

— Nesse caso, é melhor voltar para a cama. Ela ergueu o rosto, aliviada.

— E eu vou me juntar a você.

Rhys sabia que estava jogando sujo. Que tipo de homem era ele, se não conseguia manter a palavra? E foi por isso que ficou tão chocado quando ela concordou. Contudo, não viu desejo nos olhos dela, e sim, preocupação.

Havia algo estranho.

Por que ela mudara de ideia? Só para que ele ficasse no apartamento?

— Não — ele declarou, embora o corpo clamasse por ter aquela mulher. — Hoje à noite, nós faremos uma excursão especial.

O aceno discreto sugeriu a Rhys que ela concordava, mesmo sem a menor convicção.

— Vou lhe dar privacidade para se vestir — ele anunciou, deixando-a à sós.

Rhys foi para sala à procura de Sebastian. Nada. O quarto do irmão também estava vazio quando ele entrou. Abriu a boca para gritar o nome dele, e mudou de ideia.

Não queria ser rude na presença de Jane.

Na certa, Sebastian fora para a boate.

Pela primeira vez, Rhys entendeu a obsessão do caçula por mulheres.

Faria qualquer coisa para ter Jane, não importavam as consequências.

Ele voltou para a sala de estar para esperar por ela. Sentou-se na poltrona favorita de Sebastian e alcançou o livro que ele estava lendo, um romance sobre vampiros.

Rhys fez uma careta e jogou o exemplar sobre a mesa de centro.

Finalmente, Jane entrou na sala e ele ficou satisfeito ao ver que usava roupas apropriadas para o frio.

— Você verá tantas coisas fantásticas que ficará admirada ele sugeriu.

— Acho que serão ainda mais fantásticas para você — Jane balbuciou com nervosismo.

— Desculpe, o que você disse?

— Eu não disse nada — ela respondeu, prontamente.

Rhys notou o conflito nos olhos dela. No entanto, decidiu não emitir nenhum comentário. Afinal, ela aceitara o convite para sair, e ele não queria que nada arruinasse a noite.

Jane assistiu Rhys apanhar o casaco no armário do hall, mesmo que ele usava quando se conheceram.

Uma onda de culpa a sufocou. No entanto, havia feito tudo que estava ao seu alcance para mantê-lo em casa, inclusive se oferecer para compartilhar a cama com ele.

Rhys vestiu o casaco e a levou para cozinha. Saíram pela porta que se abria para um longo corredor, com canos de metal correndo pelas paredes. O elevador no outro extremo mais se parecia uma gaiola gigante, acionado por controles manuais. Ela estranhou o contraste com o apartamento luxuoso. Porém, mais estranho ainda era que não tinha idéia de que aquela ala do edifício existia. Era como se tivesse sido transportada para um mundo de fantasia. Não pela primeira vez, ela ficou impactada pela excentricidade da situação, e receou que Rhys sofresse o mesmo impacto.

Ela não pôde pensar em nada que o dissuadisse de sair, a não ser encontrar Sebastian. Provavelmente, ele estava na boate, mas levar Rhys para o ambiente com todas aquelas luzes piscando e música alta seria péssimo para o estado mental dele.

Chegaram ao elevador, e Rhys afastou a pesada porta de ferro para que ela entrasse. Sem a menor hesitação, ele apertou o botão preto para descerem ao térreo.

Jane encarou o botão e olhou para Rhys. A face dele estava composta e serena.

Não demonstrava menor surpresa pelo elevador. Ao contrário, entendeu perfeitamente como funcionava.

Jane franziu a testa. Agora, que estava pensando naquilo, ponderou que Rhys não estranhara nada moderno. Energia elétrica, encanamentos hidráulicos, o relógio digital...

— Todos os edifícios em Londres têm elevadores? — perguntou, buscando confirmar sua impressão.

— Sim, pelo menos, os mais altos.

— E a cidade toda dispõe de energia elétrica?

— É claro. Não somos primitivos.

Ela assentiu, pensativa. Sebastian teria notado? Será que mencionara ao médico que a amnésia de Rhys era seletiva?

— Aqui estamos — Rhys anunciou, deslizando a porta para o lado.

Entraram em outro corredor parecido com o do primeiro andar. Rhys seguiu para a pesada porta de aço com inúmeras trancas situadas no meio do corredor. Abriu-as e gritou por sobre o ombro:

— Mick! Feche a porta quando sairmos.

Uma porta ao final do corredor se abriu, e a luz azulada do interior da boate iluminou a silhueta do gigante. Rhys o cumprimentou com um aceno da cabeça e saiu. A porta pesada bateu atrás deles quando pisaram na ruela escura.

Rhys segurou a mão de Jane e a conduziu para rua iluminada logo à frente.

Jane identificou um ruído abafado da música eletrônica vindo da boate ao passarem defronte o edifício. Ela parou por um momento e, pela primeira vez, pôde ver o prédio onde estava vivendo. A ampla construção de dois andares poderia ser confundida com um armazém de tijolos aparentes, se não fosse pela fachada gótica. Esculturas de gárgulas decoravam o beiral do telhado e as janelas mostravam belíssimos vitrais que refletiam uma miríade de cores com o piscar de luzes no interior da boate. Uma escultura gigantesca da maior gárgula que ela já vira, em posição de ataque, guardava a entrada.

Sobre as portas duplas de madeira maciça, via-se a placa com o nome rabiscado em néon vermelho: *Carfax Abbey*.

De repente, Jane foi golpeada pelo surrealismo da situação. Ela estava hospedada num edifício que

concentrava três mundos. Dois freqüentadores trajando roupas no estilo gótico, com rostos pálidos e pálpebras cobertas de sombra negra, saíram para a calçada e a encararam com desconfiança.

Ela hesitou por um momento e decidiu procurar Sebastian.

— Rhys, podemos entrar por um minuto? Eu gostaria de falar com seu irmão.

— Sebastian? — Ele arqueou a sobrancelha em confusão. — E o que ele estaria fazendo aqui?

— Bem, esta é a boate de vocês dois.

Rhys lançou olhar enojado para o grupo de góticos parado diante da boate.

— Não. Dificilmente esse tipo de pessoas estaria associado a nossa família.

— Então, onde é o clube?

— O White's? Não é longe daqui, mas não podemos ir até lá. É um clube exclusivo para cavalheiros.

Rhys não se lembrava da própria boate, mas recordava-se do nome de um clube do século XIX. Por quê?

Um táxi amarelo buzinou atrás deles. Jane deu um pulo, assustada, mas Rhys não reagiu.

— Devemos tornar o transporte público, ou você prefere caminhar?

Ela refletiu por um momento.

— Vamos caminhar.

Precisava do ar frio da noite para clarear as idéias e ajudar a encontrar o sentido de tudo que estava acontecendo.

Caminharam lado a lado pela calçada, com o silêncio entre eles disfarçado pelos sons da cidade. Jane aproveitou a oportunidade para estudar a reação de Rhys ao ambiente. A viatura policial em alta velocidade, com as sirenes ligadas, os arranha-céus gigantescos, o tráfego intenso, nada disso provocou nele a menor admiração.

Definitivamente, Rhys apresentava amnésia seletiva. Havia algo que ele estava tentando esquecer.

Ele precisava de um médico, e não do curandeiro que o diagnosticara por telefone.

Rhys tinha de ver um especialista, e ela descobriria algum médico decente naquela cidade.

— Veja! — Rhys disse de repente, arrastando-a para vitrine de uma loja.

Fascinado, ele observou a decoração natalina, com um trenó puxado por dois cervos, rodeados de gnomos simulando a construção de brinquedos.

— É fascinante! — ele exclamou, pasmado. — Veja esse aqui!

Rhys parou diante da vitrine seguinte, e percorreu a rua abarrotada de transeuntes para admirar a beleza da decoração colorida como uma criança encantada com o Natal.

Jane se deixou contagiar pela alegria inocente. Quando ele tomou-lhe a mão, não tentou se esquivar. Ela riu com ele e admirou cada vitrine como se também fosse sua primeira vez. .

— Elizabeth deveria estar aqui! — disse de repente, parando diante de uma loja de bonecas de louças. — Ela tem dúzias dessas, mas são muito frágeis, e a maioria está quebrada. Na verdade, minha irmã sempre foi muito mimada por ser a única menina da família.

— Posso imaginar — ela disse com ar sonhador. — Deve ser bom ter três irmãos mais velhos.

— Elizabeth é paparicada por todos nós. Ela é frágil e fica doente com facilidade.

Mas está sempre alegre, apesar da saúde delicada. Sempre diz que ela deve ser alegre, pois é minha a função de ser o sério da família.

Jane ponderou sobre a descrição. O Rhys que ela conhecera no bar era mais do que sério. Chegava a ser taciturno. Mas agora, ela não conseguia relacioná-lo com o homem risonho que caminhava do seu lado.

— Talvez ela confunda seriedade com responsabilidade — Jane opinou, e o comentário provocou um sorriso indulgente nos lábios dele.

Rhys parou e olhou para ela.

— O que você quer dizer?

— Bem, me parece óbvio. — Ela encolheu os ombros. — Você me disse que Sebastian é o relaxado, Christian é o selvagem e Elizabeth é a frágil. Parece que cabe a você cuidar de todos eles.

Ela se calou depois da explicação. Talvez tivesse ido longe demais. Mas, de alguma maneira, sabia que Rhys se preocupava com os irmãos, apesar da amnésia. Ele era boa pessoa, bom irmão e bom filho, o tipo de homem que não poupava esforços para salvar uma estranha como ela.

Depois de alguns momentos, o silêncio dele a incomodou. Os olhos haviam perdido o resplendor entusiasmado, e a boca se apertava numa linha solene. Rhys voltara a ser o homem que ela encontrara no bar.

— Eu devia ter cuidado melhor dos meus irmãos.

Assim que as palavras escaparam dos lábios, Rhys desejou voltar atrás. Nem ele mesmo entendeu o que dissera. Fizera todo o possível pelos irmãos desde a morte dos pais.

No entanto, sentia que deveria ter feito mais. Se tivesse sido mais forte, poderia ter impedido tudo o que aconteceu. Ele deveria ter...

— Bem, na minha opinião, você fez um trabalho maravilhoso.

A voz doce o distraiu das reflexões. Ele sorriu e se voltou para Jane.

— Assim espero.

— Não é fácil ser o irmão mais velho.

— É verdade.

Ele procurou o olhar de Jane, e ela ofereceu-lhe um sorriso encorajador. Sorriu em retorno, feliz por ela estar ali,

— Oh! Veja aquilo! — Jane disse de repente, apontando para um carrinho de cachorro-quente. — Tenho de comprar um!

Ela soltou a mão e correu na direção do vendedor. O homem de pele cor de oliva e bigodes negros não demonstrou a mesma felicidade por ter de esperar, enquanto ela decidia se queria mostarda e salada de repolho no sanduíche.

Por fim, Jane optou por todos os acompanhamentos que tinha direito.

— E capriche na dose dos condimentos! — pediu, voltando-se para Rhys. —

Sempre vejo filmes com pessoas comprando cachorros-quentes em carrinhos nas ruas de Nova Ior... digo, Londres.

Londres? O homem do carrinho elevou uma sobrancelha, intrigado. Porém, ergueu os ombros com indiferença. Estava acostumado a atender a todo tipo de malucos, inclusive aqueles que ficavam fascinados com um simples cachorro-quente.

— E para você, amigo? — perguntou para Rhys.

Rhys respirou fundo. O aroma não o atraiu, mas ele ordenou um lanche apenas por cavalheirismo.

Ele fez menção de apanhar a carteira no bolso da calça, mas Jane o impediu.

— O jantar é por minha conta — avisou, entregou uma nota ao vendedor, sem esperar pelo troco.

Jane olhou ao redor à procura de algum lugar para se sentarem e avistou o banco de madeira defronte uma loja. Levou Rhys para lá e se acomodou ao lado dele, salivando ante o prazer de saborear o cachorro-quente nova-iorquino.

Rhys observou-a morder o pão com apetite e fechar os olhos, deliciada. O olhar passeou da boca

para a garganta. A veia azulada sob a pele alva e acetinada capturou sua atenção. De repente, ele sentiu um inexplicável desejo de mordê-la bem ali.

— Você não vai comer?

A voz o distraiu. Rhys levou alguns segundos para acalmar o desejo selvagem que brotara dentro dele e olhou para o sanduíche sem nenhum entusiasmo. Relutante, desembulhou o lanche e inspecionou a salsicha antes de mordiscá-la sem vontade. Ele fez careta ao sentir o gosto rançoso e se forçou a engolir.

— Bom Deus! — gemeu, enojado. — Isso é repugnante! Jane riu e balançou a cabeça, divertida.

— Você nunca tinha comido um cachorro-quente?

— Não. E nunca mais comerei!

Ela riu mais alto. De repente, os olhos dela se arregalaram.

— Oh, não! Você não pode comer! Sebastian disse que é alérgico a todos os tipos de alimentos sólidos!

— Sim, eu me lembro de você ter dito. Não sei de onde meu irmão tirou tamanho absurdo! Seguramente, eu me lembraria se tivesse alergias. Acho que simplesmente não gosto de cachorro-quente.

Jane assentiu e olhou para o lanche na mão de Rhys com cobiça.

— Nesse caso, posso ficar com o seu?

— É claro!

Rhys assistiu com um sorriso nos lábios enquanto ela devorava a comida. Ele ainda estava com fome, mas, definitivamente, recusava-se a engolir aquela porcaria.

Quando Jane acabou de comer, levantou-se para jogar as embalagens no lixo. Ao voltar, sentiu a familiar onda de frio e a sensação opressora que a aterrorizara na noite anterior.

Ela apressou o passo e parou ao lado de Rhys, tremendo dos pés à cabeça.

— Você está bem? — Rhys pousou as mãos nos ombros dela. — Por Deus, está tremendo de frio! Vamos procurar algum lugar aquecido.

— Oh, não! Estou adorando o passeio.

— Tem certeza de que não está com frio?

— Sim. A caminhada vai nos aquecer.

— Para onde quer ir? — ele perguntou, olhando ao redor.

— Que tal o Central Park?

— Você quer dizer o Hyde Park? — Ele sorriu com indulgência. — Esqueceu-se de que não estamos na América?

O sorriso de Jane se desmanchou. Por um momento, ela se esquecera da farsa.

— Não preocupe — ele disse com simpatia. — Você vai se adaptar à nova realidade mais depressa do que imagina.

Jane ergueu uma sobrancelha, pensando para si que não era ela quem tinha de se adaptar...

Rhys tomou a mão de Jane enquanto caminhavam pela Quinta Avenida. Ela ponderou se estariam seguindo pela direção certa, mas deixou o pensamento de lado. O

passo decidido proporcionou-lhe a certeza de que ele sabia exatamente para onde estavam indo.

Pararam no cruzamento enquanto esperavam que o farol abrisse, quando o aroma rico de café penetrou nas narinas de Jane. Ela olhou ao redor, notando um simpático bistrô na esquina. Os freqüentadores conversavam animadamente, segurando copos fumegantes nas mãos.

— Oh, eu adoraria tomar chá! E você?

— Eu não tomo chá, mas posso acompanhá-la. Vai ser bom para aquecê-la.

Ela sorriu, enternecida por Rhys se preocupar com seu bem-estar. Não estava acostumada que se preocupassem com ela.

O interior do café estava lotado, com pessoas ocupando o balcão e as cadeiras e sofás de veludo vermelho, enquanto saboreavam *capuccinos* aromáticos. Muitos liam ou usavam laptops, e a animação do ambiente combinada com o delicioso aroma de café estimulou Jane.

— Fique aqui — Rhys sugeriu, indicando uma cadeira vazia. — Vou pedir o chá para você.

Ela relanceou o olhar para a fila de clientes esperando para fazer o pedido, e decidiu que seria melhor sentar-se para esperar.

— Está bem. Quero um chá de camomila, extra grande.

Rhys repetiu o pedido e se afastou. Ela sorriu enquanto o observava entrar na longa fila. Ocupou a confortável cadeira e olhou ao redor do agradável ambiente. Os freqüentadores eram exatamente como ela imaginava que os nova-iorquinos fossem: sofisticados, mesmo com roupas casuais, interessantes e cultos.

Jane se sentiu embaraçada ao avaliar a calça jeans, o suéter modesto e o casaco folgado que usava.

Era uma típica moradora do Maine. Porém, muito em breve, conseguiria emprego e promoveria uma verdadeira transformação na aparência. Aquele seria o marco para deixar definitivamente o passado para trás.

Seu olhar encontrou o de Rhys novamente. Não havia dúvida de que ele era de longe o homem mais elegante de Nova Iorque... Talvez, do planeta, ela decidiu. Usava preto da cabeça aos pés, e a cor era perfeita para ele, realçando os olhos cor de âmbar e a pele alva.

Notou a mulher na frente dele na fila. Alta, com exóticos olhos escuros e cabelos longos. Ela não escondia o interesse, e se virou para encarar Rhys abertamente. Por fim, conseguiu chamar a atenção dele. Abriu um sorriso e disse alguma coisa.

Jane não pôde ver a reação dele por estar de costas. No entanto, um sentimento incômodo apertou seu ventre. Ciúme?

Ela não tinha o direito de sentir ciúme. Bem, havia dormido com ele, mas ter mulheres em sua cama devia ser um fato comum na vida de Rhys. Na certa, ele não confundia, sexo com amor, como ela estava correndo o risco de fazer.

O sentimento incômodo aumentou quando a mulher riu de algum comentário de Rhys, Jane se afundou na cadeira, sentindo-se miserável ao se comparada com a exuberante morena. Avaliou-se novamente, cada vez mais deprimida. Como se o casaco fora de moda não fosse o bastante, havia uma mancha de mostarda destacando-se na lã verde.

Ela se levantou e olhou ao redor. Avistou um porta-guardanapo numa mesa próxima e, depois de esperar que um homem colocasse infinitos sachês de açúcar no café, alcançou-o e tentou limpar a mancha. O resultado foi pior do que ela esperava. A mancha se alastrou, e os pigmentos amarelados da mostarda penetraram ainda mais no tecido.

Com um suspiro desolado, ela se virou e soltou um gemido de desgosto quando viu que o homem com o café melado havia ocupado sua cadeira. Olhou para Rhys, pensando se deveria se juntar a ele, e quase gritou quando viu que ainda conversava com a morena.

Ele procurou-a no lugar em que a deixara. Quando viu o homem sentado na cadeira dela, ele avançou dois passos e perscrutou o ambiente. Os olhos dele se iluminaram quando localizou Jane. Então, ele sorriu e voltou para seu lugar na fila.

O sorriso enlevado de Jane deu lugar a um esgar de desapontamento. Mas, o que ela esperava? Que Rhys gritasse para todos que era namorada dele? Que clamasse para o mundo todo ouvir que a amava?

Ela interrompeu o curso dos pensamentos, assustada. Por que tinha pensado naquilo? Amor... Quase riu da idéia maluca. Ela se sentiu doente. Não deveria esperar que Rhys a amasse.

Ainda olhava para ele, assustada com a linha de pensamentos, quando alguém esbarrou nela.

— Sinto muito. — Ouviu a voz profunda perto do ouvido.

Ela se virou e encontrou olhos tão claros que as íris se confundiam com o globo ocular. Uma onda de frio a percorreu, e a familiar opressão que sentira no quarto por duas vezes seguidas.

— Está tudo bem — ela balbuciou, cruzando os braços sobre o peito.

— Está esperando por alguém?

Jane assentiu, sentindo-se pouco confortável.

— Que pena.

O homem sorriu, despediu-se com uma inclinação da cabeça e saiu.

Jane o observou. Ele parou do lado de fora, ajeitou a gola do casaco e desapareceu na esquina.

De repente, Rhys estava do lado dela, fitando-a com expressão preocupada.

— Jane, você está pálida. Está tudo bem?

— Claro que sim. Por que não deveria estar? — *Só porque estou com ciúme da mulher com quem você estava conversando?*, ela quase acrescentou.

— Não sei. Tive uma sensação estranha... — Ele riu e balançou a cabeça. — Acho que estou imaginando coisas.

Rhys estendeu-lhe o chá, e ela fechou as mãos ao redor do copo de papel, aquecendo-se com o calor do contato.

— Chá de camomila, extra grande. Certo?

— Isso mesmo. Obrigada.

Ela permaneceu segurando o copo, admirando-se mais uma vez o poder da presença de Rhys. As sensações perturbadoras de momentos atrás haviam desaparecido.

— Quer ficar aqui, ou prefere tomar a bebida enquanto caminhamos para o parque?

— Vamos caminhar — ela decidiu, prontamente.

Entre o homem com os olhos exóticos e a maravilhosa morena, era urgente sair daquele lugar.

Quando chegaram à saída, a mulher da fila abordou Rhys.

— Foi um prazer conhecê-lo. — Um sorriso insinuante acompanhou a voz sensual.

— Eu digo o mesmo — ele respondeu em tom neutro.

Jane sabia que ele estava sendo polido e notou que não havia interesse nos olhos dele. Mesmo assim, as garras do ciúme se cravaram sem seu coração.

A mulher a avaliou rapidamente e os olhos se detiveram por uma fração de segundo na mancha de mostarda no casaco. Ela deu as costas para Jane e retirou um cartão do bolso, estendendo-o para Rhys.

— Fique com meu telefone, caso esteja precisando de companhia.

Jane sabia que estava causando péssima impressão, com a boca aberta e os olhos arregalados em choque, mas não podia evitar. Não acreditava na audácia daquela mulher! Num impulso, chegou mais perto de Rhys e passou o braço sob o dele, deixando claro que estavam juntos.

A morena, no entanto, ignorou a mensagem e insistiu para que ele ficasse com o cartão.

Jane nunca fora possessiva. No entanto, recusava-se a permitir que aquela mulher flertasse abertamente com Rhys como se ela não existisse. Fez menção de apanhar o cartão, decidida picá-lo em mil pedaços.

— Ei! — a morena reclamou, fuzilando-a com o olhar.

— Querida, acho que você não entendeu... — Jane empinou o nariz e avaliou-a de alto a baixo. — Este homem é meu.

Ela tinha mesmo dito aquilo?! Atônita com a própria ousadia, ela se obrigou a manter a pose. Contudo, em vez de ficar constrangida ou irritada, a mulher pareceu pouco convencida até que Rhys interviesse.

— Ela disse a verdade. Sou completamente dela.

A morena empalideceu e guardou o cartão no bolso antes de sair com passos decididos.

Jane deveria se sentir triunfante. Entretanto, estava ainda mais miserável.

A que ponto chegara? Desde quando ela era do tipo que fazia cena por causa de um homem? O que Rhys pensaria dela?

— Você está bem? — ele perguntou, procurando os olhos dela.

— Podemos ir? — foi tudo que ela conseguiu balbuciar. Queria sair dali o mais depressa possível. De repente, o clima pareceu quente demais, e o cheiro do café a sufocou.

Rhys assentiu e continuou a segurá-la pelo braço quando abriu a porta. Jane respirou o ar frio da noite e percebeu que algo que a assustou. Queria que Rhys fosse dela. Só dela. Queria-o por toda eternidade, e não importavam as conseqüências.

Christian permaneceu nas sombras da rua, observando o irmão e a mortal caminhando de mãos

dadas. Sabia que era arriscado chegar tão perto de Rhys, mas não conseguiu evitar. Gostava da emoção de ficar próximo dela. Só não entendia por que Rhys não sentia sua presença.

Christian não se preocupava em mascarar seu cheiro. Não se importava se Rhys o pressentisse. Queria amedrontá-lo. Já era tempo de cobrar a dívida passada e fazê-lo entender o medo e a dor de perder alguém. Ansiava pelo momento de vê-lo sofrer quando a vida de alguém que amava fosse arrebatada. E, mesmo que voltasse, ela nunca seria a mesma.

Rhys havia levado Lilah e devolvera outra mulher, alguém que nunca mais o completaria.

O casal desapareceu em meio aos transeuntes, e um sorriso diabólico curvou os lábios de Christian.

— Está na hora de retribuir o favor, irmãozinho — murmurou sob a respiração pesada.

Rhys mirou Jane com o canto dos olhos. Ela caminhava em silêncio, e o pensamento parecia estar à milhas de distância dali. Estaria com saudade de casa?

— No que está pensando? — ele perguntou, reduzindo o passo.

— Em nada — ela respondeu, prontamente. Então, virou-se para ele e o fitou intensamente. — Rhys, como você se sente nesse exato momento?

— O que você quer dizer? — Ele pestanejou, confuso. — Eu estou ótimo. Há muito tempo não me sinto tão bem. Ter você do meu lado me faz feliz, Jane.

— Como isso é possível? — Ela soltou o ar, exasperada.

— Nada disso é real, Rhys! É como se nós dois estivéssemos vivendo num mundo de fantasia, e a realidade cairá sobre nossos ombros a qualquer momento!

— Jane, o que sinto por você é real. Você é...

Ela parou e ergueu as mãos, impedindo-o de prosseguir.

— Você não me conhece, Rhys. E, talvez, quando tudo voltar ao normal, poderá decidir que não quer ficar comigo.

— É impossível deixar de amar você, Jane.

Os olhos dela procuraram os dele, quase suplicantes. Por mais que quisesse, não acreditava nas palavras.

Rhys puxou-a para perto, e as bocas se encontraram. Ele pretendia que o beijo fosse uma suave carícia que pudesse apaziguar as dúvidas dela.

Mas logo que experimentou a textura aveludada dos lábios, os pensamentos desapareceram. A urgência selvagem correu em suas veias, impelindo-o a aprofundar o beijo. Ela respondeu

prontamente, entreabrindo os lábios para recebê-lo.

Rhys gemeu quando a língua tocou a dele. Sem resistir ao impulso, cravou os dentes nos lábios rosados.

Jane gemeu, e ele libertou-a imediatamente.

— Eu sinto muito — Rhys balbuciou, mortificado.

Ela balançou a cabeça indicando que não fora nada, e passou a ponta da língua no ponto sensível onde ele mordera.

Rhys acompanhou o movimento como se estivesse hipnotizado. Simplesmente não conseguiu desviar os olhos.

— Droga! — ele disse por entre os dentes, procurando alguma coisa no bolso da calça. — Seu lábio está sangrando — informou, estendendo um lenço para ela. — Eu devo ter mordido com muita força.

Jane levou a mão à boca, e os dedos pareceram ainda mais pálidos quando tocaram a pele avermelhada.

Ela ergueu o rosto com um sorriso tranquilizador. Rhys encarou a gota de sangue na ponta dos dedos e uma onda de revolta o preencheu. Como pudera perder o controle a tal ponto?

— Está tudo bem, Rhys. Por favor, pare de me olhar como se tivesse arrancado um pedaço.

— Mas você gemeu...

Jane alargou o sorriso, e as bochechas assumiram quase a mesma cor do lábio ferido.

— Mas não foi de dor — murmurou, embaraçada.

Mesmo tentando minimizar a tensão, Rhys continuava a fitá-la como se tivesse cometido um crime.

— É melhor voltarmos.

Jane hesitou, e por um momento, Rhys julgou que fosse dizer mais alguma coisa.

Entretanto, simplesmente concordou em silêncio e caminhou ao lado dele.

Na silenciosa caminhada de volta, a mente de Jane trabalhava furiosamente.

Sentia-se confusa, assustada e excitada ao mesmo tempo. O beijo de Rhys provocara todas aquelas emoções. Nunca se sentira tão viva, tão desejável, tão mulher.

Ela inalou profundamente. Beijar aquele homem era como ser lançada num mar de paixão. Como era possível que um beijo tivesse tanto poder sobre ela?

Jane suspirou. A razão lhe dizia para se afastar, mas seu coração clamava para que se entregasse de corpo e alma àquele homem.

Ela arriscou um olhar para o perfil benfeito. Assim como ela, Rhys estava perdido em pensamentos.

Os dois percorreram a ruela ao lado da boate e pararam diante da porta de aço.

Rhys deu três batidas e, depois de alguns minutos, ouviram o tilintar de trincos e fechaduras. Mick abriu uma fresta suficiente para que entrassem. Rhys o agradeceu e conduziu Jane para o elevador.

Enquanto subiam, ela admirou os olhos cor de âmbar e soube que já não havia mais o que fazer. Estava irremediavelmente apaixonada por aquele homem!

— Quero dormir com você esta noite. — Ouviu a própria voz sussurrar, como se viesse de outra pessoa.

Capítulo VII

Rhys não acreditou no que ouviu. Então, Jane deu um passo na direção dele e tocou-o no rosto, confirmando as palavras.

Os dedos tatearam a linha do queixo e subiram até encontrar os cabelos para afastar gentilmente a mecha caída sobre a testa. O toque era confortador e excitante ao mesmo tempo. Ele fechou os olhos e suspirou. A carícia gentil era exatamente o que ele esperava havia tanto tempo. O contato dos dedos sobre a pele, nos cabelos, aqueceu alguma coisa dentro dele, algo tão forte que quase o sufocou.

— Jane, você tem certeza? Se for para a cama comigo esta noite, terá de ficar para sempre.

A mão fez uma pausa, os dedos imobilizados contra a pele. Ela procurou os olhos dele e as pupilas dilatadas traíram o desejo.

— Ficarei na sua cama enquanto você me quiser.

Por que, ela ainda duvidava do seu desejo? Queria Jane para sempre.

Para sempre... A palavra ecoou na mente de Rhys. Como seria bom se tivessem a eternidade pela frente...

Os dedos se moveram novamente, distraindo a atenção de Rhys para os lábios rosados. Ela mergulhou as mãos em seus cabelos, entrelaçando-as na nuca, e se ergueu nas pontas dos pés para alcançá-lo.

Aqueles lábios maravilhosos roçaram seu queixo, provando-o, adorando-o, até encontrarem a boca.

Rhys soube que estava perdido. Não, não estava perdido. Agora, ele havia se encontrado. Não sabia por onde havia estado, mas não importava. Nos braços de Jane, descobrira seu santuário. Sentia-se vivo e completo, protegido das sombras e da escuridão.

A língua traçou a linha dos lábios dele, tímida e hesitante, num convite irrecusável.

Ele gemeu. Aquela doçura era suficiente para matá-lo, e a morte nunca parecera tão tentadora. Talvez fosse o que a misteriosa entidade representasse: viver para sempre no Paraíso.

Sim, Jane era o Paraíso. Enlevado, moveu as mãos para moldar o rosto ovalado, como se quisesse segurá-la, mesmo que Jane não mostrasse a menor intenção de se mover. Os lábios continuaram a provocá-lo, veludo contra veludo. As respirações se confundiram, quentes e úmidas. As línguas se tocaram como lanças de fogo.

Nada além das bocas se moviam. Mesmo as mãos, entrelaçadas, permaneciam imóveis, como se não quisessem nada para competir com a plenitude do beijo.

Rhys tinha consciência de que o elevador havia parado fazia muito tempo, mas não conseguia se

afastar de Jane. Receava que, se interrompesse o contato, o momento terminaria, e ela poderia desaparecer.

Por fim, Jane recuou e o fitou com os olhos transbordando de desejo.

— Oh, meu Deus!

— Planejo ouvir você dizer o mesmo muitas vezes esta noite — ele prometeu com um sorriso.

Rhys traçou os lábios macios com o polegar e tocou a marca do corte que ele deixara na noite anterior. Com um suspiro, abriu a porta do elevador e tomou a mão delicada para caminharem pelo corredor.

— Aqui estamos. — Ele soltou a mão de Jane e parou diante da porta do quarto. —

Insisto em saber se você está absolutamente segura de que quer dormir comigo esta noite.

Tinha de perguntar mais uma vez, pois se ela confirmasse, nunca mais a deixaria ir. Quando Jane assentiu com um gesto firme da cabeça, sem o menor traço da incerteza de antes, uma onda de alívio preencheu o peito dele. Abriu a porta', esperando que ela entrasse primeiro.

Dentro do quarto, Jane ficou parada de costas para ele como se estivesse incerta do que fazer a seguir.

— Vamos nos livrar disso — ele murmurou, com a voz rouca de desejo.

Ele tirou o casaco de Jane e atirou-o sobre a poltrona ao lado da lareira. A seguir, despiu a própria jaqueta, lançando-a na outra poltrona. As mãos voltaram à cintura fina, ansiosas por descobrirem o que ela estava usando debaixo do suéter que escondia as curvas femininas.

Deslizando as mãos sob a lã, Rhys sentiu o calor que emanava da pele. Ele beijou o pescoço delgado, sorrindo contra a pele. Inalou o perfume adocicado e morno enquanto as mãos percorriam o ventre liso até se deterem na saliência dos seios.

— Devo tirar este suéter? — perguntou em tom provocante.

— Sim — a voz gutural soou como um gemido.

Lentamente, Rhys suspendeu a barra da blusa e passou-a pelos ombros de Jane.

Ela ergueu os braços, ansiosa para se livrar de todas as barreiras que os separavam.

Rhys soltou a peça e as mãos retornaram à cintura. Contemplou os olhos cheios de expectativa e a beijou, prometendo prazeres indescritíveis.

A seguir, Rhys fez o mesmo com a camiseta, torturando-a com os movimentos vagarosos para despi-la. Uma onda de antecipação preencheu o ar ao redor deles quando expôs a pele aveludada.

Os dedos de Rhys tremeram ao pousarem sobre os mamilos intumescidos, escondidos pela renda do sutiã. Ele fechou os olhos quando o calor envolveu suas mãos.

Enquanto brincava com os bicos arrebitados, a boca de Rhys pousou no pescoço, cobrindo-o de beijos ardentes. Os dedos se insinuaram sob o tecido transparente, e ele suspendeu a peça para expor os seios pequeninos. A ereção dolorosa arrancou um gemido abafado de seus lábios, e ele procurou a boca molhada, bebendo o calor e o mel que o inebriava.

Seus lábios viajaram até o vale dos seios. Rhys roçou os dentes sobre um mamilo, e mãos ávidas se enroscaram em seus cabelos. A voz rouca implorando por mais o deixou cego de desejo.

Rhys atendeu ao pedido, girando o mamilo intumescido entre os dentes.

— Oh, Rhys... — ela sussurrou o nome com uma demanda inequívoca.

Ele ergueu a cabeça e contemplou os olhos entreabertos, sem saber que seu olhar transmitia mesma paixão.

Rhys se afastou e procurou o zíper da saia. Os dedos trabalharam rapidamente, e ele desceu a peça pela curva arredondada do quadril até que chegasse aos tornozelos.

Jane apoiou as mãos nos ombros dele e se equilibrou sobre um pé para se livrar da saia. Rhys se afastou para admirar a sombra da penugem negra sob a transparência do pequeno triângulo de renda entre as pernas alvas. Beijou o ventre liso e se deteve no umbigo, provocando-o com a ponta da língua.

A respiração úmida contra sua pele a levou à loucura, e quando a língua experiente traçou o contorno da calcinha, Jane cravou as unhas nos músculos firmes das costas de Rhys, receando que suas pernas não a sustentassem.

— Você gosta disso? — ele sussurrou com voz rouca.

— Humm... — foi só que ela conseguiu balbuciar.

— Eu quero provar você, mas não aqui, no meio do quarto. Quero você em minha cama, debaixo de mim.

Era exatamente o que ela queria, mas Jane não encontrou a voz para se expressar.

Mas não foi necessário. Rhys a suspendeu do chão e colocou-a sobre a cama, deitando-se ao lado dela.

— Sua pele é tão macia... — ele gemeu, deslizando as palmas das mãos pelas coxas.

— É pena que você esteja vestido — Jane murmurou. Rhys ergueu a cabeça e endereçou-lhe um sorriso.

— Você gostaria de retificar essa diferença?

Ela mordeu os lábios, inclinando-se sobre ele para alcançar a barra do suéter.

Puxou-o para cima, expondo centímetro por centímetro do tórax musculoso.

Jane se deteve para admirar os pelos sedosos do peito largo, antes de se inclinar para alcançar o botão da calça jeans. Abriu-o com dedos trêmulos e se dedicou a descer o zíper. Quando esbarrou na ereção massiva sob a calça, uma onda de antecipação a agitou.

Rhys terminou de se despir, atirando a calça para longe. Tomou as mãos dela e levou-as aos lábios, aquecendo-as com o hálito morno.

— Por que está tão nervosa? — quis saber, preocupado.

— Você tem idéia de como é perfeito? — Ela riu, embaraçada. — É um tanto enervante!

— Enervante? Eu?!

— Sim, você mesmo — confirmou, surpreendendo-se por ele não ter noção de como era bonito. — Tem se olhado no espelho ultimamente?

Ele clareou a garganta, como se estivesse constrangido pelo elogio.

— Eu não...

O olhar de Rhys se tornou distante por um momento, e Jane se arrependeu por ter feito a pergunta, embora não entendesse por que causara constrangimento.

Ele pestanejou, e os olhos recuperaram o foco.

— Eu não gosto de ver meu reflexo.

A justificativa a surpreendeu. No entanto, o tom de voz denotou certa irritação, e ela não emitiu nenhum comentário.

Rhys puxou-a firmemente contra o peito e a boca sequiosa capturou a dela.

Diferente do beijo no elevador, ou até mesmo no parque, aquele estava carregado de determinação quase agressiva.

No entanto, a possessividade a excitou, e ela entreabriu os lábios para permitir a invasão.

Rhys se afastou abruptamente e estendeu-a sobre o centro da cama, devorando-a com o olhar.

— E você acha que eu sou perfeito... — murmurou, correndo as costas das mãos pelo ventre arrepiado.

Jane assistiu quando ele se afastou e retirou a roupa de baixo. Embora já tivessem feito amor antes, aquela foi a primeira vez que teve oportunidade de admirá-lo em sua glória completa. E ele realmente era glorioso.

O corpo musculoso era simplesmente perfeito. Ele se comparava à escultura de *David*, de Michelangelo. Os pelos negros do peito se afilavam no abdômen, espalhando-se em profusão na área da virilha.

Fascinada, ela contemplou o membro ereto contra o estômago plano. Bem, não era exatamente como *Davi*, ponderou.

Rhys se uniu a ela na cama e beijou o lóbulo de sua orelha. A língua provocante arrepiou a pele do pescoço, e as mãos moldaram os seios.

Um suspiro escapou dos lábios de Jane quando sentiu os dentes arranharem a pele sensível. Seu corpo estremeceu violentamente sob uma onda de pura eletricidade quando Rhys pressionou os mamilos com a força exata entre a dor e o prazer.

O som extático da respiração ofegante a embalou como uma lânguida melodia. O ar parecia crepitar, enquanto Rhys lutava para manter o controle.

— Rhys, eu não posso mais esperar. Quero você!

Como resposta, acariciou os pelos que escondiam a intimidade e insinuou o polegar pela fenda úmida. Encontrou o ponto mais sensível da feminilidade e estimulou-o com movimentos lentos e circulares.

Jane pressionou o ventre contra a mão dele, movimentando-se no mesmo ritmo.

Ela sentiu os dentes cravarem em um dos mamilos com pressão firme, no limite da dor.

De repente, a sugestão de dor se transformou em liberação violenta como um orgasmo.

Um êxtase indescritível a arrebatou, e ela agarrou os cabelos de Rhys num gesto quase desesperado.

Subitamente, a sensação dolorosa se transformou num violento espasmo, e ela foi tomada pelo clímax mais intenso que já experimentara.

* * *

Jane acordou aninhada no peito de Rhys, com o braço dele ao redor da sua cintura. Na certa, exatamente como os dois haviam se prostrado na noite anterior, exauridos depois de fazerem amor.

Ela se espreguiçou, e os músculos cansados reclamaram. Olhou para Rhys, dormindo como se estivesse morto para o mundo. Com os cabelos sedosos se espalhando pelo travesseiro e os cílios longos e negros encurvados nas pálpebras pesadas, ele parecia quase angelical, no sono, como um

arcanjo caído na terra.

Jane sorriu para si. Tinha de ser um sonho. Não conhecia nada, nem ninguém, que pudesse ser tão maravilhoso. Sempre imaginara que fazer amor pudesse ser bom e divertido, mas não estava preparada para realidade que descobrira com Rhys. Fazer amor com ele era divertido, mas bom? Não. Era incrível, estonteante, devastador, erótico...

Ela se esticou mais uma vez e os músculos gemeram. Fitou-o por um longo momento e girou copo para sair da cama. Apanhou suéter de Rhys na cadeira e o vestiu antes de ir para o banheiro.

O ambiente escuro e frígido provocou-lhe um arrepio. Ela acendeu a luz e olhou ao redor. A temperatura baixa não significava nada além de ar frio. Não havia nada estranho ou assustador, e mesmo assim, alguma coisa parecia diferente. Avaliou todo o espaço luxuoso com atenção, pensando no que poderia ser.

Não havia espelho naquele banheiro, ela percebeu de repente. Sem dúvida, era um fato inédito. Então, lembrou-se da reação de Rhys momentos antes. Ele não gostava de espelhos. Por que seria? Se visse o próprio reflexo, encontraria mais completa perfeição. O que veria quando olhava sua imagem no espelho? Talvez não se tratasse dos atributos físicos, ela decidiu. Talvez ele não quisesse ver o tudo o que estava reprimindo, a causa da curiosa amnésia.

Ela balançou a cabeça enquanto abria a torneira do chuveiro. Não podia mais adiar a consulta de Rhys com o médico. Ele precisava de ajuda profissional.

Depois do banho relaxante, ela secou e penteou os cabelos sem a valiosa opinião de um espelho. Abriu a gaveta de tolhas no armário do banheiro e encontrou um roupão felpudo. Mesmo duas vezes maior que seu número, ela podia sentir a energia de Rhys envolvê-la como um abraço. Apertou o cinto e voltou para o quarto.

Rhys ainda dormia na mesma posição. Uma ponta de culpa atravessou, como se marcar uma consulta médica para ele fosse uma espécie de traição.

Contudo, ela deixou a culpa de lado. Obrigaria Rhys a ser examinado, para o bem dele, mesmo que significasse perdê-lo. Era óbvio que ambos gostavam da situação exatamente como estava. Ela adorava as palavras ternas, as promessas de futuro, o cavalheirismo fora de moda... Porém, tinha de fazer a coisa certa.

Com um suspiro, Jane dobrou as roupas caídas no chão e colocou-as na cadeira, pensativa. Olhou no relógio do criado-mudo. Quase quatro horas da tarde.

Era espantosa a facilidade com que se adaptara às agendas de Rhys e de Sebastian. Desde que fora para o apartamento, ela havia trocado o dia pela noite, como os dois irmãos.

O horário permitia que tentasse o contato com um especialista. Precisava encontrar alguém que pudesse encontrar alguma razão definitiva para a perda de memória de Rhys.

Ela foi para a cozinha a fim de comer alguma coisa e procurar pela agenda de telefones. Encheu uma xícara com água para o chá e colocou-a para aquecer no micro-ondas, que parecia nunca ter sido usado. A seguir, deixou duas fatias de pão na torradeira, igualmente intocada, e vasculhou a cozinha atrás de uma agenda de telefones.

A maioria dos armários estava vazia, e foi fácil constatar que não havia nenhuma , agenda doméstica ali.

Jane colocou o prato com as torradas, a xícara de chá e o telefone sem fio numa bandeja e foi para a sala de estar. Achou a lista telefônica na gaveta da luxuosa cristaleira e sentou-se à mesa.

Como encontrar um especialista em amnésia? Ela procurou nas páginas amarelas, incerta se deveria contatar um psiquiatra ou um neurologista.

Refletiu que seria mais indicado marcar consulta com um clínico geral que pudesse examinar Rhys e indicar o especialista apropriado para o caso. Mas mudou de idéia ao ponderar que talvez fosse melhor conversar com um psiquiatra, já que não parecia haver nenhum problema físico com ele.

Ela mordeu a torrada, debatendo sobre os nomes, a única coisa que ela tinha.

Como escolher?

Releu todos mais uma vez, e escolheu um dele aleatoriamente. Sabrina Harrison.

Supôs que a escolha de um médico baseada no fato de que tinha o mesmo sobrenome que ela era uma boa razão, ainda melhor que a escolha ao acaso. Apanhou o telefone começou a discar o número quando Sebastian entrou na sala.

— O que você está fazendo? — ele perguntou com expressão tensa.

— E... Eu... — ela gaguejou, sem saber o que dizer. Não queria ofendê-lo por tomar a iniciativa sem esperar pelo médico que ele havia sugerido. Mas alguma coisa tinha de ser feita por Rhys.

— Você sabia que a memória de Rhys é seletiva? — perguntou para ganhar tempo.

— É mesmo?

Sebastian franziu a testa e puxou uma cadeira para se sentar perto dela à mesa.

— Você não notou que ele convive sem conflitos com energia elétrica, água corrente, carros, elevadores, e esse tipo de coisa, mesmo acreditando ser um visconde do século XIX?

Ele considerou as palavras, pensativo.

— Agora que você mencionou... Sim, Rhys parece não se importar com os avanços deste século.

— E... — Jane hesitou por um segundo. — Bem, nós saímos ontem à noite e passeamos pela cidade.

Nada o aborreceu.

A postura relaxada de Sebastian se tornou tensa.

— Vocês não deviam sair de casa.

Jane sentiu uma ponta de culpa, que foi rapidamente substituída pela indignação.

— Sei disso, e tentei impedi-lo, mas ele estava tão determinado a sair que nem um furacão o deteria. Além do mais, ele está bem. Como eu disse, nada o chocou nem aborreceu.

— Mas ele ainda não se lembra do que ele é, certo?

Jane franziu a testa, confusa.

— Do *que* ele é?

Sebastian agitou a mão com impaciência.

— *Quem* ele é. Foi isso que eu quis dizer. Rhys não percebeu que não é um visconde, certo?

Ela balançou a cabeça, ainda confusa pela curiosa escolha de palavras.

— Não. Até ontem à noite, Rhys ainda achava que era um visconde.

— E você notou alguma coisa estranha enquanto passeavam?

— Você quer dizer alguma outra coisa além de o seu irmão pensar que Nova Iorque é Londres?

— Sim. Você reparou se havia alguém estranho ao redor?

Jane mordeu os lábios, ponderado se devia comentar sobre a estranha sensação que a assaltara logo depois de comer o cachorro-quente, ou sobre o rapaz de olhos claros que vira no café.

— Bem, eu... Não, não foi nada — decidiu não contar.

— Por favor, Jane, tente se lembrar. É importante.

— Foi só um rapaz que estava no café. Estranhei a cor dos olhos dele, só isso. —

Ela forçou um sorriso. — Ele era um tanto estranho, mas nada assustador ou ameaçador.

— Tem certeza?

Ela assentiu. Quem poderia estar por perto, observando-os? Seria alguém relacionado às memórias que Rhys estava tentando apagar?

Uma onda de incerteza a incomodou.

— Há alguma coisa que eu deveria saber, Sebastian? — ela perguntou, observando atentamente a reação dele.

— Não. Eu só acho que não é boa idéia vocês saírem de casa, e me refiro aos dois, Você não conhece Nova Iorque. Rhys não está pensando com clareza. Não quero que corram o risco de terminarem num bairro perigoso, ou se perderem.

Jane ponderou que as preocupações faziam sentido, embora Rhys demonstrasse conhecer o caminho com perfeição. Aliás, o que era muito estranho, considerando a amnésia e as crenças atuais dele.

— Às vezes, chego a pensar que você fica aliviado com a perda de memória de Rhys. — Por que Sebastian queria que o irmão continuasse a acreditar que era outra pessoa?

— Não! Não. Não é isso. É que eu... Eu não quero que ele se lembre de repente de tudo quando estiver na rua, ou pode ficar confuso e deprimido. Prefiro que esteja aqui comigo para que eu possa acalmá-lo.

Jane o encarou com suspeita e decidiu que não era justo duvidar das palavras de Sebastian. Rhys era irmão dele, e tinha todo o direito de querer estar por perto quando ele recobrasse a consciência.

— Sei que você quer ajudar. — Jane pousou a mão sobre a dele. — Assim como eu. E por isso que decidi seguir em frente e procurar um médico. — Ela indicou a lista telefônica.

— Sei que vocês têm um médico da famíl...

— Nunca! — Sebastian gritou, estendendo a mão para alcançar o telefone sem fio.

— Num — repetiu mais calmo quando viu a expressão assustada de Jane. — O nome do médico é dr. Num. Ele é muito renomado. Rhys não poderia estar em melhores mãos.

— Dr. Num?!

— Ele é asiático.

Jane considerou-o de perto por um momento, tentando decidir se Sebastian estava falando sério. Encontrou olhos sinceros e a firme linha do queixo.

— Compreendo que você prefira seu médico, ou uma pessoa em quem confia. Só que esse tal de dr. Num ainda não veio examinar Rhys. Isso não me parece muito profissional.

— Bem, ele é muito ocupado. Você sabe como é... Dr. Num é um homem famoso.

Vou telefonar mais uma vez. Agora. — Sebastian se levantou e estendeu o telefone com determinação. — Agora mesmo.

Foi para a cozinha e parou para agitar o telefone com um gesto resolutivo no ar antes de fechar a porta atrás dele.

Jane ficou olhando para a porta antes de voltar à refeição. Mordeu um pedaço da torrada com expressão ausente. Sebastian estava escondendo alguma coisa. Ninguém tinha todas as respostas como ele, ainda que fossem absolutamente duvidosas.

Ela terminou de comer e ergueu a xícara de chá no momento em que Rhys entrou na sala. As sobrancelhas tensas relaxaram quando ele a viu, como se tivesse receio de não encontrá-la ali.

— Bom dia — ela saudou com um sorriso.

Ele retribuiu, e mais uma vez, Jane se viu impactada pela beleza daquele homem.

— Fiquei desapontado quando acordei e percebi que você não estava na cama comigo. — Rhys sentou-se diante dela à mesa. — Eu tinha planos para você.

— É mesmo?

Ele assentiu e o sorriso se alargou.

— Prometi que ia prová-la todinha, e acho que me esqueci de algumas partes.

Jane admirou a curva sensual dos lábios e procurou os olhos. Brilhavam com desejo e uma ponta de diversão.

Sim, Rhys sabia exatamente o que estava fazendo com ela. A pele se arrepiou em cada poro que aqueles lábios haviam tocado.

— Você é um menino mau — ela murmurou, com os olhos voltando para boca, imaginando exatamente onde ele queria experimentar naquele momento.

— Humm... — Rhys gemeu, inclinando-se para beijá-la.

— Rhys, não, por favor. — Ela resistiu bravamente e virou o rosto. — Sebastian está na cozinha.

Resignado, ele se afastou e tamborilou os dedos na mesa.

— O que você estava fazendo?

Ele se inclinou para apanhar a lista telefônica aberta diante dela. Percorreu a lista de nomes de médicos com curiosidade.

— Você estava procurando um médico? Não está se sentindo bem?

— Não — respondeu, consciente da ambigüidade. Precisava de tempo para pensar na melhor maneira de comunicar a Rhys que era ele quem precisava de um médico.

Mas a entrada triunfal de Sebastian na sala de jantar salvou o momento.

— Consegui falar com dr. Num — ele anunciou com sorriso satisfeito. — Ele virá hoje à noite.

Rhys passeou o olhar do irmão para Jane. A expressão chocada de ambos deixou claro que estavam tramando alguma coisa.

— O que está acontecendo aqui?

Os dois não disseram nada por um minuto, e então falaram o mesmo tempo:

— É que...

— Eu...

Olharam-se, e ficaram em silêncio novamente.

— Jane, o médico é para você? — Rhys tomou as mãos dela, consternado.

— Não...

— Sim — Sebastian respondeu ao mesmo tempo. — Sim. Como você mencionou que ela poderia estar grávida, Jane decidiu consultar um médico. Só para prevenir.

— Por que você não falou comigo? — Rhys deixou evidente o ciúme. — Por que pediu a ajuda do meu irmão?

Jane abriu a boca para dizer alguma coisa, mas Sebastian impediu antes que ela pudesse emitir qualquer som.

— Ela não queria preocupá-lo.

Rhys franziu a testa para o irmão. Ele estava agindo de forma muito estranha.

Alguma coisa estava errada.

— Jane, você se importaria de me deixar a sós com Sebastian?

Ela fuzilou Sebastian com o olhar antes de sair. Rhys estudou cuidadosamente as unhas e esperou que ela fechasse a porta antes de encarar o irmão.

— Que diabos está acontecendo aqui?

Sebastian respirou fundo enquanto pensava na resposta mais plausível, e o mais rápido possível. Devia ter pensado numa mentira melhor, mas o primeiro pensamento fora que Jane contaria toda verdade. Tinha de detê-la. Rhys não precisava saber que o falso médico era para ele. Receava que pudesse se lembrar de que fazia mais de dois séculos que não precisava da atenção médica.

— O que você quer dizer? — Certo, nada melhor do que responder a uma pergunta com outra para se

esquivar e ganhar tempo.

— Por que Jane foi procurar sua ajuda para encontrar um médico?

— Pelo motivo que eu disse. Ela não quis preocupá-lo.

— E há alguma coisa com que eu deva me preocupar?

— Bem... — Sebastian hesitou. — Ela tem medo de não poder ter filhos.

— Por quê?

— As mulheres da família dela são estéreis.

— Todas são estéreis? — Rhys ecoou, espantado.

— A mãe dela...

— Mãe? — Rhys ecoou com expressão de dúvida. — Sebastian, como a mãe poderia ser estéril, se Jane nasceu?

Sebastian agitou as mãos, pensando numa forma de consertar a gafe.

— Você não esperou eu terminar a frase. Eu quis dizer que a mãe dela teve uma filha estéril. Jane tem uma irmã estéril.

— Jane não tem irmã. Sebastian arregalou os olhos, momentaneamente sem ação.

Então, ergueu os ombros e fez um gesto vago com a mão.

— Eu estava me referindo à irmã da mãe dela. A tia materna é estéril. Sim, foi isso que ela disse.

Rhys o estudou com ceticismo.

— E o que ela espera que o médico diga? É cedo demais para saber se está grávida.

— Acho que ela só queria saber se está bem de saúde. Jane considera importante passar por uma avaliação clínica, já que pode estar carregando seu filho.

Sebastian tentou não erguer os olhos para o teto. Por que estava fazendo aquilo?

Relanceou o olhar para Rhys, que considerava a explicação.

— Bem, suponho que se a visita do médico vai deixá-la mais relaxada, não há problema algum.

Sebastian respirou aliviado. No entanto, decidiu que não agüentaria tantas mentiras por muito tempo. Se Rhys recuperasse a memória e fosse estúpido a ponto de não perceber que precisava de Jane, e que poderia ser feliz com ela, então, ele lavava as mãos. Seu repertório de histórias criativas estava

se esgotando.

— E, por falar na possibilidade de Jane estar grávida... Sebastian se encolheu, sabendo o que estava por vir.

— Você conseguiu a licença especial de casamento?

— Consegui. Está sendo providenciada.

— Ótimo. E vai trazer o vigário para realizar a cerimônia aqui, o mais breve possível?

— É claro que sim.

Logo depois que ele descobrisse alguém para representar o papel de dr. Num...

Jane passeou pelo quarto, imaginando o que Sebastian estava dizendo a Rhys. A criatividade dele era espantosa! E por que havia mentido sobre o médico ser para ela?

Logo que realmente chegasse, Rhys perceberia que era ele quem seria examinado.

Mais uma vez, ela ponderou qual dos dois irmãos era o lunático.

No entanto, não importava como Rhys conseguiria ajuda, desde que conseguisse.

Ela suspirou. Não havia mais como negar, estava irremediavelmente envolvida.

Desejava que Rhys recuperasse a memória. Esperava desesperadamente que ainda a quisesse depois disso e que não pensassem que ela havia tirado vantagem da situação.

Daria-se por feliz se ele não a considerasse patética...

— Você devia ter me procurado — Rhys disse atrás dela. Ela se virou, embaraçada.

— Eu...

Jane mordeu o lábio. O que Sebastian teria dito? Rhys entrou, fechou a porta e parou de frente para ela.

— Eu serei seu marido, e não Sebastian. Suas preocupações são minhas. Seus problemas são meus. Resolveremos tudo juntos.

Ela não ousou encará-lo. Com o coração disparado no peito, percebeu a possessividade nos olhos dourados e o senso de proteção das palavras. A idéia de que Rhys estaria lá para ela fazia com que tudo parecesse perfeito.

— Promete que não vai procurá-lo novamente?

— Prometo.

— Promete que virá diretamente a mim quando tiver algum problema, por menor que seja?

Ela concordou em silêncio e fechou os olhos quando Rhys a beijou. A pressão dos lábios foi tão possessiva quanto as palavras. Ela se submeteu, adorando o poder daquele domínio.

— E você vai procurar somente a mim? — Ele se afastou para fitá-la.

A mente de Jane, enevoada pela paixão, não registrou o sentido do que Rhys dizia.

— Diga-me, Jane, diga que ninguém jamais vai tocá-la como eu, que ninguém saberá como é ter você.

A respiração de Jane parou na garganta e o coração estrondeou no peito. As exigências eram excitantes, e fáceis demais de aceitar.

— Ninguém — ela sussurrou, erguendo o rosto para oferecer os lábios.

Uma das mãos de Rhys pousou sobre os seios, enquanto a outra a envolvia pela cintura. Os dois se moldaram, corpos, bocas e desejos.

Rhys a soltou apenas para desatar o cinto do robe. Fez com que a peça deslizesse pelos ombros estreitos, expondo a nudez do corpo delicado só para ele.

Constrangida, Jane abaixou o rosto, e mesmo com a mecha rebelde cobrindo parte do rosto, podia ver os olhos de âmbar brilhando à luz do abajur.

Imediatamente, ela se lembrou do olhar feroz que tinha visto na primeira noite em que o conheceu.

Por um momento fugaz, ela ficou assustada. O homem à sua frente não era o mesmo, doce e gentil, com quem fizera amor antes. O Rhys diante dela mais parecia um selvagem faminto, com os olhos ávidos devorando a nudez como se quisesse consumir cada centímetro dela.

Mas, apesar da insegurança, o corpo de Jane respondeu prontamente ao apelo erótico daquele olhar. Os mamilos se erigiram com força quase dolorosa, e ela podia sentir a umidade lubrificando a mucosa sob a calcinha. Sim, queria Rhys mais do que tudo! Ansiava pela posse viril que a submetia à mais ardente paixão.

Pressentido a antecipação de Jane, ele se inclinou, e a boca sugou o mamilo, com os dentes pressionando os bicos sensíveis.

Ela gritou, extasiada com a sensação, oscilando em algum lugar entre o prazer e a dor. A carícia quase agressiva despertou todos os instintos primais enquanto ela se contorcia sob o peso do corpo viril, com as mãos agarradas nos cabelos fartos, puxando-o para mais perto.

Enquanto a boca atormentava seus seios, as mãos deslizaram para pousarem entre as coxas. Num movimento imperioso, Rhys afastou seus joelhos e penetrou os dedos na umidade, abrasadora. Os

dedos eram tão ousados quanto a boca, e igualmente excitantes.

— Deixe-me provar — ele murmurou com os lábios mergulhados no vale entre os seios.

Jane não teve certeza se a voz era dele, ou uma invenção de sua mente enevoada pela excitação.

Rhys percorreu o ventre liso com a ponta da língua e, ao se aproximar do monte de Vênus, ela gemeu e tentou fechar as pernas. No entanto, ele a impediu com o toque firme das mãos, forçando-a a mantê-las abertas.

— Quero olhar para você. — A voz era baixa, quase um sussurro. — Fique assim, Jane.

Um gemido profundo brotou na garganta de Jane, enquanto olhava para o homem ajoelhado diante dela, com os olhos ardendo numa febre que o consumia. Ela sentiu o calor que queimou a bochecha se expandir pelo corpo todo, convergindo para região sensível entre as coxas. Suas pernas tremiam, e ela lutou contra o constrangimento e deixou que pendessem para os lados.

Rhys gemeu, hipnotizado, com os olhos fixos no botão rosado que se evidenciava entre a penugem negra. Com as mãos, afastou os pelos para expor a feminilidade úmida e intumescida.

— Tão linda... E minha. Só minha!

Jane fechou os olhos, embriagada com as palavras, numa onda de languidez provocada pela cobiça do olhar faminto. Os fios longos de cabelos roçaram a parte interna das coxas quando ele se abaixou. Contudo, a sensação de cócegas foi rapidamente apagada pelas carícias da língua macia e ardente. Ela suspirou, e gritou quando a língua encontrou seu ponto mais sensível, circundando-o, sugando-o com os lábios ávidos.

Jane murmurou o nome de Rhys numa súplica sem destino. Sabia apenas que ele era o único que podia lhe dar a plenitude.

Rhys fechou os olhos, inebriado com a doçura que seus lábios encontraram. Mãos convulsas agarraram seus cabelos, enquanto Jane pressionava a pélvis contra seus lábios. O nome dele, sussurrado num apelo desesperado, o levou à loucura.

A língua se moveu para a fenda sensível, provando a luxúria que guardava. E

quando Rhys sentiu os músculos se contraírem em espasmos ritmados, num clímax que fez Jane gritar, a urgência que o consumia tornou-se incontrolável.

Tinha de senti-la mais fundo. Queria se fundir com ela, num só corpo e desejo.

Mais uma vez, provocou a saliência intumescida, e ela gritou, movimentando o quadril para acompanhar o ritmo que a língua ávida impunha.

Rhys ergueu os olhos, esperando que pudesse encontrar o foco se contemplasse o rosto de Jane. Porém, o ato teve efeito contrário. A pele leitosa reluzia à luz, os seios empinados estremeciam a

cada estocada da língua agressiva. Com as pálpebras cerradas, o rosto afogueado traduzia a mais pura expressão de êxtase.

Deus, como a queria! Por toda a eternidade...

Rhys perdeu-se num mar de paixão, enquanto seu próprio clímax se confundia com o de sua amada.

Capítulo VIII

— Jane... A rouquidão usual da voz de Rhys assumiu tom quase gutural.

Jane se forçou a abrir as pálpebras e reencontrou as peculiares íris cor de âmbar fixas nela. Uma ruga franziu a testa de Rhys. Ela inalou com força, tentando acalmar as ondas tensas de sensações que ainda pulsavam pelo seu corpo. Ofereceu-lhe um sorriso trêmulo, ainda atordoada pelo vertiginoso clímax que acabara de experimentar. O que acontecera? De alguma forma, sentia que ela havia dado a Rhys mais do que quando haviam feito amor. Não fazia sentido. Como era possível que ele chegasse ao clímax sem consumir o ato? Somente ele lhe dera prazer...

Não. "Prazer" não chegava nem perto de fazer justiça ao que ele lhe dera. Jane lhe entregar a alma com o poderoso orgasmo, e era como se ele tivesse feito o mesmo.

Ela fechou os olhos. Nada fazia sentido. Não estava conseguindo pensar com clareza. Uma exaustão fora do comum pesou sobre seu corpo. Percebeu o movimento de Rhys, estendendo-se ao lado dela. Mas não encontrou forças sequer para abrir os olhos.

— Você está bem?

A voz baixa parecia soar de algum lugar muito distante. Com esforço, ela virou a cabeça e abriu os olhos com um sorriso espontâneo nos lábios.

— Sim, apenas exausta. E muito, muito satisfeita.

O comentário não o tranqüilizou. Rhys tocou o rosto, pálido com as costas das mãos.

— Sua pele está fria.

Jane sorriu com serenidade. Não estava com frio. Seu corpo flutuava numa nuvem fofa e refrescante. A sensação era adorável. Ela fechou os olhos e suspirou.

— Vou preparar um banho para você. E, enquanto relaxa na banheira, vou pensar em alguma coisa para comer.

— Está bem — ela concordou sem de fato compreender as palavras. Queria somente ficar ali, envolvida pela nuvem de satisfação.

— Volto já — Rhys avisou, e a voz soou a milhas de distância.

Rhys a estudou. Embora o sorriso permanecesse nos lábios entreabertos, ela não parecia uma mulher que acabara de experimentar gratificação sexual. A palidez da pele combinava com a alvura dos lençóis, branca e translúcida, a ponto de revelar os traços azuis das veias. Os lábios, sempre róseos, agora mostravam tom arroxeado, pouco natural.

Ele observou-a respirar, como fizera naquela manhã. O peito não arfava no ritmo regular, mas em movimentos súbitos e rápidos.

Deus, o que ele fizera? Uma onda de medo e fúria o atravessou. Medo por ela, e raiva de si. Ele era o responsável pelo que quer que estivesse errado com Jane, embora não soubesse o quê. Tudo que conseguia se lembrar era do vórtice de paixão que tragara a ambos. Tudo o mais não passava de uma obscura névoa.

Rhys fechou o robe para protegê-la do frio, e outra onda de fúria o atravessou. O

que tinha feito? Estudou-a por mais um momento e seguiu para o banheiro. Porém, mudou de idéia. Ela estava exaurida. Não confiava que ficasse segura na banheira. Além disso, estava muito pálida. O que mais precisava era de se alimentar.

Ele voltou para a cama e cobriu-a com a manta, tentando não perturbar o sono de Jane. Mas ela abriu as pálpebras e o fitou com olhar desfocado.

— Olá.

— Olá. Você está confortável?

— Estou. Sinto-me muito bem.

Rhys sorriu de volta, mas seus lábios se fecharam numa linha fina quando percebeu que ela adormecera novamente. Estava respondendo, o que era bom sinal, mas ainda precisava se alimentar.

Ele foi para a cozinha e parou, olhando ao redor. O que Jane costumava comer?

Não sabia. Não sabia sequer como preparar uma refeição. Amaldiçoou Sebastian por ter dispensado a cozinheira e abriu a geladeira, indeciso. Vasculhou o interior, sem saber o que procurar. Não era possível que não conseguisse preparar uma refeição simples!, pensou com certo constrangimento, e se abaixou para verificar as prateleiras. Ovos, leite, suco de laranja, queijo... Além disso, havia dois frascos com... O que seria aquilo? Pegou um deles e notou a etiqueta com seu nome. Destampou-o e experimentou um gole.

A bebida densa provocou uma explosão de energia. O gosto ligeiramente adocicado agradou seu paladar. Sem saber por quê, ponderou que Jane era muito mais doce.

Rhys afastou o pensamento. Não tinha tempo para lembranças do sexo ardente com Jane naquele momento. Ela precisava comer.

Ele abriu os armários e encontrou latas de atum, aspargos e ervilhas em conserva.

Nunca lhe passara pela cabeça que pudessem ser enlatados!

Suspendeu a lata de atum no ar, imaginando como abri-la. Deixou-a de lado e encontrou o vidro com uma pasta marrom, de aspecto viscoso.

— Manteiga de amendoim. — Leu o rótulo, satisfeito. Ao menos, sabia o que era manteiga, e o cheiro não era tão desagradável.

Talvez ficasse apetitoso se espalhasse o creme sobre uma fatia de pão.

Rhys abriu diversas gavetas à procura de uma faca e se pôs a preparar o lanche.

— O que você está fazendo? — Sebastian perguntou atrás dele.

Rhys se virou para o irmão.

— Droga, Sebastian! Por que você surge do nada como se fosse um fantasma?

— É o que sou. — A expressão divertida se tornou séria. — Onde está Jane? Ela está bem?

Rhys franziu na testa. Ele próprio não tinha certeza se ela estava bem.

— Ela está no quarto, descansando.

Sebastian assentiu e apontou para o pote de manteiga de amendoim sobre a pia.

— O que você está fazendo? Não está pensando em comer isso, não é?

— Jane está com fome. Pensei em preparar alguma coisa para ela comer.

— Ótimo. É uma boa idéia. Definitivamente, isso vai ajudar.

— Ajudar?

Sebastian sabia que havia algo errado com Jane? Ele fez um gesto vago com a mão, como se lesse seus pensamentos.

— Você sabe o que quero dizer. Ouça, tenho de sair. Vocês ficarão bem?

— É claro que sim — Rhys respondeu com um grunhido, subitamente aborrecido com aquela conversa. Era óbvio que ficaria bem. Tudo estava sob controle.

— Certo. Voltarei logo. Lembre-se de tomar sua bebida energética. Será bom para você.

Rhys não respondeu. Observou Sebastian até que ele desaparecesse no corredor.

Por que tinha a sensação de que ele sabia de algo que não queria compartilhar?

— Ótimo — Sebastian murmurou quando entrou o elevador.

Daquela vez, tinha de conseguir um médico real, e não para Rhys.

Ele havia farejado o alimento de Rhys logo que entrou na cozinha. O irmão ainda tinha o cheiro de sangue de Jane. Se ele não se controlasse, as coisas poderiam ficar perigosas. Por sorte, fora capaz de sentir Jane. Ela estava bem, embora esgotada. Nada que não pudesse ser consertado com comida e descanso.

Sebastian empurrou a porta e saiu no segundo andar. Entrou pela porta dos fundos que se abria para o mezanino da boate. Tinha apenas de cuidar para que Rhys se alimentasse regularmente. Teria de providenciar mais dois frascos no banco de sangue, e ter certeza de que estava bem nutrido.

Abriu a porta pesada e entrou no clube. Naquele momento, sua única preocupação era encontrar um médico... Ou, mais especificamente, um médico chamado dr. Num.

Rhys colocou o prato e o copo de suco no criado-mudo e sentou-se na beirada da cama. Jane estava na mesma posição em que a deixara. A mão pequena repousava sobre o ventre. Mais uma vez, a transparência da pele o perturbou.

Você não pode fazer isso, uma voz alertou em sua consciência. Você não merece esta mulher, e ela certamente não merece o que você está fazendo.

Ele fechou os olhos, forçando-se a não pensar. Não estava fazendo nada além de cuidar dela. Queria protegê-la, mantê-la perto de si, fazer amor com ela. Não havia nada de errado nisso. Era reação natural de um homem normal perante a mulher com quem se casaria em breve.

Um homem normal... O cérebro de Rhys bloqueou as palavras. Ele não era um homem normal.

Rhys fechou os olhos, angustiado com os pensamentos perturbadores. E quando os abriu, olhou para Jane. Traçou a curva do queixo com a ponta dos dedos. A pele estava fria, mas ele detectou pequenos pontos rosados nos lábios. A cor saudável e viçosa começava voltar. Jane ficaria bem, e daquele momento em diante, ele seria mais cuidadoso e menos exigente ao fazer amor.

— Jane? Jane, acorde!

Ela pestanejou com um sorriso pronto nos lábios. Estendeu os braços e afastou as cobertas. O robe pendeu para o lado, revelando a curva dos seios. Obrigando-se a se controlar, Rhys forçou os olhos para o rosto. Contudo, o sorriso doce e a expressão sonolenta não apagaram o desejo que crescia dentro dele.

— E... Eu... — Ele gaguejou, tentando se lembrar do que queria dizer. — Eu trouxe comida. Você tem de se alimentar.

— Oh, obrigada... — Ela apoiou as mãos no colchão, tentando se erguer. — Estou faminta!

Rhys a segurou pelos ombros, impedindo-a de se levantar. Com gentileza, puxou-a para perto e a

acomodou entre as pernas, com as costas em seu peito. Então, ele pegou o copo de suco e levou aos lábios dela.

— Está com sede?

Ela virou a cabeça e pousou a mão sobre a dele para levar o copo à boca. Jane saciou a sede e Rhys ofereceu-lhe o sanduíche.

— Espero que você goste — declarou, colocando prato no colo dela. — Pão integral, seja lá o que for isso, com uma pasta chamada manteiga de amendoim.

— Adoro manteiga de amendoim! — ela confirmou, sem fazer nenhum movimento para apanhar o sanduíche.

Rhys partiu um pedaço e levou aos lábios dela.

— Por favor, você precisa comer.

Jane apoiou a cabeça no peito largo e, naquela posição, Rhys percebeu que havia fechado os olhos novamente. Uma onda de pânico o atravessou.

— Jane?

— Por que você me chama assim?

O alívio foi tão intenso por ouvi-la falar que Rhys não registrou as palavras.

— O que você disse?

— Jane. Não é meu nome.

Rhys não havia notado, mas ponderou que o apelido parecia mais natural para ele.

— Se você não gostar...

— Não — Jane interrompeu com os olhos ainda fechados. Um sorriso lento curvou os lábios dela. — Eu gosto. Só queria saber por que você me chama assim.

— Jane não combina com você. É muito comum.

O sorriso se alargou, revelando uma covinha na bochecha.

— É como sou. Comum.

— Não há nada de comum em você, minha querida. É adorável, doce, e muito, muito atraente. Como pode pensar que é comum, especialmente depois de ver como eu perco o controle quando estou nos seus braços? Por Deus, eu não penso em outra coisa não ser em fazer amor com você!

As pálpebras se ergueram e o olhar procurou o dele.

— Espero que você continue a se sentir assim por muito tempo.

— Esteja preparada para eternidade.

Rhys se inclinou e pressionou os lábios nos dela, com urgência desesperada.

Queria ter certeza de que ela sentia o mesmo.

Jane aceitou o beijo persuasivo. Mesmo cansada, seu corpo começou a reagir. O

desejo de Rhys se confundiu com o dela. Era como se os dois estivessem unidos por uma força invisível. Como um simples beijo podia ser tão poderoso?

A energia era tão revitalizante quanto qualquer tipo de alimento ou repouso.

— Sei que isso é bom, mas você tem de comer — Rhys insistiu, murmurando as palavras de encontro aos lábios dela.

Jane balançou a cabeça com um sorriso. Era espantoso como Rhys parecia ser capaz de ler seus pensamentos! Obediente, aceitou o pedaço de pão e mastigou lentamente, sem saborear. Aos poucos, comeu todo o sanduíche.

Quando abriu a boca para pegar a última porção, Jane passou a língua pelo dedo de Rhys e lambeu o resíduo de manteiga de amendoim espalhado sobre a pele. O sabor adocicado se confundiu com o gosto tipicamente dele.

A respiração quente perto do seu ouvido se tornou mais pesada. A reação fez com que Jane se sentisse poderosa, e muito, muito excitada.

— Você recuperou a cor.

A voz baixa provocou uma cascata de arrepios em Jane.

— Eu me sinto ótima. Não estou nem mesmo cansada. Ela se aconchegou no peito protetor e suspirou por entre um sorriso. Fechou os olhos com languidez quando sentiu a pressão do membro ereto nas costas. Ergueu os olhos para ele. As feições maravilhosas, o peito musculoso, aquele sorriso sexy... Com aquele homem, Jane era insaciável.

Ela se movimentou de encontro à ereção, e Rhys pousou as mãos em seu quadril, impedindo-a de se mover.

— Querida, nada me agradaria mais do que fazer amor com você. Mas acho que precisa de mais tempo para descansar.

— Mas eu estou bem — ela insistiu.

— Tome mais um copo de suco. Se você for boazinha, podemos conversar sobre fazer amor.

— Conversar? — ela enfatizou a palavra e fez uma careta.

— Conversar pode ser muito excitante, você não sabia?

O coração de Jane pulsou mais rápido. Não tinha dúvida de que falar sobre sexo com Rhys seria mais do que excitante. Falar sobre o tempo com aquele homem já era o máximo!

— Está bem, prometo que vou tomar todo o suco.

Rhys pousou um leve beijo no topo da cabeça dela e se esgueirou para sair da cama.

— Não saia daí. Eu volto já — anunciou, apanhando o copo vazio do criado.

Ela assentiu e apoiou a cabeça no travesseiro com um sorriso tolo nos lábios.

Sabia que tinha de agir com mais sabedoria naquela situação. Deveria estar preparada para a eventualidade de Rhys recuperar a memória. Entretanto, naquele minuto, não conseguiu se focalizar. Ambos reprimiam conteúdos indesejáveis à lembrança. Assim como Rhys, ela também relegara alguns fatos da realidade. Sentia-se tão bem com Rhys que nem mesmo as preocupações a abalavam.

Jane girou o corpo e se deitou de costas, com as mãos entrelaçadas sob a nuca. O

movimento provocou uma pontada de dor no seio, como se a pele estivesse ferida por um corte fino. Ela afastou o robe e avaliou o mamilo esquerdo. A princípio não viu nada, embora a dor continuasse. Então, notou as marcas: dois pequenos pontos avermelhados, confundindo-se com a coloração da auréola.

Estudou-as de perto e passou o dedo pelas discretas saliências. Talvez fossem apenas picadas de inseto, ela pensou. No entanto, nenhum inseto deixaria ferroadas tão simétricas. E o mais curioso era que o ferimento estava quase cicatrizado.

Ela se lembrou vagamente de Rhys mordê-la enquanto faziam amor. Porém, não havia como os dentes dele deixarem marcas como aquelas. Além disso, não sentira dor.

Ao contrário, a carícia fora incrivelmente erótica. E, mesmo que os dentes dele a ferissem sem querer, a pele não teria cicatrizado com tanta rapidez.

Ela fechou o robe, tentando não se preocupar. Mas, em algum lugar obscuro da mente, sabia que havia algo estranho.

— Muito estranho... — repetiu em voz alta. Nada era normal naquela casa.

Naquele momento, Rhys enfiou a cabeça pela fresta da porta. Ele não sorria, e os lábios cheios estavam comprimidos numa linha fina.

— Sebastian pediu para avisá-la que o médico está aqui.

Mesmo sabendo que deveria ficar aliviada por Sebastian ter conseguido levar o médico para o apartamento, o peito de Jane se oprimiu. Ela forçou um sorriso.

— Ótimo. Vou me vestir.

Rhys assentiu e hesitou, como se quisesse dizer mais alguma coisa.

— Estarei esperando na sala de estar — disse por fim, mudando de idéia.

Ele fechou a porta e Jane ficou na cama por mais alguns minutos. De repente, desejou que Sebastian não tivesse encontrado o médico. Depois daquela tarde, queria ter mais dias perfeitos com Rhys.

A voz da consciência a alertou de que ela não estava agindo corretamente. Porém, queria desesperadamente sentir-se como Rhys a via: atraente, excitante e especial. Não era fácil abrir mão de tudo aquilo.

Não, não podia ser egoísta. Rhys precisava de ajuda.

Com um suspiro, levantou-se e procurou roupas limpas na mala. Vestiu-se e foi à procura de Rhys. Queria estar lá para ver como ele reagiria ao perceber que o médico fora examiná-lo. Ponderou que era natural se ele não respondesse bem, pois qualquer pessoa que o forçasse a se lembrar do que ele queria esquecer não seria bem-vinda.

Quando chegou à sala, encontrou Rhys sozinho.

— Onde estão Sebastian e o médico? — perguntou, olhando ao redor.

— Estão esperando ali... — Rhys fez um gesto na direção da biblioteca.

Nenhum dos dois se moveu. Então, ela percebeu que Rhys esperava que fosse primeiro. Afinal, acreditava que o médico fora lá para vê-la.

Jane forçou um sorriso para esconder o nervosismo e rezou secretamente para que, quando tudo aquilo terminasse, Rhys ainda a olhasse com tanta ternura.

Com um suspiro profundo, ela girou a maçaneta e abriu a porta.

Sebastian se virou com um sorriso vitorioso.

— Aí está você! Deixe-me apresentá-la ao estimado dr. Num.

Ele fez uma mesura afetada, como um vendedor anunciando um novo produto.

Jane seguiu as mãos até encontrar uma figura ímpar sentada no sofá, segurando um copo com uísque. O homem diminuto ergueu o drinque para saudá-la e a avaliou da cabeça aos pés. *Aquele* era o dr.

Num?!

Aparentava estar na casa dos trinta anos, com cabelos curtos, rentes ao couro cabeludo. Usava calças pretas coladas às pernas magras, e a camisa azul brilhante parecia ser de plástico. Mas não foi a idade nem a aparência que a sur prenderam.

Foram as orelhas. O médico usava *piercings*!

Ou melhor, eram imensos orifícios nas orelhas que se mantinham expandidos por aros de metal. Sim, o dr. Num era muito, muito peculiar, sem contar que não tinha o menor traço asiático.

Jane percebeu que não era educado encará-lo daquela forma, e abaixou o rosto.

Dr. Num ergueu a sobrancelha e endereçou-lhe um sorriso lascivo, aparentemente sem se importar com a avaliação crítica. Levantou-se e estendeu a mão.

— Sim, sou eu. Dr. Num.

Jane o cumprimentou e tentou manter o olhar longe das aberturas nas orelhas.

— Obrigada por ter vindo — balbuciou, recebendo outro olhar de cobiça.

— Não pude resistir. Quando Sebastian explicou a situação, quis ver com meus próprios olhos.

Jane lançou olhar preocupado para Sebastian. Aquelas não eram palavras de um médico preocupado com o paciente.

— Dav... Digo, dr. Num está sempre interessado em novos casos.

— Sebastian — Rhys disse em voz baixa, e só então Jane notou que ele estava parado à porta, olhando para o médico com a mesma perplexidade que ela. — Podemos conversar na sala de estar?

Rhys cumprimentou o dr. Num com um gesto da cabeça, sem disfarçar o interesse pelos buracos nas orelhas.

— Voltaremos num minuto — anunciou quando Sebastian se juntou a ele, e dirigiu-se a Jane: — Não saia daqui.

Ela concordou e, através do orifício descomunal na orelha do excêntrico médico, viu a porta se fechar.

— Então, Rhys está mesmo aloprado, hein?

Jane pestanejou. Era esse o termo técnico que os médicos de Nova Iorque usavam para o problema de Rhys?

— Ele e está um pouco confuso e acho que precisa de ajuda profissional —

embora soubesse que estava sendo de, enfatizou a palavra "profissional".

— Bem, pelo que Sebastian me contou, ele precisa de ajuda médica há muito tempo. Qualquer um percebe que Rhys tem depressão. Aliás, ele está muito mais feliz agora... — Dr. Num ergueu as mãos, agitado. — Não que eu o conhecesse bem. Em todo caso, a amnésia está funcionando para ele.

Jane franziu a testa. Sabia que estava sendo preconceituosa, mas não havia menor chance de confiar daquele homem.

— Bem, não é para menos... — Dr. Num a estudou dos pés à cabeça, com um sorriso de cobiça. — Acho que você o está deixando feliz.

Jane recuou um passo, Agora entendia por que aquele médico havia diagnosticado Rhys por telefone. Na certa, era como fazia a maioria dos exames de seus pacientes.

— Não acha que seria melhor se o levássemos ao hospital? Talvez ele precise de um psiquiatra...

— Ah, os psiquiatras... — Dr. Num estalou a língua com desgosto. — Eu mesmo me consultei com um, certa vez. Rhys ficará melhor com uma garrafa de uísque e uma prostituta. A bebida o deixará mais falante, e a prostituta ouvirá os problemas dele por um preço muito menor. Além do prazer que ela pode dar, é claro.

Ele sorriu, como se estivesse oferecendo uma solução brilhante.

Jane ouviu, boquiaberta, e seguiu na direção da porta.

— Pode me dar licença um minuto?

Sem esperar resposta, ela girou a maçaneta e, naquele momento, os dois irmãos entraram na sala. Rhys parecia aborrecido, e Sebastian não escondia a tensão.

— Jane, posso falar com você?

Deveria ser uma pergunta, mas ela percebeu nos olhos de Rhys que não havia espaço para recusa. Não que desejassem recusar. Ficou mais do que aliviada por se livrar dos comentários ofensivos do dr. Num!

Rhys tomou-a pela mão e saiu, fechando a porta atrás dele.

— Não quero que você seja examinada por esse médico — ele declarou por entre os dentes logo que ficaram a sós.

— Nem eu! — Jane concordou prontamente, mesmo sabendo que o dr. Num não estava ali por causa dela.

— Oh, Deus! Agora...

A porta se abriu, e Sebastian espichou o pescoço pela fresta.

— Dr. Num já terminou com Jane. Agora ele quer vê-lo, Rhys.

— Ele já examinou Jane?

— Não. Ele só fez uma ou duas perguntas e ofereceu alguns — ela enviou olhar de censura para Sebastian. — ...conselhos profissionais. Rhys suspirou, aliviado.

— Ele quer falar com você — Sebastian insistiu.

— Por quê? — Rhys ergueu as mãos, confuso.

— Bem, ele tem alguns conselhos para você também.

Rhys hesitou e caminhou na direção da porta. Fez uma pausa para fitar Jane.

— Você está bem, não é?

— Sim. Estou ótima.

Sebastian fez um gesto para apressar Rhys e se afastou para lhe dar passagem.

Porém, Jane o chamou.

— Espere, Sebastian. Quero falar com você.

Jane podia jurar que ele havia erguido os olhos para o teto, mas o sorriso que ostentava nos lábios era da mais singela candura.

Rhys entrou na biblioteca e ele saiu para a sala de estar.

— Esse é o seu renomado médico? — ela questionou com ironia.

— Não se deixe enganar pelas aparências. Ele é o melhor.

O melhor *DJ* que o clube jamais tivera, Sebastian completou para si. E o mais novo, o que ele esperava pudesse prevenir Rhys de reconhecê-lo.

— Ele acha que a amnésia de Rhys é algo positivo.

— E isso não é bom? Pelo menos, ele não acha que seja nenhuma catástrofe.

Jane balançou a cabeça, chocada.

— Sebastian, isso é loucura! Como amnésia pode ser uma coisa boa? Seu irmão precisa de ajuda, e ninguém parece se importar.

Sebastian apertou os dentes. Como se ele não se importasse! Se fosse assim, não estaria inventando médicos, não teria feito todo o possível para manter Jane perto dele, não se preocuparia tanto em protegê-lo...

— Eu me importo, Jane. Mas, tenho de admitir, gosto mais de Rhys como está agora. Ele não está deprimido. Eu não agüentava mais vê-lo chorar a perda da nossa irmã, Elizabeth, que morreu muito tempo atrás! Rhys nunca conseguiu superar. Ele parou de se remoer de remorso por ter rompido relações com Christian, com quem não fala há anos...

Sebastian fechou a boca. Não pretendia contar a Jane sobre os outros irmãos.

Quando chegasse o momento de saber a verdade, Rhys teria de contar, e não ele.

Todavia, talvez ela precisasse saber, ponderou. Jane estava no escuro. Seria bom que compreendesse Rhys quando a memória dele voltasse.

Ela o encarava com os olhos arregalados como duas, esmeraldas brilhando.

— Eu... Eu não sabia. Elizabeth morreu?

— Sim, há muito tempo. — Sebastian ergueu os ombros. — Mas, como você poderia saber? Nem mesmo Rhys sabe.

— É mesmo. E você acha que é por isso que ele está com amnésia?

— Em parte, sim. — Sebastian balançou a cabeça de um lado para outro.

— Oh, Rhys! — A voz de Jane soou carregada de simpatia e desespero.

Sebastian notou as lágrimas nos olhos e o pesar nas feições, e pela primeira vez, ponderou se estava fazendo a coisa certa.

— Por favor, desculpe-me — ela murmurou e seguiu pelo corredor sem esperar resposta.

Até aquele momento, o único pensamento de Sebastian fora dar a Rhys o que ele queria: Jane. Nunca havia considerado que estava brincando com a vida dela. Ele não tinha o direito de manipular o futuro ou as emoções de ninguém. Jane amava Rhys com tanta intensidade que a energia perfumava o ar e circulava por todos os recantos da casa.

— Droga, Rhys! Veja a que ponto você me obriga a chegar! — murmurou, tentando se convencer de que estava fazendo o melhor para ambos.

Jane correu para o quarto. O pesar por Rhys e as lágrimas que estava tentando esconder a sufocavam. Como fora se meter naquela bagunça?

Ela caiu na cama e mergulhou o rosto no travesseiro. Agora, finalmente, compreendia o que Rhys estava reprimindo. Compreendia também o homem frio e distante que ela , conhecera no bar. Mesmo

naquela ocasião, soubera que ele carregava mágoa e ressentimento. O Rhys de agora, sorridente e gentil, estava livre daquele pesar e era capaz de rir.

De repente, ela se sentiu egoísta. Preocupava-se com o que poderia acontecer com ela quando a memória de Rhys voltasse. Nunca pensara no que poderia acontecer com ele.

Contudo, não acreditava no que Sebastian sugeria. Definitivamente, a amnésia de Rhys não era saudável. Mantê-la seria o mesmo que aceitar que ele vivesse num mundo de fantasia. Mesmo que a ilusão permitisse uma vida livre de dor, ainda era ilusão. E, eventualmente, ele se lembraria.

Jane virou o corpo e fixou o olhar no teto. Será que Rhys se lembraria mesmo?

Seu pai era um exemplo de alguém que vivera na fantasia para sempre. Não queria o mesmo para Rhys. Viver fora da realidade impunha muitos limites. O pai havia investido toda sua energia em excluir da lembrança qualquer coisa que pudesse interferir em suas crenças. Com isso, ela ficara fora da vida dele.

No entanto, mesmo distanciada, ela tivera de viver dentro dos parâmetros impostos pelo pai. Convivera com a ilusão, consciente de que não havia nada a fazer. Tentara protegê-lo e se proteger, e, com isso, ambos ficaram alienados do mundo, à parte de tudo que era real ou normal.

Não, Rhys não merecia tal destino. Não era justo. Ele tinha o direito de viver uma existência real.

Jane apanhou uma almofada e abraçou-a, como se quisesse, buscar conforto. Sim, Rhys tinha de confrontar os velhos fantasmas. Talvez fosse a única forma de se curar, por mais que ele sofresse ao reviver a dor de perder Elizabeth e Christian mais uma vez.

— Jane?

Ela ergueu a cabeça e piscou entre lágrimas ao se deparar com Rhys no centro do quarto, fitando-a com os olhos enevoados de preocupação.

— Oh, Rhys... Eu sinto muito — Jane balbuciou entre soluços.

Ele se sentou na beirada da cama e tomou-lhe as mãos, roçando os polegares nas palmas macias.

— Você não tem motivos para se sentir assim — assegurou com ternura.

Ela balançou a cabeça com força, sem conseguir falar. Tinha todas as razões; por amor, pela dor, pela perda, por permitir o relacionamento entre eles quando sabia que era errado...

— Querida, eu não me importo por você não estar grávida. E daí se não pode me dar um herdeiro? Quero você muito mais do que tudo.

— O... O quê? — Ela pestanejou, rapidamente.

— Se você é estéril, temos de lidar com isso.

Estéril? Herdeiro?

Ela apertou os dentes, reprimindo a irritação que cresceu em seu peito. Claro, era outra das mentiras de Sebastian! Mais uma pequena história para proteger o irmão.

Jane inalou fundo, incapaz de descrever as emoções e pensamentos que travavam uma batalha ininterrupta em sua mente. Precisava de tempo para pensar. Tempo para decidir o que era melhor tanto para Rhys quanto para ela.

— Rhys... — Ela retirou a mão e tocou-o no peito. — Eu realmente tenho de descansar.

— Oh, é claro! Você teve um dia cansativo.

Rhys se inclinou para beijá-la e os dedos se moveram o para o zíper da calça. Mas Jane o impediu.

— Rhys... — disse devagar, receando que a recusa ferisse os sentimentos dele.

— Amor, não sou nem uma besta selvagem — ele assegurou com um sorriso terno. — Só queria deixá-la mais confortável.

Jane mordeu os lábios, culpada. Não havia razão para desconfiar dele. Rhys nunca pressionara. Ela era quem estava tirando vantagem da situação.

Com vagar, Rhys removeu a calça e ajustou os travesseiros para que ela se deitasse.

— Quer que eu fique?

— Prefiro ficar sozinha.

Tê-lo tão perto embaralhava seu julgamento, e ela precisava de tempo para pensar.

Resignado, Rhys se levantou como se já soubesse da resposta. Beijou-a na testa e Jane fechou os olhos ante a gentileza do toque. Tivera de ser forte para pedir que ele saísse. Como podia dispensar algo pelo qual ela ansiara a vida toda?

Ele desligou o interruptor e caminhou para sair do quarto. Parou à porta, e a silhueta poderosa se destacou contra a luz do corredor.

— Jane, tudo ficará bem.

Ela fechou os olhos. Era o que esperava.

Jane não tinha idéia de como conseguira dormir com todas as preocupações que a agitavam. Porém, adormecera profundamente.

Abriu os olhos e olhou para o relógio. Onze e meia da manhã. Ela cerrou as pálpebras pesadas, sentindo-se exausta. Dentro de sua nova agenda de sono, ainda era cedo para se levantar.

Sonolenta, ela afundou a cabeça no travesseiro quando sentiu um formigamento na pele. Arregalou os olhos, completamente desperta. O formigamento se intensificou, provocando um arrepio que a percorreu da cabeça aos pés, eriçando a penugem dos braços e nuca.

— Não! De novo, não! — gemeu, petrificada de horror. Quando acabou de dizer a si mesma que era apenas imaginação, um peso sufocante a afundou na cama. Ela se obrigou a manter a calma. Era um sonho. Tinha de ser um sonho! Ainda estava dormindo, e o que quer que fosse aquilo não podia machucá-la.

O coração pulsou nos tímpanos, mas ela se forçou a não fraquejar. Tentou se erguer, com o cérebro mandando que lutasse. No entanto, uma energia quase palpável a manteve imobilizada contra o colchão.

Vagamente, acima das batidas desenfreadas do coração, ela ouviu o som abafado de um corpo sobre a cama, pressionando-a com mais força no colchão.

Contrariando os instintos que a impeliram a lutar, Jane permaneceu imóvel, tentando sobrepujar o terror para compreender o que a mantinha presa. Percebeu, depois de alguns momentos, que aquilo não tinha forma. Podia sentir que era um corpo. Porém, quando ergueu a mão para tocá-lo, não encontrou nada.

De repente, mãos pesadas começaram a tocá-la. A pele de Jane se crispou quando dedos gelados deslizaram pelas pernas e subiram para os braços. Ela começou a se debater, incapaz de controlar o pânico.

Os dedos invisíveis a seguraram pelos pulsos, prendendo-os sobre o colchão. Pela primeira vez, ela ouviu a respiração, baixa e pesada.

Ela apertou os olhos e tentou girar a cabeça para não escutar, mas o espectro se moveu para mais perto. E foi então que ouviu uma voz baixa e gutural sussurrando em seu ouvido:

— Olá, Jane.

Capítulo IX

Rhys acordou e saltou da cama num movimento rápido. Jane. Ela estava em perigo. Não questionou como sabia, apenas sentiu o medo que pairava no ar como uma colônia de aroma pungente. O medo de Jane. Mesmo sabendo que seu corpo ainda estava adormecido, era como se uma força externa o mantivesse de pé. Com movimentos rápidos, muito mais ágeis do que o habitual, ele chegou ao quarto dela. A maçaneta girou com facilidade em sua mão. Por alguma razão, esperava que o quarto estivesse trançado.

Jane estava deitada no centro da cama, com os braços estendidos ao longo do corpo e os olhos arregalados. O terror brilhava nas profundezas das pupilas dilatadas. Ela parecia paralisada naquela posição, segura por alguma força invisível.

Rhys parou por apenas um segundo e o cheiro acre o envolveu, forte e encorpado.

Obrigou-se a ignorá-lo e correu para o lado da cama. Quando tocou Jane, o cheiro se evaporou.

Ela o agarrou e inalou sofregamente, como se estivesse sufocada. Finalmente, a respiração voltou ao normal. Ergueu o rosto para fitá-lo e as mãos tocaram o rosto, os cabelos e o peito, como se ela não acreditasse que fosse real.

— Shh... — Rhys sussurrou, abraçando-a com força. Ele respirou, aliviado. Jane estava bem. Ele conseguira chegar a tempo. Tempo para quê, não soube dizer. Não importava.

— Você o viu?

A voz de Jane estremeceu, e o olhar se tornou ainda mais apavorado.

— Não. — Embora tivesse sentido, mas Rhys omitiu o comentário.

— Tentei me convencer de que era um sonho, algum pesadelo recorrente, maluco e assustador. Mas esta noite, eu soube que é real.

Rhys assentiu e ergueu o rosto, tentando captar algum vestígio do cheiro que sentira antes. Restava apenas o medo de Jane.

— Você vai dormir comigo — declarou sem dar margem para recusa.

Rhys ajudou-a a se levantar e passou o braço ao redor da cintura. A pele fria sob seus dedos o deixou preocupado.

No quarto dele, debaixo das cobertas, Jane se aninhou contra seu corpo.

— Você sentiu alguma coisa? — ela perguntou, aflita. — Não pressenti uma presença naquele quarto?

Rhys abriu a boca para confirmar, e mudou de idéia. Contar a Jane o que ele experimentara não traria nenhum benefício. Nem ele mesmo compreendia o que havia acontecido.

Ele inalou o aroma fresco dos cabelos e da pele. O que quer que fosse, havia ido embora. Era tudo o que importava.

— Acho que você teve um sonho muito vivido — disse para tranquilizá-la, esfregando as mãos nos braços gelados.

Jane suspirou, desapontada.

— Rhys, você acredita em fantasmas? As mãos pararam.

— Fantasmas?

— Sim, fantasmas — ela confirmou, sem esperar pela resposta. — Eu nunca acreditei, mesmo tendo crescido numa casa funerária. Ou, talvez exatamente por isso.

Ademais, cresci ouvindo os diálogos do meu pai com o suposto fantasma da minha mãe.

Mas agora... — Ela suspirou, desanimada. — Eu já não sei mais.

— Jane, não foi um fantasma — Rhys assegurou, mais uma vez, sem saber de onde vinha tanta certeza.

Ela ergueu a cabeça e, mesmo sem luz no quarto, Rhys discriminou o brilho dos olhos.

— Você não acredita em nenhum tipo de existência depois da morte?

Sim, ele acreditava, Mas em vez de dizer, Rhys beijou-a, saboreando a vida daqueles lábios.

— Acho que você teve um pesadelo, Jane. Foi só isso.

— Era real demais.

— Alguns pesadelos são muito reais. Ela ergueu ainda mais o rosto e procurou os olhos dele.

— Como você sabia que eu precisava de ajuda?

A voz estava mais calma. No entanto, a pergunta inocente o agitou. Rhys se inquietou, pouco confortável. Era outra pergunta da qual ele sabia resposta, mas não fazia sentido.

Ele era um visconde, um homem com muitas propriedades, que se dava ao luxo de ter uma fortuna razoável e de aproveitar a vida da melhor maneira possível. Era um homem normal, abençoado pelo futuro casamento com a mais adorável das esposas. Não deveria ser capaz de sentir o medo dela... Pior, era mais do que sentir. Ele experimentara na própria pele e o farejara no ar.

—Acho que ouvi você gritar — justificou, considerando ser a única resposta lógica.

Jane se aconchegou no peito dele e disse com um bocejo:

— Não me lembro de ter gritado. Ao menos, em voz alta. Contudo, ela o chamara mentalmente e Rhys ouvira em alto e bom tom.

— Ele me chamou de Jane — murmurou antes de cair num sono profundo.

As palavras sonolentas gelaram o sangue de Rhys. Somente ele chamava Jane pelo apelido. Mesmo assim, ela ouvira no pesadelo... um pesadelo que ambos compartilharam.

Christian jazia na cama com o corpo completamente drenado, a ponto de não conseguir mover um só dedo. Teria sorte se conseguisse se levantar para procurar alimento.

Entretanto, a exaustão valera a pena. A viagem de seu espírito lhe mostrara muito, além de ter sido divertido.

Seus poderes estavam aumentando. Poucos vampiros conseguiam deixar a forma física e viajar à luz do dia. Ainda estava fraco, e não conseguia sustentar a viagem, mais se saíra bem. Fora divertido assustar o irmão e a patética mortal.

Ele fechou os olhos. Sim, aprendera algo interessante. Rhys ainda não tinha idéia de que ele estivera no quarto. Vingarse da morte de Lilah seria mais fácil do que ele imaginara.

— Agora é você quem está gelado — Jane murmurou no ouvido de Rhys quando se estreitou no peito dele.

— Eu estou bem — Rhys retrucou, mesmo sabendo que a afirmação soava tão fria quanto a pele.

Uma voz na sua cabeça repetia sem parar que ele precisava colocar a maior distância possível de Jane.

Ela não demonstrou notar a reação indiferente, pois o envolveu com os braços e repousou a cabeça sobre o peito. As pernas o abraçaram, como se ela desejasse ser um cobertor.

Rhys fechou os olhos, obrigando-se a não responder. Os dedos macios brincaram com os pelos do peito e provocaram os mamilos até que ficassem rígidos. A respiração quente fez cócegas em suas orelhas.

E se, em vez de mandá-la embora, pudesse cuidar dela e mantê-la segura?, pensou, atormentado pelo desejo.

Jane pressionou o corpo contra o dele, pousando beijos suaves na coluna do pescoço e queixo.

A reação de Rhys foi imediata. O membro se erigiu e ele virou o corpo, posicionando-se sobre Jane. Beijou-a, revelando o quanto a desejava.

— Viu o que você faz comigo? — ela sussurrou contra os lábios ardentes.

— O quê? — A voz rouca quase não se podia ouvir.

— Faz com que eu me esqueça de tudo.

— Eu estava pensando a mesma coisa de você...

Jane interrompeu as carícias e ergueu o rosto.

— Você se esqueceu de alguma coisa?

A questão direta o perturbou. Rhys se afastou com olhar entre preocupado e irritado.

— Estávamos falando sobre você esquecer, e não eu.

— É verdade. Mas você não acha que também está se esquecendo de alguma coisa?

Rhys se sentou, e sua primeira reação foi se afastar. Mas as emoções se acalmaram. Não tinha motivos para ficar aborrecido com as palavras. Afinal, a resposta era muito simples. Se estava se esquecendo de alguma coisa, era apenas de estar com ela, de protegê-la.

— Imagino que seja natural esquecermos aquilo que causa desprazer — justificou com naturalidade forçada. — É uma forma de defesa.

Jane também se sentou e apoiou a cabeça nos ombros dele, massageando os músculos tensos das costas com o queixo.

— Lembre-se apenas de que, não importa o que aconteça, você sempre poderá contar comigo.

As palavras suaves foram como facho de luz no quarto escuro. Rhys não podia imaginar nada mais reconfortante, nem mais carregado de riscos. As palavras escondiam o potencial de feri-lo, e, mais importante, ferir Jane.

Não, tudo estava bem, ele tentou se convencer. Os eventos estranhos no quarto dela não passavam de um pesadelo assustador. Não significavam nada.

Ele se virou e beijou-a.

— Bem, já que o assunto está resolvido, acho que devemos tomar um banho —

sugeriu, levantando-se. — Fique aqui enquanto coloco a banheira para encher.

Jane sorriu enquanto ele ia para o banheiro, embora sua mente estivesse confusa.

Mesmo assim, nada poderia impedi-la de apreciar as pernas longas e musculosas, os bíceps firmes e os ombros largos. Lindo!

Ela mordeu os lábios. Não podia acreditar no que havia dito!

Não importa o que aconteça, você sempre poderá contar comigo.

Jane caiu sobre o travesseiro com o coração disparado no peito. Parecia que o órgão rebelde tomava decisões sem consultar o cérebro. O que acontecera na noite anterior, com a decisão de fazer o que fosse melhor para ambos?

Ela sempre se considerara uma pessoa sensível. Porém, desde que entrara naquele bar na véspera de Natal, a pessoa que ela conhecia havia desaparecido. E tudo por causa de um rosto bonito!

Não, Rhys certamente não tinha nada "bonito". A palavra não chegava nem perto de defini-lo. Ele era perfeito. Tudo nele a encantava: a forma como ria, o fato de fazê-la se sentir especial, o jeito com

que a protegia e cuidava...

Ela fechou os olhos, ouvindo o ruído relaxante da água caindo na banheira.

O mais interessante era que Rhys demonstrava saber que estava reprimindo sentimentos e lembranças. Ele próprio não sabia do que se tratava, mas ficara pouco confortável quando indagado. Talvez estivesse perto de lembrar. Então, precisaria dela para ajudá-lo a lidar com as emoções. Ao menos, era o que Jane esperava.

A diferença era que, agora, ela sabia verdade. Não podia partir. Era tarde demais.

Com um suspiro profundo, ela fechou os olhos e imaginou Rhys do seu lado. Ele tinha habilidade de fazê-la acreditar que poderiam ficar juntos para sempre. Estavam destinados um ao outro. E ela queria acreditar. Queria Rhys desde o momento em que o vira naquele bar.

— O banho está pronto — Rhys apontou a cabeça pela porta com um sorriso sugestivo.

Jane se levantou, rezando em segredo para que eles realmente estivessem destinados um ao outro.

Rhys observou com antecipação quando Jane caminhou na direção dele, a expressão numa combinação de excitação e timidez.

— Como é possível que você ainda tenha vergonha de mim? — Ele riu e foi ao encontro dela.

Jane corou, e o tom rubro da pele o fez lembrar de pétalas de rosas ao sol do entardecer. Ele franziu a testa. Como sabia sobre pétalas de rosa ao sol? Quando fora última vez que vira o pôr do sol ou admirara pétalas de rosa?

Ele fechou os olhos brevemente. Não tinha motivo para pensar naquilo quando Jane estava ali, bem à sua frente.

Aproximou-se e capturou a boca, obrigando-se a afastar tudo, exceto a presença dela. Concentrou-se no gosto doce do beijo e no calor da língua contra dele. O cheiro adorável da pele viçosa o envolveu e acalantou, protegendo-o de tudo que ele não queria pensar. Jane o fazia se sentir seguro, e Rhys desejou ardentemente ter o poder de proporcionar a ela mesma sensação.

Jane o envolveu pelo pescoço. O desejo e a sensação de segurança intensos pareciam tão tangíveis quanto os braços calorosos que o enlaçavam.

— A idéia é tomarmos um banho — ele disse com voz rouca, enquanto os olhos traduziam o convite para todo tipo de prazeres.

Jane riu. Adorava aqueles beijos, tanto quanto adorava as mãos passeando pelo seu corpo.

Ele sorriu, como se soubesse o que passava pela cabeça dela, e levou-a para o banheiro. A água exalava o vapor perfumado dos sais de banho. Toalhas limpas esperavam na elegante cadeira, assim como dois roupões.

Jane avaliou o espaço, ponderando se seria suficiente para dois, a menos que Rhys não tivesse intenção de se juntar a ela.

Deixe-me banhá-la, Jane. As palavras soaram claramente na cabeça de Jane. Era como se Rhys tivesse sussurrado em seus ouvidos.

Ela desviou a atenção da água para ele. Rhys estava imóvel, observando-a, como se esperasse pela resposta.

Jane assentiu, incapaz de falar. Como era possível que ele soubesse dos seus medos e desejos sem que ela dissesse uma palavra? Havia algo infinitamente excitante nisso, mesmo que fosse apenas sua imaginação.

Rhys despiu-lhe o suéter, e quando o suspendeu pelos ombros, Jane não conseguiu mais pensar.

Dias quentes de verão, céu azul...

Mais uma vez, a voz rouca de Rhys ecoou em seus ouvidos e fez a pele arrepiar.

E, mais uma vez, ele a fitava em silêncio.

— Adoro isso — ele sussurrou, tocando a renda alva do sutiã. — Parece o céu encoberto de nuvens brancas.

As mãos moldaram os seios, numa carícia provocante, antes de se afastarem para abrir o fecho do sutiã. A boca retornou à dela enquanto ele despia a peça.

— A água está esfriando — Rhys murmurou contra os lábios dela.

Jane não se importava com água. Só queria que ele continuasse a tocá-la.

— Continuarei a tocá-la, querida — prometeu, respondendo à pergunta que ela não pronunciara em voz alta.

Então, as mãos correram pelo corpo de Jane, deixando um rastro de calor por onde passavam. Rhys desceu a calcinha até os tornozelos, e os dedos roçaram a penugem da intimidade, provocando um arrepio em Jane.

Ela entrou na banheira e foi envolvida pelo delicioso calor da água. Rhys a seguiu, parando diante dela.

Sem conseguir evitar, ela acariciou com o olhar o rosto bonito, os músculos do torso e a ereção massiva. Aquele homem era como um deus emergindo do oceano.

Ela pestanejou, e o olhar o voltou para o rosto. Rhys a observava com expressão faminta. Apanhou a esponja na beirada da banheira e a embebeu com musse de banho.

Inclinou-se e massageou os ombros de Jane delicadamente, descendo para os braços e seios.

— Você gosta? — ele sussurrou, enquanto repetia a deliciosa tortura, detendo-se nos bicos dos seios.

— Sim. Oh, sim.

Ela estremeceu e fechou os olhos com um suspiro enlevado. Queria as mãos dele por todo o corpo, para acalmar a febre que a queimava.

Abra os olhos, Jane. Olhe para mim. Veja como te amo.

Jane obedeceu à voz que se materializou em sua mente, dessa vez, sem se espantar.

Observou quando Rhys se abaixou para recolher um pouco de água com as mãos em concha e despejar sobre seus seios, expondo os mamilos eretos.

Lindo como as gotas de chuva numa framboesa madura.

Ela sorriu, enlevada com o elogio. A língua circulou o bico do seio e as pernas não puderam mais sustentá-la. Os braços dele a envolveram, puxando-a para perto.

— Acho melhor nos sentarmos.

Rhys abaixou-se primeiro e fez com que ela se posicionasse de costas entre suas pernas. O movimento provocou ondas na água e a banheira transbordou, espalhando a fina espuma perfumada sobre o mármore do chão.

Mas a atenção de Jane foi atraída para as mãos deslizando sobre seus seios, massageando-os em círculos suaves e provocantes.

— Como isso é bom... — ele gemeu, e dessa vez, Jane soube que as palavras eram concretas.

Ela gemeu e inclinou a cabeça contra o peito sólido, enquanto as mãos continuavam as carícias enlouquecedoras. Então, uma das mãos deixou o seio para deslizar pelo ventre.

Abra os olhos, Jane. Quero que veja enquanto eu a toco.

Ela abaixou o rosto no mesmo instante, quase incapaz de focalizar qualquer coisa além das mãos e da voz, como melodia em sua mente. Pestanejou quando os dedos tocaram o ponto mais sensível de sua feminilidade. Ele passeou os polegares sobre os pelos encaracolados, numa lenta tortura, antes de encontrar o botão intumescido e sensível.

Tenha paciência, Jane.

— Não consigo — ela gemeu, enlevada. — Por favor, toque-me.

A risada prazerosa preencheu o ambiente, tão estimulante para ela quanto qualquer coisa que viesse

de Rhys.

No entanto, ele protelou o momento, dedicando-se à parte interna das coxas, provocando-a com toques rápidos e suaves.

Incapaz de suportar a urgência, Jane conduziu a mão até o lugar em que desejava ser tocada. Rhys estimulou-a com movimentos circulares e aumentou o ritmo quando pressentiu o clímax que estremeceu Jane em ondas violentas.

Quero que fique comigo para sempre.

— Sim...

Ela também o queria por toda eternidade.

Rhys serviu-se de outra dose de uísque. Era um covarde! Estava sentado ali, na biblioteca, enquanto Jane ainda usufruía o banho. Lembrou-se da pele rosada pela exposição à água quente, do corpo pronto para ele, e uma dolorosa sensação na virilha o incomodou.

Jane lhe dera exatamente o que ele queria. Abrira-se para ele. Compartilhara intimidade que jamais poderia ter com outra mulher.

Mas, depois que Jane chegou ao clímax, fugiu sem que ela percebesse a intenção de escapar, aconselhando-a usufruir o banho com a desculpa de voltar logo com alguma coisa para comer.

Assim que se viu sozinho, Rhys deu vazão à angústia que o sufocava.

O que acontecia entre ele e Jane estava muito além da atração física. Ele podia ler os pensamentos dela. Como era possível?

— O que está fazendo aqui? — Sebastian perguntou ao entrar na sala.

Antes de Rhys responder, ele seguiu para o bar e pegou um copo para sentar-se perto do irmão.

— Suponho que não lhe ocorreu perguntar se eu quero companhia.

— *Moi?* — Sebastian indicou o próprio peito com sotaque francês afetado. — É

claro que você quer minha companhia. Todos querem minha companhia!

Rhys grunhiu alguma coisa incompreensível e observou o irmão apanhar o decantador para servir-se de uísque.

— Você está de volta?

— De volta? — Rhys franziu a testa. — Onde eu estava?

— Diga-me você.

Rhys segurou o copo com mais força do que necessário.

— Sebastian, às vezes, você me deixa louco!

O irmão caçula ergueu as sobrancelhas com a mais pura expressão de inocência.

Os dois tomaram os drinques em silêncio até que Rhys perguntou:

— Você acredita em fantasmas?

Sebastian tomou um gole de uísque, reflexivo.

— Por que está perguntando?

Rhys balançou a cabeça. Não queria compartilhar os estranhos acontecimentos das últimas horas com o irmão. Sebastian poderia pensar que ele estava louco, e não havia nada pior do que alguém tão frívolo quanto seu irmão mais novo pensar que ele perdera o juízo.

— Você não pode me fazer uma pergunta como essa sem me explicar o motivo.

Rhys balançou a cabeça em concordância. Talvez estivesse louco mesmo.

— Jane tem sentido uma presença no quarto dela. Achei que estava só tendo pesadelos vívidos, até a última vez. — Ele hesitou. — Eu também senti alguma coisa no quarto dela.

Sebastian se ajeitou na cadeira, e os joelhos esbarraram na mesa de centro. Mas ele pareceu não notar.

— Você também sentiu?

— Sim. E... — Como contar a Sebastian? — Eu também senti o medo de Jane.

Sebastian não demonstrou ficar particularmente chocado. Ao contrário, a reação tranqüila evidenciava que já esperava algo do tipo.

— Isso não é possível — Rhys afirmou, como se a determinação pudesse convencer Sebastian.

— Se aconteceu, significa que é possível.

— Não.

Rhys não queria ouvir. Esperava que Sebastian confirmasse que era impossível, que tudo não passava de uma ilusão. E como explicar o que acontecera na banheira?

Não, ele não ouvira os pensamentos de Jane. Fora somente uma estranha coincidência.

— Talvez você seja fora do comum — Sebastian sugeriu em tom casual. — Pode ser que tenha algum tipo de dom, Rhys. Há pessoas que são capazes de pressentir presenças e possuem dons telepáticos.

— Não. Isso não existe. Nunca experimentei nada assim antes. Por que agora?

— Talvez você já tenha experimentado antes, mas não se lembra.

— Não — a resposta foi categórica.

— Bem, se você não quer acreditar, não sou eu quem vai convencê-lo. —

Sebastian ergueu os ombros. — Como era presença que você sentiu?

— A presença... — Rhys não queria pensar a respeito. Arrependeu-se por ter tocado no assunto. — Era como um cheiro no ar, quase palpável.

— Entendo. — Sebastian assentiu sem a menor surpresa. — E você percebeu alguma intenção de fazer mal a você ou a Jane?

— Estava ao redor de Jane.

— E você a salvou. — Daquela vez, Sebastian pensou, preocupado. — Rhys, sei que você não quer, mas terá de prestar atenção nesses sinais.

— Por quê?

Sebastian tomou o último gole e colocou o copo vazio sobre a mesa.

— Infelizmente, você é a única pessoa que sabe.

Rhys observou quando Sebastian saiu da sala. Ele sabia. Por Deus, daria tudo para não saber!

Jane apoiou a cabeça na beirada da banheira, imersa no calor da água e do seu novo conhecimento. Ficou quase aliviada quando Rhys a deixou a sós. A noção de que ela estava perdidamente apaixonada por ele era assustadora. Precisava de um momento sozinha para digerir a descoberta.

No fundo, sabia que não era nenhuma surpresa. Havia se apaixonado no momento em que Rhys salvara sua vida. Talvez até antes. O amor por ele parecia ser a coisa mais natural do mundo.

Não poderia haver razão mais plausível para ela ficar, que era exatamente o que queria fazer. Era também a única explicação por se sentir tão conectada ele.

Ela nunca havia usado a palavra "amor". Porém, não podia mais fingir que não sabia. O sentimento transpirava por todos os poros e impregnava o ar. Era como a água que cobria seu corpo, virtualmente invisível, mas absolutamente concreta.

Ela se levantou e entrou no boxe para se enxaguar na ducha, deixando que a água escorresse pelo

corpo. Subitamente, não se sentiu mais insegura ou receosa. Tinha certeza dos seus sentimentos por Rhys. Não havia explicação lógica daquela vez, *em* oposição às outras em que Rhys fizera amor com ela. Sentia-se unida ele como se fosse um só corpo. Nas outras vezes, sentira satisfação, tanta que parecia impossível chegar àquele nível de prazer.

Mas agora... Era como se pudesse ler os pensamentos dele. Conseguira sentir o mesmo que ele.

Jane se enrolou na toalha e saiu do boxe. Solto *o* pino da banheira e ficou observando o rodamoinho enquanto a água escoava.

Ao entrar no quarto vazio, ponderou se deveria procurar Rhys. Então, teve uma idéia melhor.

Ela correu para o quarto dela e procurou o colar que Rhys lhe dera na noite de Natal. Colocou-o e tocou a pedra central que a lembrava os olhos incomuns de Rhys. O

pingente repousou entre seus seios.

Excitada, ela voltou para o quarto dele, sentou-se na cama e esperou.

Rhys saiu da biblioteca consciente do que tinha de fazer, mesmo que não entendesse completamente o motivo. Ainda não conseguia pensar com clareza. Percebia que havia algo estranho, sem que conseguisse discriminar claramente o que era, como uma estação de rádio fora de sintonia. Sabia apenas que tinha de conversar com Jane.

Ele encontrou a porta do quarto aberta. O interior estava escuro mas não precisou de luz para saber que Jane estava lá. Podia sentir o perfume floral quente e doce permeando o ar.

Fechou os olhos, permitindo que os sentidos captassem o ambiente. Ele era Rhys Young, o quinto Visconde de Rothmere. Ele era...

Rhys hesitou por um segundo e abriu os olhos. Avistou a silhueta de Jane, sentada na cama. Ela se levantou quando entrou. O corpo esbelto, perfeito, estava envolvido numa toalha. Os cabelos, ainda molhados do banho, caíam levemente, sobre os ombros.

— Olá. Você se esqueceu da comida,

Rhys olhou para as mãos. Somente então lembrou-se de que saíra para apanhar alguma coisa para comer.

Jane deu um passo na direção dele, com os pés afundando no carpete felpudo.

— Não faz mal. Eu não estava com fome.

Ele fechou os olhos novamente. Estava faminto. Quando os abriu, Jane estava tão perto que podia sentir a respiração quente. Perscrutou os olhos brilhantes e a boca carnuda, e o olhar pausou na pele alva dos ombros e do pescoço.

— Adorei o banho — ela disse, com um brilho de malícia no olhar. — Quero fazê-lo sentir o mesmo que eu.

Os dedos delicados abriram os botões da camisa com vagar. Rhys fechou os olhos quando sentiu as palmas macias sobre o peito. Soltou um suspiro abafado quando os dedos provocaram os mamilos da mesma forma que ele fizera.

As mãos continuaram a acariciá-lo, desenhando os músculos dos ombros enquanto despiam a camisa.

Jane percorreu os braços e contornou o relevo de cada músculo. Por uma fração de segundo, ele pensou em detê-la. Precisava lhe dizer que...

Não conseguiu mais pensar no que queria dizer quando ela abriu o zíper da calça.

Desceu-a com vagar, libertando o membro ereto.

Ela se ajoelhou para acabar de despi-lo, e mesmo quando Rhys ficou completamente nu, permaneceu de joelhos diante dele. Como em câmera lenta, tocou a ereção com dedos delicados e macios, explorando o músculo sensível quase com reverência.

— Você é suave e firme ao mesmo tempo.

Rhys gemeu quando ela o tocou novamente, moldando o membro com as mãos.

— E você é quente...

Os dedos encontraram a parte mais sensível e a percorreram em círculos lentos, numa exploração quase inocente. Os lábios úmidos substituíram os dedos, com beijos que o levaram a loucura.

Jane explorou a masculinidade poderosa com a ponta da língua, em carícias provocantes, antes de sugar com volúpia.

Rhys gemeu, lutando para manter o controle enquanto ela o devorava. Não conseguia pensar em mais nada. A sensação devastadora dos lábios e língua envolvendo-o por completo o destituiu da capacidade de raciocinar.

O membro vigoroso pulsou contra a língua, envolvido pelo calor e umidade da boca sedenta. Ele agarrou os cabelos de Jane, acompanhando o movimento sensual e primitivo das carícias.

De súbito, um facho luminoso cresceu dentro dele uma espiral vertiginosa. A luz que Jane lhe dava banhou os recantos mais sombrios de sua alma, assegurando-lhe de que tudo ficaria bem.

Os músculos de Rhys se tensionaram, e ele estava perto do clímax quando interrompeu o contato, segurando Jane para suspendê-la.

— Jane, quero estar dentro de você — exigiu com voz rouca.

Ela soltou a toalha e deixou que caísse a seus pés. A pele acetinada reluziu como pérolas na luz tênue do quarto. Rhys a devorou como o olhar e foi atraído pela jóia brilhando entre os seios perfeitos. A gema de topázio e minúsculos diamantes se destacavam no vale sedutor.

— Coloquei para você, porque sou a única pessoa destinada a usá-lo — ela sussurrou. — Foi o que você disse.

Rhys procurou os olhos dela. Um sorriso tímido brincava nos lábios rosados, mas havia coragem e certeza nos olhos verdes.

Ele se adiantou e a suspendeu pelo quadril, fazendo com que o enlaçasse com as pernas. O contato íntimo das anatomias provocou um gemido gutural em Jane. Quase com violência, Rhys a penetrou com estocadas profundas, desesperadas, beijando o pescoço delgado com volúpia cega.

O desejo, o colar, a entrega... Tudo. intensificou a fome voraz que o ofuscou, deixando-o incapaz de controlar a urgência de ter aquela mulher.

Quando deu por si, seus caninos penetravam a pele delicada do pescoço, rasgando a carne tenra e quente.

Jane gritou, num êxtase devastador. E ele bebeu o elixir da vida, o prazer e o amor que aquela mulher tinha para lhe dar.

Os músculos intumescidos pulsaram ao redor do membro poderoso. Os dois se moveram num ritmo frenético e atingiram juntos o clímax.

Ofegante, Rhys a abraçou com força e a levou para cama. Os dois caíram sobre os lençóis sem interromper o contato. Os músculos internos de Jane ainda pulsavam ao redor do membro ereto.

E foi então que Rhys sentiu. Passou a língua pelos lábios, e a boca foi inundada pela doçura do sangue de Jane.

Deitada sob o corpo dele, Jane abriu os olhos e arqueou a coluna do pescoço.

— Eu te amo, Rhys. Eu te amo...

O que ele havia feito?

Rhys encarou Jane. Ela dormia, mas não era um sono comum. A palidez da pele se camuflava entre a alvura dos lençóis e os cabelos encobriam o rosto como uma cortina sedosa. Ela parecia frágil e doente. E ele era o responsável.

O olhar pousou nas duas marcas simétricas na lateral do pescoço. Os orifícios ainda mostravam vestígios de sangue. O tom escarlate contrastava violentamente com a pele branca.

Ele se levantou de um pulo, como se não pudesse ficar nem mais um segundo perto dela. No entanto, as duas marcas vivas pareciam hipnotizá-lo.

Isso é o que você é. E o que você faz. Como pode acreditar que mudaria seu destino?

Paralisado, Rhys contemplou Jane por um longo momento antes de cobri-la com a manta. Mesmo querendo sair dali, ele não conseguiu. Os olhos fixavam as marcas como se fossem a prova de um crime.

Aproximou-se para beijar o ferimento, o que faria com que se curasse instantaneamente. Porém, ele parou. Talvez fosse melhor deixar que Jane visse o que ele de fato era. Ela tinha de saber o risco que estava correndo, mesmo que não compreendesse.

Rhys se afastou, caminhando de costas na direção da porta. Ela jamais compreenderia! Uma dor profunda oprimiu seu coração. O rosto doce, os lábios generosos... Como pudera ter feito tamanho mal a Jane?

Tinha de sair dali. Precisava pensar.

Vestiu-se e saiu do quarto. Quando chegou à sala de estar, caiu sobre os joelhos, incapaz de encontrar forças para caminhar até a poltrona.

Um pranto selvagem sacudiu seu corpo, e o sal das lágrimas se misturou com o mel do sangue de Jane.

Ele era um monstro!

Rhys deu vazão ao pranto dolorido e se levantou, obrigando-se a reagir. O copo e o decantador de uísque estavam no mesmo lugar em que ele havia deixado. Serviu-se de uma dose generosa e bebeu num só trago. O líquido queimou a língua e a garganta, mas não removeu o sabor adocicado de Jane.

Ele caiu pesadamente sobre a poltrona e perdeu o olhar nas cinzas da lareira.

Como pudera ser tão tolo? Fora estúpido e ingênuo por acreditar que poderia mudar o passado. Era impossível voltar a ser o homem que ele fora. Dois séculos de existência não foram suficientes para lhe ensinar que não havia volta?

Ele encheu o copo, dessa vez, tomando somente um longo gole antes de colocá-lo sobre a mesa.

O homem no beco... Christian! A morte de Lilah.

De repente, tudo ficou claro, como uma cortina que se desvendasse para mostrar cenas de horror. Em meio ao choque e ao terror, ele compreendeu por que queria esquecer.

Mas, acima do terror, uma dor lancinante rasgava seu peito. O punhal pontiagudo da culpa se cravou em seu coração.

Como pudera deixar que Jane se envolvesse em sua loucura?

Rhys apoiou a cabeça no espaldar da poltrona e fechou os olhos.

Jane. Sim, ele a deixara no hotel naquela noite. Sabia que tinha de se afastar.

Mesmo assim, no momento em que ela entrou naquele bar, desejara-a mais do que tudo.

Como ela havia voltado? Ainda não conseguia se lembrar. E por que havia ficado no apartamento? Quem o encontrara depois do ataque de Christian?

Rhys endireitou a coluna e abriu os olhos. Sebastian, é claro!

Capítulo X

Rhys não teve dificuldade em encontrar o irmão mais novo. Agora, que sua memória estava completamente restaurada, sabia que tipo de clube Sebastian e ele possuíam. Estava longe de ser o ambiente recatado para cavalheiros da era vitoriana.

Encontrou Sebastian na pista de dança do Carfax Abbey, rodeado por vampiros e aspirantes a vampiro. Simplesmente parou diante dele, até que o irmão pressentiu sua presença.

— Rhys! — Sebastian espichou o pescoço e estreitou os olhos para se ajustar à luz de néon avermelhada. — O que está fazendo aqui? Você já... já...

— Sim. Estou de volta. Temos de conversar.

Sebastian assentiu e virou sobre o ombro para avisar as mortais e imortais que ele tinha de sair. Diversas mulheres gemeram de desapontamento.

No entanto, ele não perdeu tempo em consolá-las. Seguiu Rhys para a porta que levava ao corredor interno. Quando entraram no elevador, a caminho do andar do apartamento, Rhys finalmente o encarou.

— Há alguma razão plausível para você ter decidido não me contar que eu estava agindo como o maior idiota do planeta?

— Eu não diria idiota... Embora pedir que o cocheiro aprontasse a carruagem tenha sido um tanto aborrecido.

— Por que você não me impediu? Por que não me obrigou a ouvir a verdade?

— Você não teria ouvido. Queria esquecer, e achei melhor não forçar.

Rhys abriu a porta gradeada quando o elevador parou. Empurrou-a com mais força do que necessário, e o som metálico ecoou no corredor.

— Por quê? — insistiu enquanto caminhava, mal conseguindo conter a irritação. —

Por que, quando a verdade surgiria de uma forma ou de outra?

— Por que você queria Jane.

Rhys estacou de repente.

— O quê?

— Sim, é isso mesmo que você ouviu. É por isso que reprimiu o que você é. Se tivesse consciência da sua condição, não se permitiria ficar com Jane.

Rhys abriu a boca para dizer alguma coisa, mas mudou de ideia. Sebastian não era particularmente sensível. Em geral, era autocentrado demais para isso. Mesmo assim, havia captado seus anseios mais profundos.

No entanto, a constatação de que seu irmão mais novo era algo mais do que um hedonista narcísico não o deixou feliz.

— Então, você a convenceu a ficar?

Sebastian confirmou com um sorriso divertido no rosto.

— Esse sou eu! Sempre pronto a ajudar. E o que você disse a ela?

— Bem, tive de usar um pequeno artifício. Conteí que o médico da família aconselhou a supervisionar você o tempo todo, e que eu estava ocupado demais com a boate.

— E ela se ofereceu espontaneamente?

— Não foi bem assim...

— O que você fez, Sebastian? Usou outra mentira?

— Digamos que se aproximou mais de uma chantagem — ele admitiu com um sorriso conciliador. — Lembrei Jane que você havia salvado a vida dela. Acho que só isso teria bastado, mas reforcei meu argumento oferecendo-lhe dinheiro.

Dinheiro? Rhys nunca havia pensado em Jane como uma mulher oportunista.

— É claro, ela não aceitou — Sebastian o tranquilizou.

— Jane alegou que se sentiria vulgar se pegasse o dinheiro. — Ele balançou a cabeça, ainda espantado com a integridade de Jane. — Vocês dois realmente foram feitos um para outro.

Rhys ignorou o último comentário.

— Por que ela ficou, afinal?

— Por você. — Sebastian fez uma careta com expressão abobalhada. — Bem, e eu ofereci um

trabalho legítimo na boate, como nossa administradora. Mas ela só aceitou porque está desesperada por um emprego, e era exatamente o que eu contava.

Jane, trabalhar na boate? De jeito nenhum! Rhys agarrou a lapela do casaco de Sebastian e o empurrou contra a parede.

— Vou entender como um não — Sebastian disse, com respiração ofegante.

— Você tem alguma idéia do que fez? Do que eu fiz?

Sebastian balançou a cabeça com veemência e se desvencilhou das mãos.

— Sim. Dei-lhe a chance de estar com a mulher que você ama, porque você não podia fazer isso por si. E é assim que me agradece? — Ele apontou para a gola amassada do casaco e ergueu a sobrancelha.

— Eu não amo Jane.

— E eu acredito em Papai Noel — Sebastian retrucou com ironia.

Rhys bufou e passou a mão pelos cabelos, irritado.

— Quantos anos você tem?

— Duzentos e oito, e ainda jovem.

— Eu desisto! — ele gemeu, seguindo para o apartamento. Ao entrar, foi direto para a biblioteca e apanhou o decantador de uísque, mesmo consciente de que não encontraria nenhuma resposta na bebida. Além disso, já sabia o que fazer. Porém, tinha de se acalmar antes de conversar com Jane. Naquele momento, ela precisava descansar e se recuperar do que ele fizera.

Para seu desgosto, Sebastian o seguiu.

— Ouça, eu fiz o que achei ser certo. E, se quiser saber, eu não me arrependi!

Rhys apanhou o copo e foi para perto da janela, de costas para o irmão. Com um suspiro, contemplou as luzes da cidade. De alguma forma, pareciam mais atraentes quando achava que estava em Londres. Ou talvez simplesmente fossem mais bonitas através dos olhos de Jane.

— Eu gostava mais de você quando estava com amnésia — Sebastian disse com um suspiro de desgosto.

Eu também, Rhys pensou, ainda sem se voltar.

— Aquele homem não existe, Sebastian.

— É claro que existe, ou jamais teria aparecido. Claro, seu amor por Jane o deixou bem mais feliz.

Você deve estar cansado de cuidar da família. Para ser honesto, eu estava cansado da sua atitude superprotetora. Mas seu comportamento nos últimos dias era o do antigo Rhys,

O olhar cáustico que Sebastian recebeu o fez acrescentar:

— Ou quase... Mas você tem de admitir que está muito mais feliz do que nunca.

Jane. Ambos sabiam que ela era responsável pela felicidade de Rhys.

— Você me encontrou no beco? — ele indagou, mudando de assunto.

— Sim. Você tinha sido atacado por um vampiro, a julgar pelas mordidas no pescoço.

Definitivamente, ele fora atacado por um vampiro, Rhys concordou em silêncio.

— E Jane estava lá?

— Sim. Estava inconsciente, e o cheiro de algum produto químico disfarçou a identidade do vampiro.

— Eu não tenho dúvida disso — Rhys afirmou com a voz desprovida de emoção.

Como deveria se sentir por saber que o próprio irmão tentara matá-lo?

— Você se lembra do ataque?

— Sim.

— Foi um ataque aleatório de um vampiro decadente? Rhys riu sem humor.

— Não. Posso lhe assegurar que não foi aleatório.

— Quem foi?

Rhys se afastou da janela, sentindo necessidade de se movimentar. Passeou de um lado para outro e parou diante da lareira. Desejou que o fogo estivesse aceso, pois estava com frio e um imenso vazio o atormentava.

— Quem, Rhys?

Ele olhou para o copo, buscando forças para falar.

— Christian.

Um pesado silêncio preencheu a sala pelo que pareceu uma eternidade, antes de Sebastian caminhar para perto dele.

— Christian? Você tem certeza?

— Absoluta. — Rhys riu mais uma vez, e o som soou como um gemido. — Tenho certeza absoluta.

— Por quê? Como? Christian não tem mais poderes do que você.

— Você ficaria surpreso com o que a raiva pode fazer.

— Mas por que agora?

Rhys não se importou em dizer em voz alta. Havia esperado muito tempo para ser capaz de pronunciar as palavras.

— Lilah está morta. Ela saiu para a luz do sol.

Os olhos de Sebastian se arregalaram com espanto. Lentamente, os lábios se curvaram num sorriso que traduzia alívio e regozijo.

— É mesmo? Aquela desqualificada finalmente se foi?

— Já era tempo — Rhys disse por entres os dentes. — Christian foi me contar antes de acabar com a minha vida.

— Eu nunca teria pensado em Christian. Investiguei com os freqüentadores do clube se alguém sabia de algum vampiro infame andando pelas ruas ou sobre outros ataques desse tipo. Isso explica porque ninguém tinha ouvido falar nada.

Rhys avaliou o irmão. Mesmo tendo uma forma peculiar de mostrar preocupação, Sebastian se importava. Apesar de aborrecido com a confusão que ele criara e com os comentários infantis, sentiu-se imensamente grato.

— O que faremos agora?

— *Nós* não faremos nada. Se Christian vier me procurar, lutarei com ele. Jane tem de ir embora.

— Por quê?

— Pela própria segurança dela. Christian tem se aproximado de Jane. Ela descreve como pesadelos, mas agora, sei que não se trata de nenhum sonho. Aliás, é bem real.

— Ela não ficaria mais segura aqui? Nós podemos protegê-la.

E quem protegeria Jane dele próprio?, Rhys pensou.

— Não. Ela ficará mais segura se cortar qualquer tipo de laço conosco.

Sebastian balançou a cabeça com força.

— Ela te ama, Rhys. Você está preparado para quebrar o coração dela?

— Um coração quebrado pode se curar — ele respondeu com o peito apertado.

— Rhys...

— Tem de ser feito, Sebastian. Jane não está a salvo. Ela tem de partir.

Sebastian assentiu, embora Rhys soubesse que ele não concordava. Parou a caminho da porta com a mão na maçaneta e olhou para trás.

— Você está mandando embora a melhor coisa que já lhe aconteceu..

Rhys não respondeu, e Sebastian balançou a cabeça com evidente desaprovação.

Bateu a porta ao sair, evidenciando a irritação.

Rhys fixou a porta fechada e voltou para a janela. O sol começava a se tingir do azul vibrante costumeiro ao amanhecer. Dentro de algumas horas, ele teria de voltar para a cama e se esconder da luz do dia e da vida.

Jane não merecia viver como ele. Estivera rodeada pela morte por muito tempo.

Ela merecia viver e amar.

O peito se apertou novamente ante o pensamento de outro homem abraçando-a, fazendo amor com ela.

Ele tomou um gole do uísque e repousou a testa no vidro da janela. Tinha de deixá-la ir, pelo bem de Jane. Não podia sequer imaginar o que Christian seria capaz de fazer com ela. Pior, não queria pensar no que *ele* poderia fazer... ou que já havia feito.

Jane tinha de ir embora, mesmo que Sebastian estivesse certo. Melhor dizendo, porque Sebastian estava certo. Tinha de deixá-la ir porque a amava.

Jane sentou-se de um pulo e pestanejou. Estava na cama de Rhys, embora ele não estivesse do seu lado. Olhou para o relógio digital. Três horas e quarenta e cinco minutos da tarde. Ela havia dormido quase o dia todo. Espreguiçou-se, e teve de admitir que o sono lhe fizera muito bem. Sentia-se ótima. O corpo todo vibrava com uma energia revigorante. Era como se pudesse pular e correr quilômetros sem parar. Ou, ainda melhor, como se pudesse fazer amor com Rhys por toda a eternidade.

Ela se levantou e percebeu que estava nua. Procurou alguma peça para se vestir e encontrou a toalha que havia usado na noite anterior. Enrolou-a ao redor do busto e foi para o quarto dela. Depois de se vestir, procuraria por Rhys.

Intrigada, refletiu que ele nunca se levantava antes dela, mas nunca havia notado se ia para a cama primeiro. Ela própria começara a dormir profundamente durante o dia.

Os hábitos de Rhys a tinham contaminado, pensou com um sorriso.

Talvez estivesse dormindo tanto por ficar esgotada depois de fazer amor. Rhys era incrível. Não era necessário ter experiência sexual para saber que ele lhe proporcionava o que nenhum outro amante poderia. Era ótimo na cama, embora ela soubesse que o fato de amá-lo fazia toda a diferença.

Jane procurou por roupas limpas. Devia ter desfeito a mala e guardado as peças no armário, decidiu ao suspender no ar a pantalone amassada. Não adiantava mais continuar se enganando. Não pretendia ir embora.

Decidia, ela passou a arrumar as roupas limpas nas gavetas do armário. Enquanto trabalhava, imaginou onde estaria Rhys. Ele não ficava fora da cama durante o dia desde que ela chegara. Uma sensação desconfortável a assaltou. E se ele tivesse saído? O sol estava alto no céu, e os raios poderiam ferir a pele sensível.

Ela prendeu a respiração, atenta. Não. Embora não soubesse dizer o motivo, sabia que Rhys estava no apartamento. A presença dele era evidente.

Ela abriu a gaveta e guardou as roupas íntimas. Escolheu as peças que usaria naquela noite e foi para o banheiro.

Abriu o chuveiro com pensamento voltado em Rhys. Enquanto se vestia e aplicava uma ligeira maquiagem, olhou seu reflexo no espelho. Sua aparência estava ótima.

Escolhera um top colado no busto, deixando à mostra a curva dos seios. A cor, verde-escuro, ressaltava a tonalidade dos olhos. Aprovou também a calça jeans de cintura baixa que valorizava a curva do quadril. Não havia levado sandália para o banheiro e decidiu que ficaria descalça. Ademais, vestira-se somente para Rhys, e não para sair de casa.

Ela suspendeu os cabelos para prendê-los com uma fivela. Ao abaixar as mãos, tocou a gargantilha que ainda usava. Afastou-se com um sorriso para admirar o reflexo da pedra no espelho.

— Ai... — ela gemeu, com uma dor pontiaguda no pescoço.

Jane afastou a corrente da gargantilha e se inclinou para examinar o ponto dolorido.

Duas marcas avermelhadas, perfeitamente simétricas, marcavam a base do pescoço. Ela virou a cabeça para ver melhor. O espelho, embaçado pelo vapor do banheiro, atrapalhou a visão. Seu reflexo ainda estava embaçado.

Ela limpou a superfície espelhada com as costas das mãos e se aproximou ainda mais. Pareciam similares às marcas que ela notara no seio, com a diferença de que não estavam curadas.

Jane procurou o antisséptico e uma bandagem na frasqueira. Desinfetou o ferimento e cobriu-o da melhor forma possível. O curativo arruinou o efeito sensual que ela pretendia, mas era melhor do que deixar as marcas vermelhas à mostra.

Ela voltou a olhar para o espelho. Por que não conseguia ver sua imagem com nitidez?

Jane balançou a cabeça, decidindo que tinha assuntos mais importantes com que se preocupar, e saiu para encontrar Rhys.

Instintivamente, ela foi para a biblioteca. Sabia que ele estava lá, e abriu a porta para confirmar. Estavam tão sintonizados que ela conseguia sentir a presença de Rhys onde quer que estivesse. Não se tratava apenas de intuição. Ela sabia que aquele era o aposento favorito dele.

Jane pestanejou ao abrir a porta e se deparar com a escuridão. Mesmo à noite, as luzes da cidade atravessavam o vidro espesso e iluminavam a sala.

Quando seus olhos se ajustaram à penumbra, ela percebeu que cortinas pesadas cobriam as janelas. Nunca as notara antes.

Ela entrou com a mão estendida ao longo da parede, procurando o interruptor.

Antes que pudesse encontrá-lo, a luz do abajur iluminou o aposento.

— Rhys! — ela gritou, sobressaltada. — Você me assustou.

Sentado na poltrona, ele não moveu um só músculo quando viu Jane. Ela reparou nas roupas amassadas e nos olhos marcados por olheiras profundas, e ponderou que ele não havia dormido.

— Você ficou acordado a noite toda?

— Dia — ele corrigiu.

Jane sentou-se na poltrona diante dele e pousou as mãos sobre os joelhos. Por alguma razão, o contato provocou desconforto em Rhys.

— Está se sentindo bem? — Preocupada, ela avaliou a apatia nos olhos dele.

— Jane...

A entonação ao dizer seu nome a deixou em alerta.

— Você recuperou a memória...

Não era uma pergunta, e sim, a certeza absoluta. Ele assentiu, e nenhum dos dois se mostrou satisfeito.

— Sim, na noite passada.

— E você está bem?

Rhys ergueu os ombros como se não importasse.

— Eu estou como sempre fui — declarou, mesmo sem saber qual era o significado das palavras.

— Você ficou deprimido por descobrir que Elizabeth está morta?

— Como você sabe sobre Elizabeth? — A pergunta denunciou irritação. —

Sebastian?

Ela assentiu, olhando para o peito largo; incapaz de encará-lo.

— Pelo que vejo, meu irmão tem se mantido muito ocupado...

— Ele só estava tentando protegê-lo — Jane cedeu à urgência de defender Sebastian. — Contou-me sobre Elizabeth e Christian para me ajudar a compreender o que estava acontecendo com você.

— E você compreendeu?

Ela inclinou a cabeça, com o coração doído pela frieza de Rhys.

— É claro que sim. A perda é algo terrível de se enfrentar, e eu sei muito bem do que estou falando. Sei também o quanto você ama sua família e como se sente responsável por eles. Ninguém pode culpá-lo por querer se esquecer.

Rhys a estudou com expressão impenetrável.

— Não me faça parecer tão nobre — declarou com amargura.

Jane se levantou e sentou-se no braço do sofá para ficar mais perto dele.

— Rhys, você não pode continuar a se culpar por ter se afastado de Christian, e não pode mudar o que aconteceu com Elizabeth.

O músculo do maxilar se retesou como se ele estivesse apertando os dentes.

— Você sabe de alguma coisa sobre minha briga com Christian? Sabe como Elizabeth morreu?

— Não, mas...

— Então, não deve presumir que eu não poderia evitar.

— Conheço você, Rhys. Sei que, se pudesse, teria evitado.

Ela pressionou a mão sobre o joelho perto do dela, numa urgência de tocá-lo e confortá-lo. Rhys se levantou como se tivesse levado um choque e foi para perto da lareira. Permaneceu de costas para ela, incapaz de encará-la. Jane fechou os olhos, angustiada.

— Jane...

Ela adorava ouvir seu nome naqueles lábios. Porém, naquele momento, era a última coisa que desejava ouvir.

— Eu cometi um grande erro.

Ela fechou os olhos novamente, como se todo o medo que sentira desde a primeira vez que o tocara ganhasse vida diante dela.

— Eu não sou a pessoa que você imagina. Não sou nem remotamente o homem que você acha conhecer. Eu... Eu não quero nenhum tipo de relacionamento com você.

As garras do pânico se cravaram na garganta de Jane. Mas, imediatamente, o medo se transformou em raiva.

— Você deveria olhar para mim quando declara algo desse tipo, Rhys!

Por um breve momento, ela julgou que Rhys estivesse sofrendo, mas quando ele se virou, qualquer emoção ficou escondida por trás de uma máscara de frieza.

— Jane, eu sinto muito por ter machucado você.

Ela balançou a cabeça em afirmativa, mantendo a expressão séria. No fundo, queria se desmanchar em lágrimas. Mas não podia chorar. Afinal, havia se preparado para aquele momento e sabia que, mais cedo ou mais tarde, teria de confrontar a verdade.

No entanto, depois da noite anterior, ela passara a ter esperanças de que nada poderia separá-la de Rhys.

— Está agindo assim porque eu disse que te amo?

— Não. E porque sei que não podemos ficar juntos. É melhor terminarmos agora, antes de nos envolvermos.

— Então, fazer amor, dizer que te amo, nada disso tem algum significado!

Ela mordeu os lábios. Não queria discutir. Podia não saber muito a respeito de homens, mas não era tola a ponto de pensar que poderia obrigar alguém a amá-la.

No entanto, não era possível que tivesse se enganado. O que vivera com Rhys fora mais do que simples atração física.

— Se não sou a pessoa certa para você, quem poderá ser, Rhys? — A voz, tão fria quanto o olhar de Rhys, não parecia ser dela.

— Jane, eu não quero entrar nesse mérito. Nossa relação jamais poderia ter começado. Devia ter acabado naquela noite, quando a deixei no hotel.

— Mas não acabou.

— Não, não acabou, e eu sinto muitíssimo por isso.

— Por quê? Por acaso você não se importa comigo? Ou será que é por que se importa demais?

Rhys a encarou. A conversa não estava seguindo o rumo que ele antecipara.

Esperava lágrimas, súplicas para que pudessem recomeçar... Jamais antevira o ataque frio, carregado de fúria. Jane sempre fora insegura. Mas agora, diante dele, os olhos verdes brilhavam com determinação e o queixo empinado emprestava-lhe a aura de uma rainha, pequena e frágil, mas com a força descomunal de uma mulher que sabia o que queria. Ela nunca estivera tão linda!

Ele avistou o curativo no pescoço. Foi o que bastou para fazê-lo se lembrar de que Jane tinha de ir embora. Ela ficaria bem, e muito mais segura se cortassem todos os laços.

— Ouça, Jane, não sei como tornar isso mais claro. Sinto muito se você acreditou estar apaixonada por mim. O fato é que eu não te amo e não estou interessado num relacionamento.

— Não acredito em você!

Rhys lutou contra a urgência quase incontrolável de beijá-la. Queria tê-la em seus braços para sempre. Em vez disso, reprimiu todo o desejo como fizera por centenas de anos. Não podia ter o que queria. O mais importante era salvar Jane.

— Por favor, pare com isso. Você está embaraçando nós dois.

Dessa vez, ela não conseguiu manter a altivez. Ainda olhava para ele, mas os olhos refletiam mágoa. Então, Rhys soube que conseguira fazê-la duvidar de seu amor, e se voltou para a lareira a fim de que ela não visse sua dor.

— Sinto muito pelo rumo que as coisas tomaram. Agora, sabe que eu não sou o homem que você imaginou, assim como você não é o tipo de mulher que me interessaria.

O silêncio atrás dele despertou o desejo incontrolável de se virar. As palavras doíam mais nele próprio do que em Jane. Porém, manteve-se imóvel, com as mãos pousadas no patamar da lareira como se quisesse se ancorar.

— Diga-me só uma coisa...

A voz era calma, e embora Jane mantivesse a compostura, ele poderia jurar que estava destruída. Podia sentir a dor que pulsava em seu peito.

— O que é?

— Por que você me desejou um dia?

Ele fechou os olhos, e o sofrimento agonizante bloqueou a respiração.

— Porque você estava lá.

Jane fez um longo silêncio e caminhou para a porta. No instante seguinte, ele ouviu o som metálico da maçaneta se abrindo. Permitiu-se olhar para ela, esperando que fosse fitá-lo. Mas ela não se virou. Saiu da sala e a porta se fechou com um estalido abafado.

Rhys olhou ao redor, incerto sobre o que fazer. Apanhou o copo de uísque sobre a mesa, sua mais constante companhia nas últimas horas. Contemplou o líquido dourado com olhar distante e inalou. A dor se intensificou, apertando o peito até asfixiá-lo.

Ele nunca acreditara que tinha coração. Afinal, nenhum vampiro podia amar como um mortal.

Rhys praguejou baixinho e atirou o copo na lareira. O cristal se estilhaçou em mil pedaços... Exatamente como seu inexistente coração.

Jane não soube como conseguiu chegar ao quarto, nem como as pernas a sustentaram. Quando entrou, com a porta fechada, ela caiu na cama. Olhou sem focalizar as mãos caídas sobre o colo, entrelaçadas para impedir que tremessem.

Não sabia há quanto tempo estava sentada, sentindo-se vazia. Gradualmente, uma emoção cresceu dentro dela.

Dor?

Não, não era algo tão definido. Jane foi sufocada por um sentimento tão intenso que seu peito parecia rasgar.

Ela respirou fundo para suprimir a sensação, e quando exalou, um soluço emergiu dos seus lábios. O som abafado a fez estremecer.

Jane cobriu o rosto com as mãos trêmulas e chorou. Pensou na frieza de Rhys, nas palavras desprovidas de emoção, na recusa do seu amor. Chorou porque sabia que ele havia lhe dado algo real e verdadeiro. E chorou por si mesma, pois estava de volta ao ponto de onde partira. Sozinha.

Não.

Ela engoliu as lágrimas com raiva. Recusava-se a mergulhar naquele poço de autopiedade. Não podia fazer Rhys mudar de idéia, mas não desistiria. Não deixaria que ele a arruinasse.

— Você encontrará outro amor — ela disse em voz alta para si.

Entretanto, quando o eco das palavras desapareceu, Jane teve a certeza de que jamais encontraria alguém como Rhys. Sabia que não seria capaz de sentir o mesmo por outro homem.

Você está sendo dramática, a razão a advertiu. Mas o coração reassegurou a certeza. Ela havia compartilhado uma conexão com Rhys que acontecia só uma vez na vida. Talvez fosse o mesmo que seu pai havia sentido. O amor dele era tão profundo que jamais conseguira se recuperar.

Jane sempre acreditara que, se de fato quisesse, o pai poderia superar. Se ela fosse importante o bastante, ele teria se esforçado para incluí-la na vida dele. Agora, sabia que era impossível.

Ela se levantou, e a apatia deu lugar à agitação. Não podia lutar contra os fatos.

Não podia viver o restante da vida lamentando-se por algo que estava fora do seu alcance. Havia feito aquilo com o pai. Não cometeria o mesmo erro duas vezes.

De súbito, decidiu que tinha de sair. Precisar estar rodeada por pessoas, luzes e sons. Tinha de saber que ainda havia vida pulsando em algum outro lugar que não fosse aquele apartamento.

Ela procurou o casaco e hesitou, decidindo se deveria colocar roupas mais quentes. Porém, não queria perder tempo. Tinha de sair dali imediatamente.

Onde estaria o casaco? Vasculhou o armário sem conseguir encontrar, e a busca se tornou mais desesperada a cada segundo que passava. Então, lembrou-se de que havia deixado no quarto de Rhys, na cadeira ao lado da cama.

Ela hesitou. Não queria se encontrar com ele, ao menos até ter tempo para pensar e se recompor, o que seria impossível naquele apartamento, rodeada pela presença de Rhys em cada detalhe da decoração.

Jane endireitou a espinha e seguiu para o quarto dele. A porta estava aberta, e Rhys não se encontrava lá. Ela não parou para pensar como sabia. Acreditou no instinto.

Jane encontrou o casaco e ficou no quarto apenas o tempo suficiente para vesti-lo.

Quando fechou os botões, os dedos esbarraram no topázio que repousava entre os seios.

De súbito, o pingente pareceu pesado ao redor do pescoço, e ela ergueu as mãos para retirar a jóia. Segurou-a diante dela, com a pedra balançando de um lado para outro. A jóia oscilando à luz do abajur parecia dizer que tudo não passava de uma brincadeira colossal.

Ela deixou a gargantilha no criado-mudo e saiu, sem saber para onde ir. Entrou no elevador e pressionou o botão do andar térreo, determinada a ir para qualquer lugar que não fosse aquele apartamento.

Ao chegar, a pesada porta emperrou. Apavorada pela possibilidade de ficar presa naquele estúpido elevador, ela abriu a boca para gritar quando Mick apareceu e abriu a porta com facilidade.

— Obrigada — ela murmurou, sentindo-se tola. Tinha de ser mais forte, tanto física quanto mentalmente.

Mick assentiu, mantendo o silêncio habitual.

Daquela vez, ela estava tão consumida com seus próprios problemas que não se incomodou com o silêncio. Parou diante da porta e começou ela mesma a soltar os trincos. A lufada de ar frio da noite

arreprou sua pele.

— Tenha cuidado lá fora — o segurança alertou, e Jane percebeu que estava bem ao seu lado.

— Não se preocupe, eu terei cuidado.

Mick deu um passo e segurou a porta aberta para que ela saísse.

Tocada pelo cuidado do homenzarrão, Jane olhou por sobre o ombro e enviou-lhe um sorriso. Ficou surpresa quando ele retribuiu. Era engraçado sentir afinidade com Mick agora, que estava de partida.

Então, ela seguiu na direção da rua, com os saltos dos sapatos abafados pelos ruídos da cidade vibrante.

Rhys tinha consciência de que não devia, mas não podia evitar. Precisava vigiar Jane para ter certeza de que ela estava bem.

Parou do lado de fora do quarto, consciente de que ela não estava lá. Concentrou-se nos cheiros espalhados no ar e não discriminou a presença dela no apartamento.

Seu peito se apertou quando pensou na possibilidade de que Jane tivesse ido embora. Pousou a mão na maçaneta e hesitou um segundo antes de se decidir.

Finalmente, abriu a porta e perscrutou o interior do aposento.

Ele suspirou, aliviado. A mala ainda estava no armário. Ela não havia partido para sempre.

Rhys passou a mão pelos cabelos. Não deveria ficar feliz. Seu objetivo era que Jane fosse embora o mais depressa possível. A única coisa que importava no momento era colocar distância entre ela e Christian.

Mas não estava preparado para vê-la partir.

O fato era que Jane havia saído, e estava sozinha nas ruas perigosas. Seu primeiro instinto foi segui-la. Precisava se certificar de que estava a salvo.

No entanto, ele tomou a direção do seu quarto. Mais cedo ou mais tarde, teria de deixá-la livre e então, não poderia mais segui-la.

Mas... E se Christian estivesse vigiando o apartamento?

Rhys girou nos calcanhares e seguiu para o corredor. Tomou o elevador para o primeiro piso e entrou na saleta da segurança. Mick estava sentado diante de inúmeros monitores com imagens de diferentes câmeras espalhadas pela boate.

— Você sabe se Jane saiu por aqui?

O segurança assentiu sem desviar o olhar dos monitores.

— Quero que você a siga.

Mick se levantou prontamente e apanhou a jaqueta pendurada nas costas da cadeira. Trabalhava para Rhys e Sebastian tempo suficiente para saber que não seria enviado a uma missão como aquela a menos que houvesse um perigo real.

— Certifique-se de que ela está segura.

— O que devo procurar?

— Christian.

Os olhos de Mick se arregalaram, o único sinal de que ficara chocada. Porém, não perdeu tempo com palavras, e saiu imediatamente para o beco.

Rhys observou o gigante desaparecer na esquina. Mick parecia compreender muito mais rapidamente que ele o tipo de risco que Christian representava.

— Por favor, poderia me dizer as horas?

Jane desviou o olhar da vitrine da livraria, onde passara os últimos quinze minutos olhando os exemplares expostos sem registrar o que via.

Ela pestanejou, fixando os olhos azul-claros. Já vira aqueles olhos antes.

Imediatamente, ela reconheceu o homem que encontrara no café, na noite em que saíra com Rhys.

O homem sorria com expressão amigável. Ela balançou a cabeça com um gesto sutil. Tivera péssimas experiências, nas ruas de Nova Iorque, o que, somado ao nervosismo daquele momento, a deixara paranóica.

— Desculpe, mas não tenho relógio — informou, tentando sorrir de volta.

— Sinto muito por incomodá-la.

Em vez de ir embora, o rapaz parou ao lado dela para olhar os livros na vitrine.

— Você já leu "Entrevista com o vampiro"?

— Não. — Jane relanceou o olhar para ele. — É bom?

— Sim, é muito bom.

Ela assentiu, incerta sobre o que dizer. O rapaz a estudou e franziu a testa. As linhas adicionaram beleza ao rosto pálido, em vez de deformá-lo.

— Nós nos conhecemos?

Jane balançou a cabeça com veemência e riu.

— Na verdade, você esbarrou em mim certa vez. Literalmente.

Um brilho de reconhecimento iluminou os olhos pálidos.

— Oh, sim! Foi num café, duas ou três noites atrás. Fiz aquilo porque estava tentando chamar sua atenção. Foi uma cantada, mas estou feliz que você não tenha percebido.

Ela sorriu, incapaz de resistir ao charme natural daquele homem. Voltou a atenção para os livros sem de fato notá-los.

— Sei que pode parecer outra cantada, mas você gostaria de me fazer companhia para comer alguma coisa? Há um café do outro lado da rua. — Ele fez um gesto para o restaurante na outra calçada.

Jane abriu a boca para recusar, mas alguma coisa naquele homem a deixou indecisa. Havia algo na aparência dele que parecia muito familiar.

Afinal, o que tinha a perder?, pensou. Seria bom ter a atenção de um homem atraente, especialmente depois da rejeição de Rhys. Precisava conversar com alguém e se distrair.

Ela avaliou a fachada do café, decorada como um bistrô parisiense. O interior iluminado com diversos clientes proporcionou-lhe a certeza de que oferecia segurança.

— Na verdade, eu estou com fome.

— Ótimo. — Ele sorriu, satisfeito, e estendeu-lhe a mão. — Prazer em conhecê-la.

Meu nome é Chris.

— Jane — apresentou-se, vendo sua mão desaparecer ao ser envolvida pelos dedos longos.

Ele apertou-a com um cumprimento educado e libertou-a imediatamente.

Sei muito bem quem você é...

Christian reprimiu o sorriso enquanto esperavam que o farol da rua movimentada se abrisse para eles. Quem diria que a doce e preciosa amada de seu irmão aceitaria seguir de livre e espontânea vontade para o altar de sacrifício?

Capítulo XI

Jane se acomodou na mesa a um canto isolado do restaurante e começou a questionar sua decisão. O ambiente inspirava romance, desde a música francesa suave às velas sobre a mesa.

— Não é preciso ficar tensa. — A mão de Chris cobriu a dela. — Eu só quero companhia.

— Desculpe, mas este lugar é ideal para um encontro romântico, e não para um jantar na companhia de um desconhecido.

— É verdade. — Ele olhou ao redor. — Mas eu tenho a impressão de que você está precisando de um pouco de romance.

Jane riu com o comentário. O som foi agradável mesmo para os ouvidos dela.

— Sou assim tão óbvia?

Ele retirou a mão e endereçou-lhe um sorriso de simpatia.

— Olhos tristes... Acho que foi o que mais notei em você naquele café.

— Meus olhos são tristes? — ela ecoou, intrigada.

— Muito — ele confirmou. — Por que tanta tristeza? Jane se calou por um momento, consciente de que não deveria falar sobre Rhys com um completo estranho. Na verdade, não podia comentar com ninguém. Quem seria capaz de compreender uma história como aquela?

Ela apanhou o guardanapo e abriu-o sobre o colo com um gesto casual.

— Eu terminei o relacionamento recentemente — resumiu, dizendo apenas parte da verdade.

— Eu sinto muito.

— Bem, ele estava... doente. E quando melhorou, decidi que não deveríamos ficar juntos. Infelizmente, descobriu que não sou a mulher certa para ele.

Christian ouviu com impaciência. A única coisa que realmente interessava era que Rhys estivera doente.

— Que tipo de doença ele teve?

— Um tipo de amnésia.

Um sorriso largo curvou os lábios de Christian. Rhys era incapaz de se aceitar!

Claro, se soubesse disso mais cedo, teria tirado o irmão de sua miséria, e ele jamais saberia quem o matara.

Ele estudou Jane. Não, era muito mais divertido se ele soubesse. Sua vingança seria bem mais gratificante.

— Você ainda tem sentimentos por ele depois de ter sido rejeitada?

— Sim.

Para desgosto de Christian, o garçom parou diante deles e ofereceu-lhes o cardápio. Depois de fazerem os pedidos, Christian ordenou duas taças de vinho.

— Eu sinto muito — disse quando o garçom saiu. — Foi presunçoso da minha parte escolher o vinho por você.

— Não tem problema. Eu não bebo muito, e não saberia decidir. Obrigada.

Ele sorriu, embora o que desejasse mesmo era revirar os olhos para o teto.

Somente Rhys se apaixonaria por uma tola como aquela!

— Você acha que esse homem ainda se importa com você? — perguntou no mesmo tom persuasivo com que abordara Jane.

Ela refletiu por alguns segundos e finalmente admitiu:

— Acho que sim, mas não acredito que ele saiba disso.

Então, ele ainda a amava. Era tudo o que importava para Christian. Perdê-la agora arruinaria a vida dele. Rhys sempre ficara magoado quando Christian machucava qualquer mortal. Mas não queria que o irmão ficasse magoado... Queria sua completa ruína. Queria que Rhys sofresse por toda a eternidade.

Christian apertou os dentes. Queria que sofresse da mesma forma que ele sofrera por Lilah.

O garçom chegou com as taças de vinho e Christian tomou um gole e afastou o copo. Era de uma safra medíocre, para dizer o mínimo.

— O problema com Rhys... É o nome dele — ela informou. — Rhys é um homem nobre, e acredito que tenha rompido comigo numa tentativa de me proteger, embora eu não esteja certa disso. — Ela suspirou e tomou um gole do vinho. — Ou talvez não. Pode ser que eu não queira acreditar em todas as palavras ásperas que ele me disse.

Christian fingia ouvir, mas se fixara numa só palavra que ela dissera: Rhys era nobre.

A constatação fez com que ele desejasse explodir. Pretendia fazer com que o irmão gritasse como um animal selvagem. Rhys, nobre! Ele quase riu da piada.

— Algumas vezes as pessoas podem enganar muito. Sei por experiência própria.

— Christian decidiu que aquela mulher tola e inocente precisava saber que o homem que ela amava não era nobre. Afinal, perderia a vida por ele. — Eu também já amei — disse com ar sonhador. — Lilah era tudo para mim. Como todo apaixonado, queria que ela conhecesse minha família.

Jane ouvia com a máxima atenção.

— Como mais novo, eu admirava meu irmão mais velho, e queria a aprovação dele em especial.

— É claro — Jane murmurou.

— Só que meu irmão não só conheceu minha amada, como também descobriu que era tão magnífica que desejou-a para si.

— Oh... — Penalizada, Jane estendeu a mão para tocá-lo, mas Christian se encolheu antes do contato.

Não queria a simpatia dela. Não era por isso que estava contando sua história.

Desejava apenas que ela soubesse a verdadeira natureza do homem que amava.

— Ele forçou Lilah a aceitá-lo. Quando a desprezou, ela foi me procurar, mas nunca mais foi a mesma. Como poderia, depois do que ele fez?

Os olhos de Jane se encheram de lágrimas.

— Meu Deus, deve ter sido terrível! Eu sinto muito.

Christian abaixou os olhos simulando gratidão, mas seu coração não passava de um bloco de concreto.

— Como vê, nós dois sabemos como é perder alguém amado.

Jane descansou a colher no prato da sopa que havia pedido. Não conseguiu comer depois de ouvir a história de Chris, mesmo que tentasse manter o bom humor. Como um irmão poderia fazer algo tão terrível a outro?

— Acho que minha história estragou o clima, não é? — ele disse em tom de pesar, apontando para o prato intocado.

— Eu não estava com tanta fome como pensei — Jane o tranquilizou.

— Bem, vou pedir a conta para irmos embora. Vou acompanhá-la até sua casa.

Ela abriu a boca para recusar a oferta. Não tinha nenhuma casa para ir. Então decidiu que tinha de voltar para o apartamento de Rhys, pois toda sua bagagem estava lá.

Além do mais, queria agradecer Sebastian e dizer-lhe que não aceitaria o trabalho na boate.

Mais uma noite com Rhys não a mataria. Quando o dia amanhecesse, sairia para percorrer a cidade à procura de um lugar para viver.

— Sim, eu adoraria que você me acompanhasse, se não se importar.

— Claro que não me importo — Christian respondeu, exultando em segredo.

* * *

Rhys nunca fora muito aficcionado pela boate. Mesmo sendo, dono de metade do negócio, era Sebastian quem realmente assumia o clube. A verdade era que ele não tinha interesse em se misturar com outros vampiros. Ou, ainda pior, mortais que ficavam enamorados da ideia de se tornarem criaturas da noite. E como esta era vocação do clube, ele preferia evitá-lo.

Porém, aquela noite era diferente. Precisava estar rodeado de iguais para se lembrar quem ele de fato era. Não podia ficar naquele apartamento com as lembranças de Jane em todos os recantos, somadas ao cheiro e ao calor que já começavam a desaparecer.

Ele se sentou numa mesa do mezanino, envolvido pelas luzes e pela música alta.

O estilo gótico que predominava no local o oprimia. Ele afastou a cadeira e apanhou o copo de uísque, observando a pista de dança abaixo dele.

A multidão girava e pulava ao ritmo da música eletrônica. Rhys grunhiu com desinteresse e tomou um gole da bebida.

Onde Jane estaria? E quanto a Mick? Esperava que estivesse no rastro dela.

— Onde está Jane? — Sebastian puxou a cadeira para perto dele, sentou-se de frente para o espaldar e apoiou os braços.

— Não sei. — Rhys suspirou, incomodado com a companhia do irmão naquele momento.

— Você disse a ela que não a ama, certo?

— Isso mesmo.

— Sabe, eu disse a mim mesmo que se você recuperasse memória e fosse estúpido demais para perceber que precisava de Jane... — Sebastian balançou a cabeça com evidente desgosto. — Eu jurei que não diria nada.

— Fique à vontade para cumprir o juramento.

— Ora, cale-se, Rhys! — Sebastian rugiu, irritado. — Deixe de ser teimoso! Até quando você vai se enganar? Está na cara que ama Jane mais do que tudo!

— Por que acha que estou errado em não querer que ela saiba quem sou?

— Porque ela te ama, Rhys. — Sebastian ergueu as mãos, como se tivesse declarado o óbvio. — Honestamente, você acha que ela está segura com Christian lá fora?

Rhys fixou o olhar do irmão. Se conseguisse convencer Christian que Jane não significava nada para

ele, poderia salvá-la. Sim, fora rude naquela noite. Tivera de ser, pois estava determinado a fazê-la acreditar que ele não se importava. A única coisa que importava era que Christian não percebesse a conexão que havia entre eles antes de Jane partir. Esperava apenas que Mick a encontrasse.

Onde estaria ele?

Naquele momento, Mick surgiu diante da mesa, como se o pensamento tivesse o poder de chamá-lo.

— Não consegui encontrá-la.

— O quê? — O medo apossou-se de Rhys.

— Segui o rastro dela por algum tempo. Então, simplesmente desapareceu.

Rhys se desesperou. Como pudera ser tão estúpido? Deveria ter tido mais cuidado, em vez de mandá-la embora. Só de pensar que ela estava sozinha nas ruas de Nova Iorque, o sangue congelou em suas veias.

Ele se levantou. Tinha de encontrá-la. Se Christian a machucasse...

Não, ele tinha de acreditar que, em algum lugar profundo dentro da alma cruel daquele vampiro, estava o irmão que ele amara um dia.

Rhys passou por Mick, mas o gigante o segurou pelo braço.

— Droga! — Sebastian praguejou atrás dele.

Rhys não se dignou a olhar para os dois homens. O cheiro de flores invadiu o ambiente como uma nuvem densa. Ele se virou e avistou Jane em meio à multidão na pista de dança. Ao lado dela, Christian sorria, com o braço possessivo sobre os ombros estreitos.

Os olhares se encontraram. A íris azul-clara reluziu o brilho pontiagudo da vingança.

* * *

— É estranho... — Jane gritou acima do volume da música. — Fiquei no apartamento do andar de cima deste local, mas é primeira vez que entro aqui.

— Sério?

Mesmo Christian tendo respondido, ela percebeu que estava distraído.

Era impossível não se distrair com todas àquelas luzes piscando e a música alta.

Um rapaz com cabelos tingidos de preto e maquiagem pesada nos olhos, trajes negros e inúmeros *piercings* passou por eles. Jane ponderou que ele, e todos os freqüentadores, eram os tipos mais estranhos do planeta! Então, olhou para seu casaco verde com uma mancha de mostarda, e imaginou

que deviam estar pensando o mesmo dela.

De repente, Christian segurou a mão dela e a puxou para pista de dança.

— Oh, não! — Jane protestou, rindo.

Ele não ouviu. Quando deu por si, estava no meio de um mar de corpos em movimento, com Christian apertando-a contra si. Ela tentou em vão se afastar. Os braços a envolveram pelas costas, imobilizando-a.

— Chris!

— Você não gosta de dançar? — Ele sorriu, ignorando o constrangimento.

Jane não soube o que dizer. Christian não estava agindo como o homem de momentos atrás. As feições pareciam diferentes, mais duras, como se a ossatura do rosto estivesse mais pronunciada.

Uma das mãos deslizou pelas costas até o quadril, num toque agressivo, destinado a mostrar possessão.

— Você acha que ele está gostando de nos ver dançar?

Por um momento, ela não compreendeu o que Rhys queria dizer. De repente, tudo ficou claro, e um arrepio gelado percorreu o corpo de Jane ao perceber de onde vinha a familiaridade que percebera em Chris.

Olhou por sobre o ombro, e mesmo antes de virar a cabeça, sabia que Rhys estava lá. Avistou-o no mezanino, com os olhos cravados nela.

— Você está se referindo a Rhys? — perguntou, mesmo já sabendo da resposta.

— O próprio. — Ele se inclinou, e a voz baixa e rouca em seus ouvidos a assustou.

— Talvez eu tenha de me apresentar de forma mais apropriada. Sou Christian Young, irmão mais novo de Rhys e Sebastian.

O tom diabólico das palavras a assustou ainda mais que a atitude agressiva. Ele a segurou num movimento rápido, pressionando com força o punho de Jane, e a língua molhada traçou o contorno de sua orelha.

— Não se esqueça de perguntar a Rhys sobre Lilah.

As palavras mal foram registradas pelo cérebro de Jane antes que ele desaparecesse.

Ela ficou parada no centro da pista de danças, com a cabeça girando num caleidoscópio de emoções. Tentou sair, com as pernas ainda tremendo, desorientada pelos corpos se agitando ao redor dela.

Então, avistou Rhys. Ele descia pela escada de metal do mezanino sem tirar os olhos dela, e Jane se obrigou a fazer as pernas obedecerem ao comando do cérebro. Seu olhar estava hipnotizado, preso à figura altiva. Num piscar de olhos, perdeu-o de vista em meio à multidão, e, de repente, ele estava diante dela.

Os dois se olharam, imóveis. Sem dizer nada, ele tomou-a pela mão. A presença poderosa fez com que o aglomerado de dançarinos se abrisse para lhes dar passagem.

Rhys a levou para um corredor isolado e escuro, e ela se viu aprisionada entre a parede e o corpo sólido. Os olhos cor de âmbar refletiam raiva, desejo e medo.

— Ele a machucou?

Ela balançou a cabeça, incapaz sequer de respirar.

— Tem certeza?

— Estou bem — obrigou-se a dizer num fio de voz, admirada que com toda aquela confusão de perguntas fervilhando em sua cabeça, seu corpo ainda reagisse tão prontamente ao toque,

Ela abriu a boca para falar, esperando que, com isso, conseguisse ficar focalizada no que estava acontecendo. Mas Rhys não lhe deu chance.

Suspendeu seus braços sobre a cabeça, prendendo-os pelos punhos com mão firme, e a boca sedenta, desesperada, se apoderou da dela.

Apesar da confusão, ela não conseguiu deixar de responder. Aceitou o beijo com a mesma urgência desesperada, sugando os lábios e a língua ávidos.

A mão livre de Rhys a tocou em todos os lugares, tão sequiosa quanto o beijo, como se quisesse se certificar de que ela realmente estivesse bem, ou até que fosse real.

Rhys afastou os lábios para pousar beijos molhados na linha do queixo, pescoço e colo. Jane inclinou a cabeça para trás e encontrou a parede. Fechou os olhos, entregue às carícias. Os dedos se insinuaram sob o casaco e deslizaram sobre a pele arrepiada. O

polegar percorreu o contorno do *top* antes de suspendê-lo quase com violência, e a boca ávida encontrou o mamilo intumescido para sugá-lo com sofreguidão.

Jane se colou ao corpo vibrante tanto quanto a posição restrita permitia. Precisava tocá-lo também. Queria acalmá-lo e assegurar-lhe de que o amava.

— Rhys... — murmurou quase numa súplica.

A boca retornou, avançando sobre os lábios suaves com a fúria explosiva do desejo. Rhys forçou os joelhos para afastar as pernas de Jane, e tocou-a sobre o tecido da calça jeans. Abriu o zíper e desceu a peça até os tornozelos, e os dedos a atormentaram com carícias ousadas.

O gemido de Jane foi abafado pela música alta. As mãos a deixaram, e ela abriu os olhos, exigindo-as de volta.

Rhys retornou, e o membro ereto tomou o lugar dos dedos, roçando a umidade quente. Ele suspendeu-a pelo quadril para sustentá-la enquanto se posicionava dentro dela. Com uma poderosa estocada, penetrou-a e a preencheu completamente, o corpo, as mãos e o membro pressionando-a contra a parede. A música, os flashes de luz e o desejo imperativo impuseram o ritmo selvagem que os embalou numa dança primitiva, até que os corpos estremeceram num violento clímax.

Jane gritou e o som se perdeu na boca de Rhys.

Ele a encarou, incapaz de acreditar no que acabara de fazer. Havia possuído Jane contra a parede! No recanto escuro e afastado, ninguém que passasse saberia que estavam fazendo amor. Mas ele sabia. Sabia também porque havia perdido o controle.

Quando viu Jane nos braços de Christian, uma emoção nova e desconhecida o devastou. A fúria cega explodiu dentro dele ao pensar que o irmão ousara tocá-la. Mas a ira se transformou em medo quando o viu abaixar a cabeça para sussurrar alguma coisa nos ouvidos dela. A boca estava perto demais da pele suave do pescoço.

O mais puro terror o desnorteou quando percebeu que Christian podia matá-la bem ali, na pista de danças, diante dos seus olhos.

Ao se aproximar e olhar nos olhos verdes, soube que ela estava bem. Naquele momento, Rhys reforçou a certeza de que tinha de amá-la e certificar-se de que Jane ainda era dele. Agora, contemplando o rosto sereno com os olhos fechados na mais pura satisfação, não podia acreditar que deixara a situação sair de controle.

Ele abaixou os braços dela com gentileza, receando que estivessem doloridos pela posição pouco confortável.

Jane abriu os olhos com um sorriso doce. Não parecia a mulher selvagem que ele possuía contra a parede.

Manteve o corpo colado ao dela, abrigando-a de quem passasse por ali, e ajeitou as roupas de ambos.

Jane se apoiou na parede sem dizer nada, mesmo que tivesse muitas perguntas fervilhando em sua mente.

Quando ambos estavam apresentáveis, Rhys tomou a mão dela e a conduziu para a entrada dos fundos. O segurança que tomava conta da porta se afastou para dar passagem, e os dois deixaram para trás as luzes e a música.

O corretor silencioso e escuro pareceu não ter fim quando ambos caminharam em silêncio até o elevador. Não disseram uma só palavra até que estivessem dentro do apartamento.

Foi somente quando entraram na biblioteca e Rhys se serviu de uma dose de uísque, que Jane falou. E ele não estava preparado para suas primeiras palavras.

— Conte-me sobre Lilah — ela pediu, sentando-se na poltrona.

A primeira reação de Rhys foi ignorar a pergunta. O que poderia dizer?

Oh, sim, Lilah. Ela foi a mulher diabólica que conduziu eu e meus irmãos ao vampirismo. Está morta agora.

Ele se sentou na poltrona ao lado dela e perdeu o olhar na paisagem visível através da janela.

— Lilah era namorada de Christian?

Rhys quase riu do título. Namorada de Christian... Soava tão romântico, inocente e normal... O relacionamento de Christian com aquela mulher não chegava nem perto disso.

— Lilah foi a mulher, e uso esse termo para não dizer outra palavra que possa desrespeitar você, que destruiu a vida de Christian. Literalmente.

Jane olhou para o copo nas mãos dele, girando lentamente entre as palmas.

— Ele disse que você... Que você tirou vantagem dela.

— Claro. Ele jamais diria outra coisa.

— E foi isso mesmo, Rhys? O seu desentendimento com Christian foi por causa dessa mulher? — ela perguntou, ainda sem conseguir olhar para ele.

Rhys suspirou. Por que machucava tanto saber que Jane havia acreditado nas palavras do irmão?

Mas, o que importava? Se fosse para convencê-la a fugir, então, seria melhor deixá-la acreditar no pior. Mas ele não podia.

— Nosso desentendimento definitivamente está relacionado a Lilah. Porém, os eventos não aconteceram exatamente da forma que ele se lembra.

Jane ergueu o rosto e o fitou, hesitante.

— O que aconteceu?

Ele não disse nada por um momento. Como contar uma história quando todos os fatos eram exatamente o que a tornava inacreditável? Por que considerava tentar explicar a Jane? Seria melhor confirmar que fizera todas as coisas horríveis que Christian dissera, e muito mais. Assim, quem sabe, poderia convencê-la a fugir.

Entretanto, a boca não ouviu as racionalizações da mente.

— Morávamos na Inglaterra quando Christian conheceu Lilah.

Jane assentiu, esperando que ele continuasse.

— Christian decidiu se mudar para Londres. Tínhamos uma casa na cidade. Eu preferia a propriedade no campo, mas ele odiava a vida rural. Odiava o silêncio e a monotonia da vida pacata e previsível do interior. Christian ansiava por conhecer a agitação da cidade. Eu não queria que ele fosse. Sendo o irmão mais velho, sentia-me responsável por ele.

Jane conhecia aquela faceta de Rhys. Imaginou o que ele sentira por não conseguir deter o irmão rebelde.

— Não fazia muito tempo que Christian estava em Londres quando todas as comunicações pararam. A princípio, não me preocupei. Mas, depois de dois meses sem nenhuma carta, decidi ir atrás dele.

Jane franziu a testa. Uma carta, e não um telefonema ou um e-mail? Aquilo era muito estranho. Pouca gente se correspondia através de cartas na atualidade, especialmente sendo jovem. Porém, não disse nada.

— A casa na cidade proporcionava todo o luxo e conforto necessários. Nossos pais nos deixaram bem providos, e Christian passou a esbanjar dinheiro e a viver como um homem rico. Quando cheguei, encontrei a mansão no mais completo caos, quase destruída pelas festas e orgias que meu irmão passou a promover. A maioria da criadagem tinha ido embora.

Mais uma vez, Jane pensou nas palavras. Aquela história tinha o mesmo teor de quando Rhys acreditava ser um visconde.

— Christian não se dignou sequer a olhar para mim. Estava pálido, apático, com olhar vidrado. Eu soube que ele estava contaminado por alguma coisa.

— Drogas? — Jane sugeriu. Rhys riu sem humor.

— Pode-se dizer que sim. Lilah foi a pior das drogas para Christian.

— Como? O que ela fez?

— Ela o controlava. Meu irmão fazia tudo o que Lilah dizia.

Jane sentiu o peito apertar ante a amargura na voz.

— E Christian disse que você também ficou obcecado por ela.

Rhys ergueu a sobrancelhas, e outra risada sem emoção saiu dos lábios dele.

— Quando a conheci, devo admitir, fiquei fascinado pela beleza dela. Lilah era uma mulher linda. Mas não levou muito tempo para que eu visse o que se escondia por trás da ilusão de beleza que brilhava na superfície.

— E o que se escondia?

Os olhos dele subitamente encontraram os de Jane, e o olhar pareceu desorientado, como se tivesse voltado no tempo.

Rhys se levantou e parou diante da lareira. Passou a mão pelo rosto, e Jane notou que tremiam ligeiramente.

— Ela não era boa pessoa — disse por fim, mas Jane sabia que aquela descrição estava longe de representar o que ele queria dizer.

Desejou fazer mais perguntas. Porém, anteviu que Rhys não responderia.

— Christian sugeriu que você atacou Lilah contra a vontade dela. — Ela hesitou por um segundo. — Na verdade, não foi bem um ataque. Pelo que eu entendi, foi um estupro.

Rhys balançou a cabeça com veemência, ofendido pelas palavras do irmão como se o tempo não tivesse passado.

— Não. Nunca a ataquei, tampouco a forcei. Mas... — Ele desviou os olhos. —

Admito que fizemos sexo.

— Oh, Rhys... Não!

A admissão a desnorteou. Descrença, desapontamento e ciúme se confundiram dentro dela. Rhys não poderia ter feito aquilo. Jamais deveria ter magoado o irmão.

— Foi apenas um incidente — a voz soou baixa e trêmula, e ele deu-lhe as costas.

— Eu fiquei doente comigo mesmo pela minha fraqueza. Deveria ter sido capaz de rejeitá-la.

Jane pestanejou. Simplesmente não conseguia aceitar que aquele homem havia traído o próprio irmão, e que era o mesmo homem frio que a expulsara da vida dele naquele mesmo dia. Via apenas um homem que carregava excessiva responsabilidade nos ombros, por demasiado tempo. Via Rhys, e sabia do sofrimento dele por tudo que vivera no passado, mesmo que tentasse apagá-lo na lembrança.

Jane tinha firme convicção, sem a menor dúvida, de que ele não estava contando a história toda. Rhys não era fraco. Jamais teria tocado na amante do irmão, e muito menos dormido com ela. O que realmente acontecera?

Ela se levantou do sofá e aproximou-se de Rhys. Envolveu-o por trás, com as mãos enlaçadas no peito, e pressionou o queixo nas costas largas. Com um suspiro, repousou o queixo nas costas largas, desejando aliviar todo o sofrimento dele.

Rhys se manteve imóvel, mas não a rechaçou.

— O que Lilah o forçou a fazer?

Ele permaneceu impassível. Jane deslizou as mãos sobre os músculos do torso e deslizou o queixo pela linha da espinha.

— O que de fato aconteceu? — perguntou.

Rhys não se moveu, embora o corpo todo fraquejasse. Em meio às emoções que o assaltavam, uma onda de alívio o inundou como um bálsamo.

Jane não acreditava que ele fosse capaz de trair intencionalmente o próprio irmão.

Ela não se convencera da verdade que Christian tentara impor. Não acreditava sequer que ele pudesse forçar uma mulher a se entregar contra a vontade, mesmo depois da forma como a possuía.

Ele suspirou, oprimido pela culpa. Jane ainda não o considerava capaz de cometer qualquer gesto de violência. No entanto, estava enganada. Poderia matar se necessário, e mataria para protegê-la.

Rhys se virou, preso pelo elo que os braços proporcionavam, e contemplou o rosto aberto e confiável. Poderia matar por aquela mulher, mas não deixaria que ela morresse por ele. Jane não estava segura com Christian tão perto, mas o desejo que sentia por ela representava o maior dos perigos. Não podia permitir que se tornasse outra criatura perdida, assim como ele.

— O que aconteceu não importa mais. Já passou — ele declarou com um suspiro profundo. — Christian sempre acreditou no que quis, e eu segui em frente sem o meu irmão. Não posso mudar os fatos.

Ela balançou a cabeça, e a generosidade de Jane a impeliu a acreditar numa solução melhor.

— Você não pode conversar com Christian e dizer a verdade?

Rhys riu com amargura, mas os dedos acariciando os cabelos de Jane continuavam gentis.

— Eu tentei muitas e muitas vezes. O problema é que ele não quer ouvir a verdade. Prefere acreditar em Lilah, e vai continuar acreditando nela até o fim dos tempos. É por isso que você tem de ir embora daqui.

Jane franziu a testa sem compreender a linha de raciocínio.

— Christian é perigoso. Receio que ele possa tentar machucá-la para chegar a mim. Você tem de partir.

Jane balançou a cabeça, com um sorriso que o fez se sentir tolo.

— Não tenho medo de Christian.

As palavras soaram confiantes, mas ele pode sentir a apreensão pairando no ar.

Tocou-a nos cabelos, tateando a textura sedosa. Rhys fechou os olhos, tentando guardar a sensação na lembrança. Perder Jane causaria muita dor, mas quando soubesse que ela estava em algum lugar seguro, viva e a salvo, teria forças para suportar.

— Ouça, Jane. Vou lhe dar algum dinheiro e... — Ela balançou a cabeça, e Rhys ignorou. — E pedirei a Mick que a leve para algum lugar protegido. Para onde gostaria de ir? Escolha qualquer lugar. Londres? Paris? Alguma ilha tropical?

Jane negou com movimento ainda mais veemente.

— Não quero ir para lugar algum se isso significar ter de deixar você.

Rhys se afastou, reprimindo a irritação. Será que ela não compreendia que estava apenas tentando protegê-la?

— Eu já disse, Jane. No não quero ficar com você — declarou com severidade.

Ela permaneceu em silêncio por um momento e disse suavemente:

— Então, por que fez amor comigo em plena boate? Como explicar que sou capaz de perceber o desespero do seu desejo?

Rhys fixou olhos verdes com frustração crescente. Entretanto, ela não se abalou sob o olhar gélido.

Em vez disso, avançou o passo e procurou as mãos *dele*. Os polegares pequenos roçaram as palmas, numa carícia doce e confortadora.

— Rhys, você está apaixonada por mim. Então, em vez de tentar fingir que quer me enviar para algum lugar distante e seguro, por que não admite de uma vez por todas que me ama? Por que não assume que me quer bem aqui, do seu lado? Você não percebe que é onde estarei mais protegida?

— Jane...

— O que nós dois ganhamos se eu for embora? Ambos terminaremos sozinhos.

— Sim — ele concordou a contragosto. — Mas você terminará viva.

Jane subiu as mãos pelos braços vigorosos e o enlaçou pelo pescoço. Um sorriso terno abrandou a expressão preocupada do rosto adorável.

— Se Christian realmente quisesse me fazer algum, teria aproveitado a oportunidade enquanto dançávamos hoje à noite.

A voz era calma e ponderada, mas ele sabia que Jane estava apreensiva com a idéia de que alguém desejasse machucá-la.

— Responda, Rhys. Tente me convencer. Então, pensarei na sua proposta.

Ele titubeou, incerto. Jane realmente queria ouvir a verdade?

— Se eu for mesmo embora e nunca mais o vir, quais serão as únicas palavras que, daqui a alguns anos, você se arrependerá por não ter dito?

Rhys ergueu as sobrancelhas. Teria rido se não estivesse tão preocupado e frustrado. Tinha de dar crédito a Jane. Ela era persistente.

Todavia, não respondeu de imediato, não por medo de magoá-la. A verdade que Jane exigia dele simplesmente não podia sair dos seus lábios.

Quando fora a última vez que dissera? Elizabeth? Sim, tinha de ser Elizabeth.

Duzentos anos era tempo demais para se lembrar.

Ele respirou fundo, receoso. Tinha medo de dizer algo que havia sido tão fácil proferir no passado. Não se cansava repetir para Elizabeth, para seus pais, Sebastian e Christian.

Rhys fechou os olhos, consumido pela angústia. Tinha de pronunciar aquelas palavras agora, mesmo que fosse só uma vez.

— Eu gostaria de ter dito... — começou lentamente. — Que eu te amo, Jane.

Ela sorriu, não com o triunfo que ele esperava, e sim, com gratidão.

— Obrigada.

Jane suspirou e soltou as mãos, e ele agarrou os punhos delicados antes que ela se afastasse. Envolveu-a com os braços e estreitou-a em seu peito.

Agora, que havia aberto o coração, não conseguia controlar a emoção que pulsava dentro dele.

— Eu te amo, Jane — sussurrou contra o ouvido dela. — Eu te amo mais do que amei alguém.

— Então, está tudo resolvido — Jane respondeu com a voz embargada pela emoção. — Ficarei bem aqui.

Rhys empurrou Jane com gentileza e mirou os olhos claros.

— Você vai embora.

A voz ribombou pelas paredes e teto, mas Jane não se abalou.

— Não. Eu te amo, e vou ficar.

Rhys estreitou os olhos e abriu a boca. Sem saber o que dizer, afastou-se e caminhou para janela.

Decidida, Jane o seguiu e passou os braços ao redor do torso firme.

— Não podemos perder isso...

— Não posso perder você.

— Você não vai me perder, Rhys.

— É impossível vigiá-la todos os minutos do dia. E você nunca ficará a salvo com Christian nas ruas.

Jane sabia que ele olhava para a cidade, imaginando onde o irmão estaria naquele momento.

— Eu ficarei bem — ela assegurou, mesmo sabendo que não poderia garantir. No fundo, não conseguia aceitar a idéia de que Christian realmente quisesse machucá-la.

— Por favor, Jane, vá embora.

Ela balançou a cabeça e pressionou o rosto contra as costas dele.

— Vivi sozinha por muito tempo. No não posso deixá-lo, Rhys. Por favor, não me peça para ir embora.

Os músculos das costas relaxaram, e Jane pressentiu que não era alívio, e sim, desânimo. Ela havia vencido, ao menos, por uma noite. Contudo, não ficou satisfeita com a vitória.

— Venha — convidou, entrelaçando os dedos na mão pendida ao longo do corpo imóvel.

— Para onde?

— Vamos para cama. Podemos nos preocupar com Christian amanhã.

Ele hesitou, olhando mais uma vez para as luzes da cidade. Então, permitiu que Jane o levasse para o quarto.

Os dois deitaram-se lado a lado e ficaram abraçados, sem desejar nada além da acalentadora proximidade dos corpos. Para cada um deles, bastava saber que o outro estava ali.

Capítulo XII

O dia amanheceu e Rhys mergulhou num sono profundo. No entanto, Jane não conseguiu descansar. Havia muitas perguntas sem respostas. Ela não conseguia parar de pensar no que havia acontecido com Lilah. Tinha apenas uma certeza: havia muito mais do que Rhys revelara.

Christian seria única razão para ele afastá-la de sua vida? Haveria mais detalhes que ele não quisera expor?

Por fim, depois de rolar na cama durante horas, ela desistiu de dormir e foi para a cozinha, ponderando que não havia perigo algum dentro do apartamento. Com todas as trancas e a presença de Mick na entrada do clube, aquele era o lugar mais seguro da cidade.

Os pés descalços se encurvaram ao contato do frio piso de mármore da cozinha.

Ela encheu uma xícara com água e colocou no micro-ondas para aquecer. Enquanto esperava, abriu os armários para decidir o que comer. Estava faminta, mais nada a apetecia. Cereal? Não. Torradas? Também não.

Ela abriu a geladeira, pensando em preparar um sanduíche. No entanto, nada a agradou. Seu olhar pousou na bebida protéica de Rhys. Estendeu a mão para apanhar o frasco e parou. Não. O líquido escuro era asqueroso.

Mas, na maioria das vezes, as aparências eram enganosas. Não faria mal algum experimentar um gole. Lembrou-se de muitos pratos com aspecto repugnantes e sabor delicioso, como creme de espinafre, por exemplo.

Ela riu com a comparação e tirou o vidro da geladeira. Abriu e inalou, concluindo que o aroma não era tão desagradável quanto se lembrava. Daquela vez, chegou a lhe dar água na boca.

Jane abriu o armário e apanhou um copo. Despejou o líquido viscoso e levou-o à boca. Fechou os olhos, e o paladar acre envolveu toda a mucosa.

Ela relaxou. Não era tão ruim. Na verdade, o gosto era mais agradável do que o cheiro.

Desistindo do chá, ela encheu a caneca e tomou todo o conteúdo. No mesmo instante, uma explosão de energia revigorou todos os músculos do seu corpo.

Ela quase podia sentir a vibração dos órgãos internos, pulsando vida. Não podia negar, a bebida energética de Rhys era muito mais poderosa do que uma refeição completa. Não era para menos que ele era dono de tanto vigor!

Satisfeita, ela lavou o copo e foi para biblioteca. Talvez a leitura de um livro ajudasse a relaxar.

Retirou aleatoriamente um livro da estante e sentou-se no sofá. Abriu a luxuosa capa e se deparou com o título da primeira página: "A verdade sobre vampiros e lobisomens".

Jane fechou o exemplar e leu o título: "Os fatos e a ficção: um estudo sobre o comportamento de criaturas sobrenaturais".

Não era exatamente aquele tipo de leitura que ela tinha em mente para acalmar os nervos. Estendeu o braço para colocar o livro sobre a mesa e parou. Uma palavra na capa de trás chamou de atenção.

Espelhos. Não se tratava de uma palavra notável. Porém, mesmo assim, ela ficou intrigada. Abriu o livro novamente e percorreu o índice. Como antecipara, havia um capítulo sobre espelhos.

Ela folheou o exemplar e achou a página referente ao tema. Curiosa, dedicou-se aos parágrafos iniciais.

"Historicamente, vampiros evitam espelhos, pois não podem ver o próprio reflexo como os humanos. A imagem de um vampiro se reflete na forma de sombra ou fumaça, como um fantasma ou espírito. Esta é uma indicação de que perdeu a própria alma. No entanto, estudos científicos têm revelado que o fenômeno é resultado de mutações iônicas na constituição física de um vampiro".

Seria por isso que Rhys não tinha espelhos no banheiro? Ele tinha medo de ser um vampiro?

Jane riu para si. Aquilo era ridículo!

Ela voltou para o índice. Cruzes. Alho. Decidiu ver o capítulo sobre o alho.

"O alho sempre foi considerado um poderoso repelente de vampiros, embora atualmente se reconheça que, em grandes quantidades, seja capaz de deter qualquer criatura, sobrenatural ou mística".

Ela balançou a cabeça com um sorriso. Definitivamente, aquele livro era muito interessante. Talvez pudesse usar alho em grandes quantidades para afastar Christian.

Ainda rindo, ela percorreu mais algumas páginas.

Mordidas... "Enquanto a mordida de um lobisomem é indesejável por ser a forma primária de transmissão da licantropia, além de extremamente dolorosa, a mordida de um vampiro não contamina a vítima, tampouco causa desprazer. Sabe-se que, sem seu consentimento, um mortal não pode ser transportado para o mundo das trevas. A mordida de um vampiro pode ser prazerosa, proporcionando gratificação sexual tanto para o parceiro quanto para o vampiro, assim como transformar um humano, desde que ele consinta. Entretanto, um vampiro também pode usar a mordida para machucar e, sob certas circunstâncias, matar um humano".

À medida que lia, as pequenas marcas no pescoço de Jane começaram a coçar como se reagisse à informação. Ela voltou para o índice tentando localizar alguma referência sobre hipocondria. Porém, vampiros e lobisomens não pareciam sofrer desse mal.

Num gesto instintivo, ela tocou a marca no pescoço com a ponta do dedo. Tinha de admitir, parecia uma mordida de vampiro. Pelo menos, era o que sempre via nos filmes.

Voltou à leitura sobre mordidas, e descobriu que as marcas de mordidas variavam conforme o alinhamento das presas dos vampiros, e que um aparelho ortodôntico era indicado para o caso de presas mal alinhadas.

Ela riu alto e procurou o nome do autor. Dr. Kurtland Fowler. Não parecia ser um nome típico de um vampiro.

Entretanto, o sorriso divertido se desmanchou nos lábios dela quando leu um parágrafo em particular. Evitar o sol.

Claro, sabia através dos filmes de vampiros que eles não podiam sair ao sol, mas algo no comentário do autor a impactou.

"Evitar a luz do sol é aplicável somente a vampiros. O conceito original que explica por que não podem se expor aos raios solares se baseia na idéia de que o sol simboliza a vida. Como vampiros não se submetem às mesmas regras biológicas que os humanos, são confundidos com os mortos. Essa é a origem da falsa crença de que não toleram a luz do sol por serem inerentemente maus. Porém, não é por isso que são forçados a viverem nas sombras e na escuridão da noite. A verdade é menos dramática. A aversão restringe-se a um problema metabólico. Vampiros não metabolizam apropriadamente a vitamina D.. A reação é violenta e, em geral, causa a morte. Até o momento, nenhuma prevenção ou tratamento foram encontrados. Vampiros também são extremamente sensíveis aos raios gama, que possuem efeito sedativo sobre eles, fazendo com que adormeçam profundamente durante o dia".

As palavras saltaram aos olhos de Jane. Era como se o autor estivesse descrevendo Rhys. Ele possuía alergia violenta ao sol, e ela nunca conhecera ninguém que dormisse tão profundamente durante o dia.

Perturbada, ela fechou o livro e colocou-o sobre a mesa de centro, incomodada pela direção dos pensamentos.

Rhys, um vampiro... Ela balançou a cabeça. Aquilo era maluco.

Obviamente, o retorno da memória dele, o comportamento confuso com relação a ela e a idéia de que Christian poderia machucá-la a deixaram paranóica.

Mesmo assim, muito do que havia lido se encaixava com tudo que estava acontecendo. Rhys mencionara que não gostava de espelhos. As estranhas marcas que surgiram em seu pescoço. A alergia de Rhys ao sol.

Seriam apenas coincidências?

Com uma risada nervosa, ela olhou para o livro sobre a cadeira. Estava sendo tola.

Vampiros não existiam. E ela não acreditava em poderes sobrenaturais... Ou acreditava?

Definitivamente, havia algo estranho no quarto em que ela ficara, na primeira noite no apartamento. Por mais que tentasse acreditar que havia imaginado ou sonhado com a sensação opressora que havia sentido um, não podia. Uma entidade, ou algo do tipo, estivera lá com ela. Um fantasma, ou um espírito... Não sabia como chamar, mas acreditava que era real.

E, sendo real, por que não seria um vampiro?

Jane balançou a cabeça, espantada. Não era possível que estivesse realmente considerando a possibilidade. O olhar pousou sobre o livro mais uma vez, como se este a chamasse. Ela endireitou a coluna, determinada a afastar os pensamentos ridículos da mente. Olhou pela janela. O sol estava

baixo no horizonte, e o céu se tingia de cor-derosa e púrpura.

Repousou a cabeça no encosto, admirando as cores do céu. Estava exausta, e, mesmo assim, não queria dormir. Obrigou-se a fechar os olhos, e segundos depois, abriu-os novamente para assistir ao nascer do sol.

Seu olhar foi atraído para o livro. Decidiu que consultaria o índice mais uma vez, e quando visse que não havia mais nada que pudesse se aplicar a Rhys, abandonaria as idéias malucas sobre vampiros e fantasmas. E não haveria mais nenhuma conexão, porque ela estava sendo tola.

Ela se inclinou e apanhou o exemplar. Sentou-se sobre as pernas cruzadas e apoiou-o no colo.

— Obrigada, dr. Fowler. Como se eu não tivesse mais com que me preocupar... —

murmurou com ironia.

Então, quase relutante, abriu na primeira página.

— Cruzes, maldições... — leu em voz alta. — Água benta... Sementes. Sementes?

Ela ficou tentada a ver o capítulo sobre o tema, pois não sabia que sementes poderiam causar algum efeito em vampiros. Seguiu em frente. Sementes definitivamente não se aplicavam a Rhys.

O tema seguinte provocou-lhe um arrepio capaz de eriçar a penugem no braço e na nuca. Deslocamento da fôrma.

O tópico em si era assustador, e os desdobramentos a apavoraram ainda mais.

Morcegos... Pontos frios... Névoa... Neblina...

Não, não diziam respeito a Rhys. Porém, descreviam o que ela sentira no quarto.

Jane hesitou e abriu na página indicada.

"Em função da habilidade dos vampiros em manipular a matéria metafísica, é possível adquirir a habilidade do deslocamento da forma. Ao contrário dos lobisomens ou de outras criaturas sobrenaturais que assumem a forma somente do animal que as infectaram, os vampiros podem incorporar diferentes formas. Sombras, neblina ou ar frio são as mais comuns. Acredita-se que essas mudanças em particular estão em voga, além do tradicional morcego, simplesmente por serem os mais efetivos métodos de escaparem dos saqueadores de aldeia".

Ar frio. Névoa. Exatamente o que ela sentira no quarto. Outra coincidência?

E se ela tivesse recebido a visita de um vampiro? E se Rhys também fosse vampiro? Seria por isso que adivinhara o que estava acontecendo? Ele dissera que a ouvira gritar, mas ela sabia que não tinha gritado, pois estava paralisada pelo medo.

— Vampiros — pronunciou em voz alta, com a mente ainda brincando com a idéia.

— Estou surpreso que você tenha adivinhado — uma voz profunda disse atrás dela, provocando um sobressalto que colocou Jane em pé.

Ela se virou e viu Christian com as mãos apoiadas no encosto do sofá como se estivesse lá havia muito tempo. Um sorriso irônico curvava os lábios dele.

— Você é uma mulher inteligente.

Jane recuou e deixou o livro cair no chão. Apoiou-se no braço da poltrona e continuou andando para trás.

— Como... Como você entrou aqui?

Ele contornou o sofá e se abaixou para apanhar o livro. Abriu-o e folheou as páginas com expressão distraída.

— Entrei como sombra. Tende a ser menos notável do que o ar frio, como você sabe muito bem. Eu tinha de ser discreto.

Jane o encarou, paralisada pelo pânico. Não podia ser real. Ela não queria que fosse real.

Christian se pôs a passear pelo aposento com o livro aberto nas mãos, simulando interesse na leitura.

— Vampiros são considerados as primeiras criaturas a surgirem na face da Terra.

— Leu em voz alta, com um sorriso irônico. — Interessante, não acha?

Ela não respondeu. Christian virou mais algumas páginas e colocou o livro sobre o piano.

— Você perguntou a Rhys sobre Lilah?

A pergunta foi feita com tanta casualidade que ela levou um momento para compreender.

— Sim.

— E ele negou tudo que eu disse, não é?

— Não exatamente.

Christian estreitou os olhos e caminhou na direção dela.

— É mesmo? O que ele disse?

Jane tentou recuar, mas os ombros esbarraram no mármore do beirai da lareira.

Christian parou a poucos centímetros.

— Diga-me.

— Ele disse que... Bem, ele admitiu que teve intimidade com ela, mas que não a forçou.

— A mesma velha história. — Christian ergueu os olhos para o teto.

Jane relanceou o olhar para porta. Da posição em que estava, não conseguiria chegar até lá sem passar por Christian. Naquele momento, desejou ter o poder de se transformar em névoa para fugir dali.

— Rhys não lhe contou a história toda, não é? Pelo visto, ele não confessou que é um vampiro. — Ele não esperou pela resposta. — Sendo assim, ele não poderia lhe dizer que não esteve com Lilah apenas uma vez, Rhys ficou com ela inúmeras vezes. E

verdade que fizeram sexo, mas vampiros não precisam da relação física para ter intimidade: A mordida de um vampiro é ainda mais íntima do que o sexo. E Rhys a mordeu muitas vezes.

Jane olhou para porta mais uma vez, esgueirando-se na direção da saída.

Christian notou e se moveu para mais perto até que ela estivesse pressionada contra a parede.

Jane o encarou e ele sorriu com frieza.

— Você não se incomoda por Rhys ter mordido Lilah, assim como mordeu você?

Jane pestanejou. Rhys a mordera?

Sim. As marcas no pescoço... De súbito, ela soube que era verdade.

— Você gostou da mordida? — Ele tocou o curativo, deslizando o dedo para a pele nua.

Uma onda de náusea revirou o estômago de Jane. Recusava-se a responder.

— O que você sentiria se eu mordesse você?

O pânico cresceu dentro de Jane e se expandiu para o peito.

— Rhys com certeza não gostaria — Christian disse com suavidade, sem olhar nos olhos delas, mas fixando a pele alva do pescoço. — Não, ele não gostaria.

Jane engoliu em seco, tentando manter a calma.

— Acho que você está fazendo as perguntas erradas. Os dedos pausaram, e os olhos encontraram os dela.

— E que perguntas eu deveria fazer?

— Você devia se perguntar se Lilah gostou da mordida de Rhys.

O sorriso irônico desapareceu, e os olhos de Christian se estreitaram com um brilho gélido.

— Você não conheceu Lilah! Ela estava loucamente apaixonada por mim. Jamais teria cedido à vontade de Rhys.

— Mas eu conheço Rhys. Ele nunca magoaria o irmão. Ele o ama e sente sua falta. Rhys sofre por não ter toda família unida.

Christian riu com desdém.

— Você não sabe de nada! E nem precisa saber. O que importa é que vai me ajudar a mostrar para meu irmão como eu me senti... Ou melhor, como ainda me sinto.

Christian tocou seus cabelos e correu os dedos pelos fios, quase com gentileza.

Jane lutou com todas as forças para se manter de pé. O medo a impedia de respirar.

— Rhys precisa compreender o que ele fez.

De repente, os dedos agarraram as mechas com força e ele inclinou a cabeça de Jane num ângulo doloroso, até que o pescoço estivesse exposto. Ela gemeu, odiando-se por demonstrar fraqueza.

— Vou matar você, Jane. É a melhor forma de atingir meu objetivo.

Antes que ela pudesse gritar, as presas pontiagudas se cravaram profundamente em seu pescoço. Jane não sentiu nenhum prazer, e sim, apenas dor e medo.

Um terror cego se apoderou de Rhys. Ele saltou da cama com um medo tão intenso que as pernas não o sustentaram. Obrigou-se a respirar fundo e a se concentrar.

Jane estava na biblioteca. Sentia a mesma dor e medo que ela.

Vestia a calça às pressas e correu para o aposento. Sabia quem estava com ela.

Não deixe que isso aconteça, o coração de Rhys implorava. Enquanto corria, ouviu a porta do quarto de Sebastian se abrir. Segundos depois, o irmão estava ao lado dele.

* * *

A princípio, Christian não reconheceu. Sugou o calor do [sangue de](#) Jane e o sabor preencheu sua boca, doce e delicado. Porém, quanto mais sugava, mais forte se tornava.

De repente, não estava apenas experimentando o sangue. Ele podia senti-la. Captou todas as emoções e pensamentos de Jane. Seus joelhos estremeceram sob o poder da sensação.

Ele apoiou a mão na parede atrás dela, recusando-se a parar. Aquela era a vingança pela qual

esperava. Drenaria todo o sangue de Jane até que a vida se esvaísse das veias ressequidas.

Contudo, as emoções de Jane o bombardearam. Dor, medo e algo mais, ainda mais forte, que ele não conseguiu identificar. Não compreendia aquele sentimento.

De súbito, a emoção nebulosa se tornou clara e assumiu uma forma.

Gradualmente, encontrou um nome que ecoou com a força de mil decibéis: amor.

Ele podia sentir o amor de Jane penetrar em suas veias como ondas de calor. O amor por Rhys. Sim, amor verdadeiro.

Como era possível que não identificasse o sentimento? Amava Lilah. Ela também o amava. Por que não havia reconhecido o gosto no momento em que envolveu sua língua?

Christian nunca experimentara nada parecido no sangue de Lilah. Mesmo tentando reprimir o pensamento, sabia que era verdade. Nunca provara doçura ou cuidado. Nunca sentia aquele mesmo calor que agora o envolvia. Sentira somente a necessidade faminta da luxúria. Teria se confundido sobre o que era amor?

Ele recolheu as presas e olhou para Jane, quase inconsciente, desfalecida em seus braços. Mas, mesmo naquele estado, a conexão com Rhys estava intacta. Ela o chamava em pensamento.

Nunca experimentara nada parecido com Lilah. Eles nunca haviam se conectado daquela forma.

Christian balançou a cabeça, irritado. Posicionou as presas no pescoço de Jane.

Poderia ter tido a mesma conexão com Lilah se Rhys não tivesse arruinado tudo. Ele destruíra o amor que poderia haver na alma de Lilah.

Mesmo disposto a ir até o fim com sua vingança, ele sabia que não era verdade.

Lilah não o amara.

Ele recuou e estudou a mulher em seus braços. A amada do seu irmão mais se parecia com um anjo quebrado.

Um som esganiçado escapou de seus lábios. O que ele fizera? Em que ilusões se apoiara durante tantos anos?

Mortificado, Christian tomou Jane nos braços e levou-a para o sofá. Deitou-a sobre as almofadas, incerto sobre o que fazer. Sem a ira que o alimentara durante dois séculos, nada mais fazia sentido.

A porta se abriu com estardalhaço e Rhys entrou no aposento. Os olhos brilharam, selvagens, quando ele avistou Jane, mal registrando a presença de Christian.

Correu para ela e se ajoelhou ao lado do sofá. Os dedos trêmulos tocaram os cabelos, o rosto, o pescoço. Ele olhou para as mãos tingidas de sangue, e um grito visceral ribombou pelas paredes.

Somente então Rhys se levantou e, num movimento invisível, surgiu diante de Christian.

— O que você fez?

Christian recebeu o impacto da energia materializada num golpe que o arremessou de encontro à estante. Diversos livros caíram ao redor dele. Rhys o golpeou novamente e, dessa vez, deixou o irmão prostrado no chão. Os lábios sangravam, embora Christian não sentisse nenhuma dor.

Rhys surgiu diante dele e agarrou-o pelo colarinho, fazendo com que ficasse de pé.

A fúria queimava nos olhos dourados, e Christian soube que o irmão pretendia matá-lo. E, daquela vez, a morte seria justificada.

Rhys o prendeu contra a estante e o encarou.

— Lilah fez sexo comigo. Ela me seduziu, me hipnotizou. E quando percebi o que havia feito, fiquei doente pela culpa. Odiei-me por não conseguir impedir — ele grunhiu, expondo as presas alongadas. — E todas as vezes que fui até Lilah para mordê-la, queria apenas retribuir por ela ter arruinado minha família e matado nossa irmã.

Christian não disse nada. Estivera tão obcecado por Lilah que ficara cego para a verdade. Recusava-se a acreditar. Mas agora, que havia sentido o amor real e puro, sabia que jamais encontrara aquela emoção antes.

Rhys arreganhou os dentes, movendo-se para o ataque, quando a voz de Sebastian o interrompeu.

— Rhys, Jane está morrendo.

Ele soltou Christian no mesmo instante e se virou para ela.

— Ela mal consegue respirar. — Sebastian se agachou ao lado dela com expressão constrita. — Acho que ela não vai resistir.

— Não!

Rhys se ajoelhou diante dela e esmurrou o braço do sofá, sentindo-se inútil e furioso.

Christian continuava apoiado na estante, mas Sebastian não conseguiu ver nenhum traço de amargura ou ódio no rosto do irmão, como esperava. Ele parecia devastado e doente.

Sebastian não teve dúvida de que Christian ficara impassível para permitir o ataque que Rhys. Não sabia o que havia mudado o irmão mais novo nem o que trouxera de volta o homem que havia desaparecido com a chegada de Lilah na vida dele. Mas o irmão que ele amara estava lá, atormentado pelo que fizera. Christian não era mais o monstro que Lilah criara.

O olhar se encontrou com o dele. Os dois irmãos se encararam por um longo momento, e então Sebastian assentiu com um gesto discreto da cabeça, significando que compreendia.

Christian não reagiu. Simplesmente olhou para Rhys ajoelhado ao lado de Jane e, com a expressão carregada pelo mais profundo pesar, dissolveu-se em sombras.

Sebastian foi para perto de Rhys. Era o único que poderia ajudar naquele momento.

— Como ela está?

Rhys não respondeu. Continuou a tocá-la com dedos trêmulos, como se quisesse transmitir-lhe a vida.

— Você terá de transformá-la — sugeriu com determinação.

— Não.

— Rhys, você vai deixar que ela morra? — exasperou-se, pousando a mão na testa gelada de Jane.

— Não seja estúpido. Faça alguma coisa!

— Não vai funcionar, Sebastian. Ela não pode me dar seu consentimento.

Sebastian sabia que as palavras de Rhys eram a mais pura verdade. Mortais não podiam se transformar sem que aceitassem o dom sombrio de se tornarem vampiros.

— Rhys... — Ele pousou a mão nos ombros do irmão. — Ela vai morrer de qualquer forma. Você precisa tentar.

A cabeça de Rhys pendeu e ele não disse nada. Finalmente, levantou-se e tomou Jane nos braços.

Sebastian não o seguiu. Rhys tinha de lidar com a situação sozinho. Esperava apenas que fizesse a coisa certa.

Rhys carregou Jane para o quarto e a colocou no centro da cama. Com imenso cuidado, deixou-a numa posição sugerindo que estivesse apenas dormindo. A seguir, deitou-se ao lado dela.

Ele tentou detectar o movimento do peito e o ínfimo batimento do coração, sem saber se era real ou se o que desejavam ouvir.

Fechou os olhos, lutando com a própria decisão. Não podia deixá-la ir. Mas, se não conseguisse transformá-la, jamais seria capaz de superar a culpa por tê-la matado.

— Eu sinto muito — murmurou entre lágrimas. — Oh, Jane, eu sinto tanto!

Com um grito de agonia, ele inclinou a cabeça e cravou as presas na jugular de Jane. Tomou o sangue até que a respiração dela cessasse e o coração parasse de bater.

Ainda com o corpo inerte em seus braços, ele se recostou na cabeceira da cama e admirou mais uma

vez o rosto de beleza irretocável. Suas lágrimas caíram sobre a face sem vida, vazia.

— Por favor, Jane, volte para mim... Volte...

— Acorde, dorminhoco!

A voz de Jane penetrou na escuridão e envolveu Rhys. Abriu os olhos para encontrá-la debruçada sobre ele com um sorriso largo nos lábios cheios. Sentou-se imediatamente e tocou-a para ter certeza de que era real.

Jane riu, e o som pareceu a mais bela melodia aos ouvidos dele.

— Eu estou bem. Na verdade, sinto-me ótima.

Ele arregalou os olhos, ainda incapaz de acreditar que ela estava ali. Jane havia se transformado. Ficara com ela até que o sol, alto no céu o forçara dormir. Mas receava acordar e encontrá-la morta.

— Ainda não acredito...

— Não acredita no quê?

Ele sorriu e balançou a cabeça. Talvez ela não se lembrasse do que havia acontecido.

— Jane, na noite passada, Christian a atacou.

— Sim. Eu me lembro.

— Você... Você se lembra? E você sabe que Christian é...?

— Um vampiro? Sim. Eu juntei todas as peças ontem à noite. Encontrei um livro fascinante escrito por um homem chamado Kurtland Fower, e comecei a ver muitas conexões entre você e os vampiros que ele descrevia. Mas só acreditei quando Christian apareceu.

Rhys a encarou, atordoado.

— Jane, você aceitou com muita facilidade...

— Bem... — Ela pensou a respeito. — Você me mordeu enquanto fazíamos amor, certo?

Ele concordou, ainda tonto.

— Foi muito bom. Na verdade, acho que foi aquela mordida que me transformou.

Rhys balançou a cabeça.

— Não é possível. É preciso que um mortal consinta para ser transformado em vampiro.

— Você me transformou duas noites atrás, quando me mordeu.

— Por que tem tanta certeza?

— Pelo que vivi quando estávamos na banheira — ela disse com um sorriso significativo. — Eu conseguia ouvir seus pensamentos. Se fosse uma simples mortal, isso não seria possível.

Rhys ponderou que ela tinha razão. Sempre conseguira ler o pensamento dela, mas não havia recíproca. Ela se levantou de repente e seguiu pelo quarto.

— Aonde você vai?

— Consultar o dr. Fowler — ela respondeu do corredor. Rhys balançou a cabeça e caiu sobre os travesseiros.

Ainda não tinha força suficiente para segui-la.

Jane voltou em pouco tempo com um livro nas mãos. Ela se acomodou na cama enquanto o folheava.

— Aqui está! Transformação é o termo é usado quando um vampiro traz um mortal para seu mundo. Geralmente, é preciso obter o consentimento do humano para se conseguir o objetivo. Mas em raros casos.... — Ela se virou e endereçou olhar significativo a Rhys. — Em raros casos, quando o vampiro e o mortal formam almas gêmeas, o consentimento não é necessário, e a transformação começa na primeira mordida que o vampiro dá no parceiro.

Ela fechou livro e se virou para Rhys com um sorriso de triunfo.

— Você está orgulhosa de si, não é? — Ele não conseguiu deixar de sorrir.

— Sim.

— Agora, você é uma vampira. — A expressão de Rhys se tornou grave. — Sabe o que isso significa, Jane?

Ela ergueu os ombros.

— É melhor do que morrer.

Rhys sabia que o comentário pretendia ser engraçado, mas a culpa ainda pesava em seus ombros.

— Jane, você esteve rodeada pela morte durante toda sua vida. Tem certeza de que não vai se arrepender por viver num estado entre a vida e a morte?

— É verdade, eu cresci rodeada pela morte. Conheço mais esse assunto do que gostaria. Também sei que esse estado que assumimos não é a morte. Eu comecei à viver quando encontrei você, Rhys. Como posso me arrepender por ter uma eternidade com você? Eu te amo.

Pela primeira vez nas últimas horas, Rhys conseguiu respirar aliviado. Jane se virou e capturou os lábios dele num beijo possessivo. Quando se afastou, fitou-o com expressão preocupada.

— O que aconteceu com Christian?

— Ele desapareceu, e acho que não vai voltar.

— Ótimo. Eu estava com medo que você tivesse matado seu irmão.

Não era a resposta que ele esperava. Christian havia tentado matá-la e quase conseguira. Não podia imaginar que Jane tivesse qualquer simpatia por ele.

— Eu não seduzi Lilah — declarou com gravidade. — Ela usou poderes sobrenaturais para me controlar. Senti tanta repulsa na manhã seguinte que fiquei doente.

Em sua consciência, eu jamais trairia Christian daquela forma.

Jane ouvia, esperando que ele continuasse.

— Ela se tornou obcecada por mim, na certa, porque eu a rejeitei. Lilah não estava acostumada a ser rejeitada, e quis se vingar. Assumiu a forma de neblina e entrou no meu quarto para me mostrar que era vampira. Ela explicou que já tinha transformado Christian, e se eu não a deixasse me transformar, destruiria toda minha família.

Jane abafou uma exclamação indignada e procurou a mão dele.

— Mesmo depois de ver o que ela era, achei que podia recusá-la. Eu pensava ser mais forte do que de fato era. No dia seguinte, Elizabeth ficou doente. Ela sempre teve saúde delicada, e inicialmente desejei acreditar que era uma das afecções que sempre a acometiam. Com o passar dos dias, ficou evidente que ela tinha mais do que um simples resfriado. Procurei médicos após médicos, e eles não deram nenhuma resposta. Lilah voltou a me procurar e disse que estava drenando a vida de Elizabeth. Se eu não aceitasse me transformar, ela a mataria.

— E você concordou.

Rhys assentiu com expressão distante.

— Na noite seguinte, acordei em minha nova condição de vampiro e fui ver Elizabeth. Ela ainda estava na cama, com a pele tão pálida que se confundia com os lençóis. Estava gelada. Então, eu soube que havia partido. — Ele passou a mão pelos cabelos, num gesto desesperado. — Eu não pude aceitar. Revoltei-me por ter entregado minha alma a Lilah, e ela matou minha irmã mesmo assim.

Jane passou os braços ao redor dele. Rhys fechou os olhos e pressionou o queixo no topo da cabeça.

— Desde que ela me transformou, nunca fui poderoso a ponto de conseguir matá-

la. Não numa luta. Então, passei a procurá-la, fingindo estar apaixonado. Ela ficou tão envaidecida que acreditou em mim. Passei a mordê-la e a drenar o sangue dela mais e mais até que Lilah literalmente perdeu a sanidade. Foi o melhor que pude fazer para puni-la. Mas acabei punindo Christian também.

Jane massageou-lhe as costas tensas, tentando confortá-lo.

— Você não poderia deixar a morte de Elizabeth ficar sem punição.

— Mas magoei Christian.

— Não. Foi Lilah quem magoou Christian. Você apenas tentou proteger sua família.

O peito de Rhys se apertou. Ela compreendia. Ela acreditava. E, pela primeira vez, ele quase sentiu paz ao pensar na família.

— Eu te amo, Jane.

— Eu te amo, Rhys.

Ela moveu os lábios sobre o pescoço, contornando a linha do queixo. Ergueu a cabeça com um sorriso provocante.

— Eu já mencionei que tenho incríveis dentes novos?

Rhys sorriu, admirado com a facilidade com que ela o alegrava.

— É mesmo?

Ela assentiu com um brilho sedutor no olhar.

— Agora, quero que se deite. E a minha vez de morder você...

Epílogo

Jane se estendeu no sofá ao lado de Rhys e apoiou a cabeça no peito dele. Os dois ficaram quietos, assistindo a dança das labaredas da lareira.

— Você acha que algum dia voltará a ver Christian? — ela perguntou de repente.

Sebastian havia contado aos dois sobre a reação de Christian depois do ataque a Jane, e todos concordaram que havia mudado. De alguma forma, ele havia se libertado da obsessão por Lilah.

— Não sei. Espero que sim. Lilah o controlou por tanto tempo que ele se perdeu de si mesmo. Levará muito tempo para que ele consiga se reequilibrar.

— Pobre Christian.

Rhys ergueu a cabeça para encará-la.

— Não posso acreditar que você o perdoou com tanta facilidade.

— Ele se arrependeu, Rhys.

— Quase tarde demais.

— Christian precisa da nossa ajuda, se algum dia ele permitir ser ajudado.

Rhys sorriu, cada vez mais encantado com sua amada.

— Você deve ser a única vampira boa samaritana que existe!

— E você continua rabugento como um ogro!

— Eu tento...

Jane sorriu. Rhys gostava de fingir que era o mesmo vampiro amargurado e carrancudo que ela conhecera, mas na verdade, era honrado e generoso. E ela gostava de pensar que agora ele estava feliz e capaz de lidar com o passado.

Ele certamente contribuía para que ela acreditasse nisso. Jane sempre o flagrava sorrindo sem motivo aparente.

Ela fazia o mesmo. A vida como vampiro não era aterrorizante como nos filmes. O

livro do dr. Fowler mostrava uma visão mais objetiva acerca do vampirismo, e a ajudava a se livrar dos preconceitos e a lidar melhor com sua nova condição.

Os sentidos de Jane se tornaram mais aguçados, e a capacidade de sentir prazer ficara mais poderosa, embora Rhys gostasse de assumir o crédito pela última mudança.

Com exceção da forma de se alimentar, o vampirismo era maravilhoso. A necessidade de sangue era menos repugnante do que ela imaginara. Ela e Rhys se alimentavam através dos bancos de sangue, e enquanto Sebastian achava a idéia degradante, considerava melhor do que se alimentar dos párias que o irmão usava para se nutrir.

— Do que você está rindo?

A voz de Rhys a distraiu dos pensamentos.

— De nada. Estou só pensando em como sou feliz.

— *Você é feliz?* Então, como definir o que eu sinto? — Rhys sentou-se e a admirou com olhar intenso. — Jane, você me deu algo que eu julgava ter perdido para sempre.

Minha alma.

Ele apanhou a mão dela e beijou a palma. Jane suspirou. Nunca se cansava do toque de Rhys.

Os dois davam um ao outro mais do que esperavam ter. Eles se davam mutuamente a vida, uma vida plena de amor.

Uma tosse abafada ecoou da porta, mas eles não interromperam o beijo. A tosse ecoou mais uma vez, com mais força, e mesmo Jane sabendo que deveria parar, não tinha forças para resistir à sedução de Rhys.

— Olá? — Sebastian chamou em voz alta.

Eles se separaram e olharam para Sebastian ao mesmo tempo.

— Tenho boas novas. — Ele entrou na sala com um sorriso largo. — Vocês ficarão felizes... Ou melhor, ainda mais felizes ao saberem que os proclames foram publicados e o vigário finalmente está aqui.

Ele se afastou para que o dr. Num, ou quem quer que fosse, entrasse na sala.

— Tenho de confessar que David nunca foi médico, mas ele tem a habilidade de uni-los nos sagrados laços do matrimônio — Sebastian informou com solenidade.

— Sim, e tudo legalizado. Consigo a papelada toda pela internet — David explicou, orgulhoso. — Estão preparados?

Jane e Rhys se entreolharam e riram alto. Sebastian se juntou a eles. Apenas David, ou dr. Num, se manteve sério.

Mais tarde naquela noite, depois de fazerem amor, Rhys tomou a mão de Jane e deslizou uma aliança de ouro em seu dedo anular.

— O anel da minha mãe! — ela exclamou, surpresa.

— Encontrei-o no beco, junto com essa outra aliança, depois que você foi atacada por aquele mortal.

Ele estendeu a aliança do pai de Jane, e antes que ela a colocasse no dedo anular da mão esquerda de Rhys, recitou a inscrição forjada no ouro:

— *Para R. Eternamente sua. J.* As iniciais do meu pai, Robert, e da minha mãe, Julia, combinam com nossos nomes. Rhys e Jane, para sempre.

— Para sempre... — Rhys confirmou antes de beijá-la.